

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Jorge Vinicius Quevedo da Cruz**

**CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS, RELIGIOSIDADE E EDUCAÇÃO EM  
VALE VÊNETO – RS (1886-1945)**

Santa Maria, RS  
2019



**Jorge Vinicius Quevedo da Cruz**

**CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS, RELIGIOSIDADE E EDUCAÇÃO EM  
VALE VÊNETO – RS (1886-1945)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marta Rosa Borin (UFSM)

Santa Maria, RS  
2019

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

Cruz, Jorge Vinicius Quevedo da  
Congregações religiosas, religiosidade e educação em  
Vale Vêneto - RS (1886-1945) / Jorge Vinicius Quevedo da  
Cruz.- 2019.  
125 p.; 30 cm

Orientadora: Marta Rosa Borin  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em História, RS, 2019

1. Imigração Italiana 2. Religiosidade 3. Restauração  
Católica 4. Educação 5. Vale Vêneto/RS I. Borin, Marta Rosa  
II. Título.

**Jorge Vinicius Quevedo da Cruz**

**CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS, RELIGIOSIDADE E EDUCAÇÃO EM  
VALE VÊNETO – RS (1886-1945)**

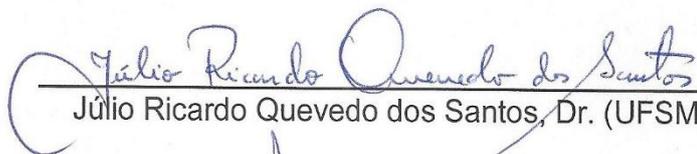
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**.

Aprovado em 09 de janeiro de 2019:



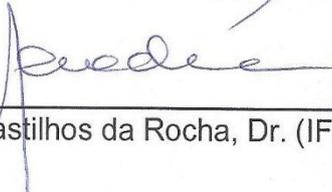
---

**Marta Rosa Borin, Dra (UFSM)**  
**(Presidente/orientadora)**



---

**Julio Ricardo Quevedo dos Santos, Dr. (UFSM)**



---

**Aristeu Castilhos da Rocha, Dr. (IFFar)**

Santa Maria, RS  
2019



## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não seria possível sem a ajuda de pessoas que compõem meu núcleo familiar, e professores e colegas que me ajudaram a constituir essa pesquisa de mestrado.

Agradeço à minha família, em especial, à minha mãe, Maria Quevedo da Cruz.

As minhas tias Marina Quevedo da Cruz, Elizabete da Cruz Araujo, Zaira da Cruz Cortois e ao meu tio Lenoar Prestes.

Aos meus primos Kleiton da Cruz Prestes, Mateus da Cruz Cortois, Loren Janaina da Cruz Araújo, Carlos Junior Leindecker de Souza, Aline Indaia da Cruz Araújo Flôres, Rodrigo Dutra Flores e Leticia Jaqueline da Cruz Araujo.

As colegas Jacinta Pivetta Vizzotto, Célia Foletto, e Cleuse (Arquivista do Arquivo Palotino de Santa Maria/RS).

Aos professores e colegas do PPGH/UFSM, em especial a Adriano Sequeira Avello, que me incentivou a fazer o Mestrado em História.

A minha orientadora Marta Rosa Borin, pelas reflexões a cerca da pesquisa, ao qual, contribuíram muito para o desenvolvimento de minha Dissertação de Mestrado.



## RESUMO

# CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS, RELIGIOSIDADE E EDUCAÇÃO EM VALE VÊNETO – RS (1886-1945)

AUTOR: Jorge Vinicius Quevedo da Cruz

ORIENTADORA: Marta Rosa Borin

Esse resumo tem por objetivo apresentar a dissertação intitulada “Congregações religiosas, religiosidade e educação em Vale Vêneto – RS (1886 -1945)”. A partir da pesquisa bibliográfica e documental buscamos demonstrar como a religiosidade presente entre imigrantes italianos estabelecidos em Vale Vêneto, comunidade localizada na Quarta Colônia de Imigração Italiana do Estado do Rio Grande do Sul, se manifestou através de obras construídas naquele núcleo colonial, haja vista a presença da Igreja Católica que via na educação uma forma de reforçar os laços de identidade cultural dos imigrantes que em sua maioria eram católicos. Os colonos buscavam através da Igreja uma forma de progresso para aquela região. Em contrapartida, a instituição religiosa via na emigração de italianos para o Sul do Brasil uma forma de reforçar o poder e a influência do clero romanizado. Nesse contexto, a Congregação Palotina e as Irmãs do Imaculado Coração de Maria tiveram um papel importante entre os habitantes daquela região, através da construção de uma rede de assistência religiosa e educacional. Portanto, questionamos qual o papel dessas congregações religiosas na construção de formas de sociabilidade, ao mesmo o tempo, criando bases para a organização de um campo religioso favorável para o catolicismo. Com esse estudo visamos compreender como a religiosidade entre um determinado grupo de imigrantes italianos constituiu um papel importante no processo de formação da localidade de Vale Vêneto, através do empenho de seus habitantes que buscaram construir um elo entre o religioso, a educação e a vida comunitária. Este trabalho está vinculado às atividades desenvolvidas na Linha de Pesquisa “Cultura, Migrações e Trabalho”, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria.

Palavras-chave: Imigração Italiana; Religiosidade; Restauração Católica; Educação; Vale Vêneto.



## **ABSTRACT**

# **RELIGIOUS CONGREGATIONS, RELIGIOSITY AND EDUCATION IN VALE VÊNETO – RS (1886-1945)**

**AUTHOR: Jorge Vinicius Quevedo da Cruz**

**ADVISOR: Marta Rosa Borin**

This abstract has the purpose of presenting the dissertation entitled "religious congregations, religiosity and education in Vale Vêneto – RS (1886-1945)". From the bibliographical and documentary research we seek to demonstrate how the present religiosity among the Italian immigrants established in Vale Vêneto, community located in the region of the Fourth Immigration Colony of the State of Rio Grande do Sul, manifested through works built in the colonial nucleus, due to the presence of the Catholic Church which saw in education a way of strengthening the ties of cultural identity of immigrants who were mostly catholics. The settlers sought through the Church a form of progress for that region. On the other hand, the religious institution saw in the emigration of Italians to the South of Brazil a way of reinforcing the power and influence of the romanized clergy. In this context, the Pallottine Congregation and the Sisters of the Immaculate Heart of Mary played an important role among the inhabitants of that region through the construction of a network of religious and educational assistance. Therefore, we question the role of these religious congregations in the construction of forms of sociability, at the same time, creating bases for the organization of a religious field favorable to catholicism. This study aims to understand how religiousness among a group of Italian immigrants played an important role in the process of formation of the locality of Vale Vêneto, through the effort of its inhabitants who sought to build a link between religious, education and community life. This work is linked to the activities developed in the Research Line "Culture, Migrations and Labor", of the Graduate-Program in History of the Federal University of Santa Maria.

**Keywords: Italian Immigration; Religiosity; Catholic Restoration; Vale Vêneto**



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Monumento ao Imigrante, local denominado de Barracão Val de Buia (Silveira Martins), onde se instalaram os primeiros imigrantes italianos .....	30
Figura 2: Mapa da Região da Quarta Colônia de Imigração italiana .....	31
Figura 3: Centro comercial de Paulo Bortoluzzi Vale Vêneto/RS.....	51
Figura 4: Local onde foi celebrada a primeira missa em Vale Vêneto, Monumento Corpus Christi (cálice, a hóstia e a cruz) .....	52
Figura 5: Imigrantes italianos presentes na primeira missa de Vale Vêneto/RS (1879).....	53
Figura 6: Capela São Francisco de Assis, Vale Vêneto/RS .....	54
Figura 7: Telégrafo noticiando a chegada dos padres palotinos .....	59
Figura 8: Sino da Igreja Matriz Corpus Christi .....	63
Figura 9: Igreja Matriz de Corpus Christi, Vale Vêneto/RS .....	65
Figura 10: Benção da Bandeira da União dos Moços Católicos por Monsenhor Custódio Bandeira, em 15 de agosto de 1926 .....	68
Figura 11: Filhas de Maria, 1925, Vale Vêneto .....	69
Figura 12: Carta pedindo a licença para o Pe. Frederico Schwinn fundar o Apostolado da Oração em Vale Vêneto .....	70
Figura 13: Professores, padres e seminaristas na Casa Paroquial (1894), Vale Vêneto/RS .....	73
Figura 14: Seminário Rainha dos Apóstolos em Construção, Vale Vêneto/RS .....	74
Figura 15: Cerimônia de lançamento da primeira pedra do Seminário Rainha dos Apóstolos, Vale Vêneto/RS (1922).....	75
Figura 16: Seminário Rainha dos Apóstolos, Vale Vêneto/RS .....	76
Figura 17: Alunos internos (seminaristas) do Seminário Rainha dos Apóstolos (1936), Vale Vêneto/RS .....	76
Figura 18: Sala de aula no Seminário Rainha dos Apóstolos, Vale Vêneto/RS .....	77
Figura 19: Tipografia em Vale Vêneto/RS.....	85
Figura 20: O Pirlampo – Órgão Oficial dos Seminaristas Menores.....	87
Figura 21: Time de futebol do Seminário Rainha dos Apóstolos (1959), Vale Vêneto/RS.....	88
Figura 22: Jornal Atalaia .....	89
Figura 23: Escola Nossa Senhora de Lourdes (esquerda); casa doada por Paulo Bortoluzzi para receber as irmãs (direita), Vale Vêneto/RS (1922) .....	96
Figura 24: Irmãs junto às primeiras jovens vocacionadas, Vale Vêneto/RS .....	97
Figura 25: Mapa com a organização dos lotes coloniais dos primeiros habitantes de Vale Vêneto/RS .....	101
Figura 26: Alunas e alunos Internos da Escola Nossa Senhora de Lourdes, Vale Vêneto/RS, entre 1945 e 1946 .....	104
Figura 27: Alunas e alunos na formatura do Curso de Datilografia (1945), Vale Vêneto/RS .....	105



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição das aulas no Seminário Rainha dos Apóstolos (1954), Vale Vêneto/RS .....	78
Quadro 2: Horário aprovado do Seminário Rainha dos Apóstolos (1954), Vale Vêneto/RS .	79
Quadro 3: Donativos para o Seminário Rainha dos Apóstolos, Vale Vêneto/RS .....	81
Quadro 4: Aspirantes à vida religiosa em Vale Vêneto 1892-1913.....	99



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
1.1 O BRASIL E A IMIGRAÇÃO ITALIANA .....	25
1.3 A RELIGIOSIDADE ENTRE OS IMIGRANTES ITALIANOS.....	36
<b>2 A IGREJA CATÓLICA E A EDUCAÇÃO</b> .....	39
<b>3 MOVIMENTO DOS IMIGRANTES ITALIANOS PELA PIA SOCIEDADE DAS MISSÕES</b> .....	49
3.1 ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS .....	66
3.2 SEMINÁRIO RAINHA DOS APÓSTOLOS.....	72
3.3 REVISTAS PALOTINAS .....	83
<b>4 IGREJA CATÓLICA E EDUCAÇÃO FEMININA: IRMÃS DO IMACULADO CORÇÃO DE MARIA EM VALE VÊNETO</b> .....	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	107
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	113



## INTRODUÇÃO

A presente dissertação de Mestrado está ligada a Linha de Pesquisa “Cultura, Migrações e Trabalho”, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, área de concentração História, Poder e Cultura. Essa pesquisa está ligada ao tema Imigração Italiana, religiosidade e educação. Para a análise desse estudo, elegeu-se o núcleo colonial de Vale Vêneto, entre o final do século XIX e primeira metade do século XX. A comunidade de Vale Vêneto, atual distrito de São João do Polêsine, faz parte da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, localizada na região central do Estado.

O foco dessa pesquisa é demonstrar como a religiosidade entre os imigrantes italianos se manifestou por meio das obras construídas na comunidade, haja vista o estímulo e a chegada de congregações religiosas, que através da educação católica constituíram um meio para reforçar os laços de identidade cultural dos imigrantes.

A chegada de imigrantes italianos ao Brasil, no final do século XIX, não serviu apenas aos interesses do governo brasileiro. Esse processo coincide com um momento de mudanças estruturais na Igreja Católica, ou seja, o processo chamado de Restauração Católica ou romanização<sup>1</sup> no território brasileiro. A Igreja buscava maior autonomia frente ao Estado, haja vista que o regime do padroado régio<sup>2</sup> no

---

<sup>1</sup> “A Romanização do catolicismo refere-se à reorganização institucional da Igreja baseada nas determinações da Cúria Romana. Surgiu como desdobramento da orientação política ultramontana da Igreja, a qual se desenvolveu como reação ao mundo moderno. Reflete, portanto, um esforço de adaptação e reação da Igreja aos novos desafios advindos com a ascensão dos ideais iluministas, contidos no liberalismo, no racionalismo e no socialismo os quais questionavam e combatiam sua influência ideológica em várias esferas sociais” (MONTEIRO, 2011, p.36). “A romanização nasceu dos esforços da Igreja para reafirmar seu poder e influência em meio às grandes mudanças produzidas pelo mundo moderno. Surgiu após os generalizados ataques da Revolução Francesa contra o clero e os privilégios, bens e doutrina da Igreja” (SERBIN, 2008, p. 79).

<sup>2</sup> “O regime do padroado brasileiro tem suas origens no padroado português, e as origens históricas do padroado remontam ao século IV, quando o cristianismo não tinha permissão para realizar suas práticas religiosas livremente nos territórios do Império Romano. O padroado foi criado através de um tratado entre a Igreja Católica e os reinos de Portugal e Espanha. A Igreja delegava aos monarcas dos reinos ibéricos a administração e a organização da Igreja Católica em seus domínios. O rei mandava construir igrejas, nomeava os padres e os bispos, sendo estes depois aprovados pelo Papa. Assim, a estrutura do reino de Portugal e de Espanha tinha não só uma dimensão político-administrativa, mas também religiosa. O sentido para a implantação da ordem do padroado no Brasil se convergia em dois motivos pertinentes, a expansão das fronteiras e a propagação da fé católica, como pressuposto necessário da colonização das novas terras descobertas” (HOORNAERT, 1974, p. 165). O padroado limitava a autonomia da Igreja Católica no Brasil e refreava seu poder enquanto instituição. O monarca submetia a Igreja à tutela governamental, nomeando bispos e padres, mandando construir igrejas, arrecadando e administrando o dízimo eclesiástico. O padroado “[...] ostensivamente oferecia privilégios à Igreja, mas na realidade permitia ao Estado salvaguardar zelosamente o seu poder” (SERBIN, 2008, p. 48).

território brasileiro configurava um controle às ações religiosas do clero. Com a Proclamação da República em 1889, abria-se um espaço para a instalação e manifestação de novas crenças. A Quarta Colônia de Imigração Italiana, especificamente a localidade de Vale Vêneto, estava inserida nesse contexto, pois os imigrantes italianos que ali se estabeleceram encontraram na religiosidade uma forma de integração social, o que muito contribuiu para buscarem o desenvolvimento local.

A presença de italianos católicos romanos no Vale Vêneto abriu caminho para reforçar a estrutura sócio-religiosa da comunidade, que à época primava pela obediência ao Vaticano, tanto que com o empenho das famílias locais conseguiram mobilizar a vinda de sacerdotes italianos para o povoado. Assim, em 1886, a Congregação Palotina chegava ao Vale, iniciando seu trabalho missionário, edificando uma Igreja e criando um seminário. Outro acontecimento que remete a esta questão é a chegada ao vilarejo da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, em 1892, onde inauguraram uma escola de ensino primário entre os imigrantes italianos, no mesmo ano. A vinda de religiosos era um desejo da comunidade, que através do engajamento de seus habitantes custearam o estabelecimento das autoridades religiosas, como o caso do padre Antônio Sório e Vitor Arnoffi.

Se, para o clero os imigrantes italianos católicos representavam uma alternativa para reforçar o projeto de romanização no Brasil, indagamos sobre o projeto da Congregação Palotina e das Irmãs do Imaculado Coração de Maria para aquela região, pois os imigrantes esperavam não somente ter assistência espiritual, mas também educacional, já que ali se estabeleceram para se desenvolverem economicamente.

As instituições e associações religiosas, bem como o líder religioso, lidam com estratégias de ações e estabelecem relações de poder que justificam a posição ocupada no campo religioso. Assim, entendemos o campo religioso como um espaço estruturado por diferentes posições, determinado por práticas e representações religiosas, composto por especialistas que possuem um saber religioso já acumulado (BOURDIEU, 2007). Nesse contexto, buscamos demonstrar como a presença da Igreja Católica no Vale Vêneto constituiu uma importante zona

---

de convergência, através das relações sócio-religiosas importantes para o desenvolvimento daquele núcleo colonial.

Nessa pesquisa, a religião, assim como, a língua e a educação, serão consideradas, como fatores importantes de convergência de identidade entre os imigrantes italianos. Trabalhamos com a concepção de que a religião e Estado tiveram um papel relevante na formação da comunidade. Sendo assim, a presença da religiosidade no meio rural era uma forma de legitimar a colônia.

A religião entendida como [...] “o conjunto de doutrinas e práticas institucionalizadas, cujo objeto e objetivo é fazer a ponte de ligação entre o sagrado e o profano, o caminho de reaproximação entre criatura e criador, o Homem e Deus” (MANOEL, 2007, p. 107). Então, cabe aqui ressaltar, a fé e a devoção religiosa entre os imigrantes italianos mesclavam-se com o catolicismo tradicional e o culto aos santos, o que se tem denominado por religiosidade popular. Nesse sentido, a religiosidade nem sempre se manifestava por meio da religião institucionalizada, pois “a religiosidade, na sua condição de característica exclusivamente humana, revela um atributo humano de busca do sagrado, sem especificar o que seja esse sagrado” (MANOEL, 2007, p. 107). Sendo assim, os imigrantes mantinham, ao mesmo tempo, suas crenças, e o catolicismo romano como religião oficial.

O marco temporal de nosso trabalho inicia-se em 1886, com a chegada dos padres Palotinos em Vale Vêneto, com destaque à inauguração do Seminário Rainha dos Apóstolos, em 1923, e vai até 1945, final do Estado Novo, quando no governo de Getúlio Vargas. A partir desse período, o processo educacional vai ter outros desdobramentos a nível nacional, com o processo de nacional-desenvolvimentismo<sup>3</sup>. No entanto, isso não implica que em alguns momentos esse estudo perpassasse 1945, como forma de explorar melhor as fontes.

---

<sup>3</sup> “[...] o Estado brasileiro, no período do nacional-desenvolvimentismo (1945-1964), tornou-se cada vez mais centralizador para tentar consolidar o modo de produção capitalista com base industrial, transformando-se no eixo propulsor para o desenvolvimento conservador e desigual. Pretende ainda mostrar como esse Estado redimensiona a educação, a partir da tríade sociedade, economia e educação, ancorada pelas proposições dos planejamentos setorial e global, determinados por essa modernização da economia industrial. Assim, faz-se necessário conceber o Estado brasileiro como uma complexa estrutura jurídico-política burguesa, burocrática e patrimonial, cujo viés ideológico nacionalista leva a uma vinculação estratégica do político ao administrativo, ao assumir-se como aparelho planejador, tendo como referência a necessidade de pensar a educação com os aspectos e demandas do desenvolvimentismo econômico e social. [...]. A constituição de 1946 (no período da chamada etapa educacional populista: 1946-1960 levou à precisão de elaborar leis e diretrizes para o ensino. Começa a longa peregrinação da lei de, Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sancionada somente em 1961. Essa lei visava substituir a Reforma Capanema de 1942. Em 1948, o Ministro Clemente Mariani encaminha o primeiro Projeto-de-Lei, que propõe a rede escolar gratuita

Para compreender o papel da religiosidade no Vale Vêneto, buscamos nos alicerçar sobre a ampla produção historiográfica no que tange imigrantes italianos, ítalo-brasileiros e contato com o catolicismo. Ao analisar a revisão bibliográfica sobre o tema proposto, cruzamos as informações com as seguintes fontes: A *Revista Rainha dos Apóstolos* (1923 1926,1927 e 1929) e o *Álbum n° 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto* (1992). Naquela constam informações importantes sobre Vale Vêneto, por exemplo, cerimônias religiosas, fotografias, a atuação dos palotinos entre os imigrantes italianos. A segunda é composta especificamente por registros fotográficos e informativos sobre a Escola Nossa Senhora de Lourdes, através das ações das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. A partir do cruzamento das fontes com as referências bibliográficas, buscamos compreender os mecanismos de engajamento social dos padres palotinos e das Irmãs de Maria em Vale Vêneto. Além disso, consultamos o acervo do Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS e o acervo do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo, em Vale Vêneto/RS, onde encontramos documentos e fotografias que foram subsídios para nossa pesquisa.

O importante a ressaltar é o ineditismo de muitas destas fontes consultadas, o que possibilitou compreender a importância da história sócioreligiosa de Vale Vêneto. Ao analisar essas fontes, ou seja, imagens, documentos produzimos alguns quadros analíticos a fim de sistematizar informações, que podem contribuir para o estudo da religiosidade na Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul.

Esta dissertação é dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, *Imigração italiana, colonização e religião*; primeiramente, exemplificamos alguns fatores de expulsão e atração na dinâmica do processo migratório, em que culminou com a emigração italiana para o Brasil e sua inserção no Estado do Rio Grande do Sul. Em um segundo momento, abordamos a Restauração Católica, um movimento da Igreja Católica que adotou uma posição concentração das decisões nas mãos do papado e contra os ideais do mundo moderno. Assim, buscamos demonstrar a relação entre a romanização da igreja e a imigração italiana no sul do Brasil, através

---

até o secundário e cria a equivalência dos cursos de nível médio, mediante prova de adaptação. Esse anteprojeto correspondia, em seu cerne, ao que previa a Constituição, pois aludia aos direitos à educação; apresentava a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário e gratuidade da escola pública em seus vários níveis de ensino; de igual modo, colocava as obrigações e responsabilidades do Estado relativas ao “sistema” de ensino [...]”(GOMIDE; SOUZA; SANTOS, 2012, p,114-115 e 119-120).

da chegada de congregações religiosas católicas que se estabeleceram nas zonas coloniais. Em um terceiro momento, discutimos a religiosidade presente entre os imigrantes. Essa religiosidade proporcionou aos italianos uma forma de manutenção das práticas religiosas e relações sociais na comunidade.

No segundo capítulo, *Igreja Católica e educação*, analisamos a presença da Igreja através da educação, como mecanismo de inserção e doutrinação religiosa e moral entre os imigrantes italianos. Nesse contexto, problematizamos o processo educacional a nível nacional, bem como as estratégias da Igreja, via educação, quando recupera seu poder simbólico e político, após a Proclamação da República, sobretudo quando conquista o ensino religioso no Estado.

No terceiro capítulo, *Movimento dos Imigrantes italianos pela Pia Sociedade das Missões*, estudamos o processo de formação da comunidade de Vale Vêneto, destacando a história da família Bortoluzzi. O foco desse capítulo está centrado na chegada dos padres palotinos, os religiosos faziam parte de uma congregação que imprimiu um novo ritmo na vida cotidiana da população de imigrantes, através dos ofícios religiosos, da construção de uma Igreja Matriz de grandes proporções para a época, da edificação de um Seminário e da criação de algumas associações religiosas. Este tema já foi pesquisado por alguns autores, como Biasoli (2010) e Vendrame (2007), no entanto, neste trabalho, através de novas fontes de pesquisa, trazemos outras informações que atestam a influência das congregações religiosas para o lugar.

O quarto capítulo, *Igreja Católica e educação feminina: Irmãs do Imaculado Coração de Maria em Vale Vêneto*, examinamos a chegada das Irmãs do Imaculado Coração de Maria em Vale Vêneto, que fundaram na comunidade uma escola confessional de ensino primário, atendendo aos filhos dos imigrantes do lugar e de outras regiões próximas. As Irmãs de Maria, constituíram uma importante base para o processo de romanização, ao fazer uma ligação entre religião e educação, as religiosas inseriam crianças e adolescentes às práticas e cultos do catolicismo oficial.



# 1 IMIGRAÇÃO ITALIANA, COLONIZAÇÃO E RELIGIOSIDADE

## 1.1 O BRASIL E A IMIGRAÇÃO ITALIANA

A emigração italiana para o Brasil no final do século XIX esteve inserida dentro de um processo amplo de expansão do capitalismo a nível mundial. Na Europa, a sociedade camponesa e agrária deu lugar a uma economia industrial e as novas formas de trabalho e produção, que então, foram adotadas. No território brasileiro, a entrada de imigrantes italianos seria uma alternativa a economia escravista brasileira, que com o processo de abolição da escravidão, culminada em 1888, buscava substituir a mão de obra escrava, sobretudo, para trabalharem nas lavouras de café de São Paulo.

O avanço do capitalismo trouxe mudanças políticas, sociais e econômicas para as populações europeias. A revolução industrial imprimiu um novo ritmo à sociedade, as cidades cresceram, os sistemas de transportes foram melhorados, o controle sobre doenças e mortalidade foi aperfeiçoado. Por outro lado, o setor industrial e as novas tecnologias implicaram mudanças sobre algumas formas de trabalho no campo e na cidade.

No campo, “O aumento de produtividade e a crescente mecanização da agricultura [...] significaram menor necessidade de mão-de-obra, exatamente num momento em que surgia um excedente de força de trabalho” (KLEIN, 1999, p.15). O investimento em produtos manufaturados e baratos gerou uma ampla concorrência, o que acabou por desarticular a produção de pequenos agricultores e artesãos. Sem terra e sem trabalho, muitos viravam operários nas fábricas ou migravam para outros locais em busca de melhores condições de vida.

A passagem do sistema feudal para o de produção capitalista seguiu linhas básicas em todos os países que se industrializaram; o que variou foi à época em que isso aconteceu. Os pilares dessa passagem foram: concentração da terra nas mãos de poucos proprietários; altas taxas de impostos sobre a propriedade, que impeliram o pequeno proprietário a empréstimo conseqüente endividamento; oferta por parte da grande propriedade de produtos a preços inferiores no mercado, eliminando a concorrência do pequeno agricultor, e, por fim, a transformação deste em mão-de-obra para a indústria nascente (ALVIM, 1999, p. 385).

O sistema capitalista trouxe novas formas de vivência à condição camponesa. O camponês que antes trabalhava para sua subsistência foi gradativamente sendo obrigado a trabalhar para outras pessoas. Em um primeiro momento, muitos trabalhadores migravam para os centros urbanos em busca de emprego. Na medida em que as cidades já não absorviam o contingente de mão de obra, a alternativa foi migrar para outros continentes.

Na Itália, as ondas migratórias não eram novidade entre os italianos. “Desde o período napoleônico, o agricultor costumava sair, durante o inverno das suas montanhas para buscar trabalho nas regiões planas ou na Europa central” (ALVIM, 1999, p.386). A partir da unificação política da Península Itálica (1871), o capitalismo emergiu com maior amplitude nas províncias italianas, sobretudo, as localizadas ao norte. Com isso, os eventos migratórios entre os italianos vão constituir-se em maior escala, ao ponto que emigrar para outros continentes tornou-se uma alternativa possível.

O período de emigração transoceânica na Itália intercorria com um processo político recém-instalado. A unificação italiana acabou não resolvendo os problemas referentes à expansão do capitalismo, a economia era formada por uma agricultura arcaica que não fornecia condições para a sobrevivência da população. A Itália pós-unificada convivia com um alto custo de vida da população, baixos salários e altas taxas alfandegárias. O trabalho e as condições de vida no campo cada vez mais se deterioravam, o sistema de cultivo era ultrapassado, não havia métodos efetivos para conservar o solo, a produção era baixa, todos esses fatores, forçaram o trabalhador camponês abandonar o campo e transferir-se para os centros urbanos (HERÉDIA, 2005).

No momento da unificação a Itália era um país tipicamente agrícola. Enquanto as províncias ao sul mantinham-se agrárias as províncias localizadas ao norte se industrializavam. No norte, a maioria da população vivia em vilarejos e atuavam como minifundiários. Contudo, a produção agrícola acabava tornando-se insuficiente para alimentação e as famílias eram obrigadas a arrendarem as terras de suas propriedades. As terras cultiváveis, que já eram poucas, ficavam nas mãos de poucos latifundiários que cediam parte da produção aos camponeses. Como as famílias dos trabalhadores rurais eram muito extensas o sustento da família ficava prejudicado (VIZZOTTO, 2014).

A grande demanda global por mão de obra, na qual os italianos responderam com prontidão, foi impulsionado pelo fim do regime escravocrata nas antigas colônias europeias na América, como também pela difusão do setor industrial na sociedade e pela construção de Estados independentes em todo continente americano. No primeiro caso, temos uma ampliação no campo de trabalho na agricultura. No segundo, há uma grande geração de empregos em ramos como o da construção civil e a indústria. Por último, a criação de Estados Nacionais que viam a imigração como uma forma de progresso e civilidade a sua sociedade, e outro fator, se deve as diversas redes de migração que se formaram nas esferas locais e regionais, constituindo destinos dos mais diversos para os emigrados (BERTONHA, 2005).

No Brasil, a imigração italiana está relacionada com a crise que a economia escravista brasileira sofreu a partir de 1850, com a promulgação da Lei Euzébio de Queiroz, que determinava o fim do tráfico externo de escravos para o território brasileiro. Essa lei deve ser compreendida dentro de um quadro de exigências que a Inglaterra fizera ao Brasil pelo fim da escravidão. As pressões do governo inglês estavam atreladas “[...] as transformações que a economia europeia estava passando desde a segunda metade do século XVIII, com o desenvolvimento do capitalismo e a subsequente crise do sistema colonial, do qual o Brasil era parte integrante” (SILVA, 2008, p.1). Com o advento do capitalismo industrial diversos grupos condenavam a escravidão, no sistema escravista o escravo era privado do poder aquisitivo, limitando a expansão do sistema capitalista. Nesse sentido, a Inglaterra tinha interesse em aumentar seu mercado consumidor, o que somente se conseguiria através da abolição da escravidão.

[...] a inserção da economia brasileira no mercado internacional viria proporcionar, entre outras coisas, a maciça imigração durante o século XIX. Tornou-se necessário um suprimento de mão-de-obra diversificada para alimentar o crescimento verificado no setor comercial e financeiro, tanto sob o aspecto quantitativo, como sob o aspecto da qualificação. Foi preciso prover os espaços vazios que surgiram em decorrência do rápido processo de urbanização, prover a mão-de-obra para a crescente lavoura do café que se ressentia da escassez do elemento escravo. Era necessário, ainda, povoar e colonizar diversas áreas improdutivas, especialmente na região sul do país onde se encontrava o principal eixo econômico [...] (CONSTANTINO, 1991, p.53).

É nesse momento que o governo brasileiro passa a se preocupar com as políticas de terra e força de trabalho. Então, a imigração europeia tornou-se uma alternativa para substituir a mão de obra escrava, especialmente para trabalharem nas fazendas de café de São Paulo que necessitavam urgentemente de “braços” para a lavoura.

Muito além do aspecto econômico, o desejo por imigrantes do meio rural europeu ia ao encontro das teses de branqueamento compartilhada entre muitos intelectuais brasileiros<sup>4</sup>. O Brasil precisava de trabalhadores brancos e sadios, com todas as boas qualidades do camponês e do artífice (SEYFERTH, 2000). Havia ainda a ideia que o elemento branco europeu traria ao Brasil o mesmo progresso que seu país de origem, ao mesmo tempo, civilizaria o brasileiro.

Uma das medidas para incentivar a vinda de imigrantes foi a promulgação da Lei de Terras (1850). Através dessa lei, o governo regularizou as antigas sesmarias e reafirmou seu poder sobre terras devolutas. A terra, símbolo de status até então, não poderia ser doada ao elemento nacional ou imigrante, somente adquirida mediante a compra. Assim, era uma forma do governo brasileiro lucrar com a venda de terras e ocupar os considerados vazios demográficos do império.

A intensa propaganda era outra forma de atrair os imigrantes europeus. A política propagandista consistia na promessa de enriquecimento rápido, das vantagens de adquirir um lote de terra e do sonho de “Fazer a América”. Através das agências de imigração muitos agentes infiltravam-se em vilas e cidades para promover a emigração.

No Rio Grande do Sul a imigração italiana formou-se a partir de pequenos grupos coloniais (pequena propriedade). As colônias eram divididas em lotes individuais com aproximadamente 25 hectares, as terras eram divididas em linhas e travessões onde ficavam os lotes rurais (BONI; COSTA, 1984). Segundo Saquet (2003), os imigrantes vieram reforçar o processo de ocupação e formação da província, assim como, produzir mudanças nas relações de produção, produzindo alimentos e mercadorias, como forma de promover o mercado interno e gerar produtos comercializáveis.

---

<sup>4</sup> Segundo Skidmore (1998, p.112), as teses de branqueamento tinham influência de “[...] doutrinas européias e norte americanas de racismo científico, que apontavam a ‘evidência’ biológica e histórica para justificar suas afirmações da superioridade branca”.

[...] os colonizadores italianos no Rio Grande do Sul participaram como fornecedores de produtos alimentícios e matérias-primas a baixos preços, respectivamente, para a população urbana e a indústria nascente. Assim, contribuíram na reprodução da força de trabalho, de homens (e mulheres), biológica e socialmente, e na acumulação de riquezas nas mãos de terceiros (SAQUET, 2003, p.44).

As demarcações das colônias italianas iniciaram-se em 1870, com a fundação de três núcleos coloniais: Dona Isabel (atual Bento Gonçalves), Conde D'Eu (atual Garibaldi), e Fundos de Nova Palmira, (atual Caxias do Sul). A Quarta Colônia de Imigração Italiana, posteriormente denominada Colônia Silveira Martins<sup>5</sup>, formou-se em 1875.

De acordo com Saquet (2003), a maioria dos imigrantes italianos que chegavam a Colônia Silveira Martins era proveniente de regiões localizadas ao norte da Itália: Vêneto (70%), Friuli-Veneza Giulia (14,4%), Trentino-Alto Adige (6,5%), Lombardia, (5%), entre outras. Para chegar à colônia, os imigrantes desembarcavam em Rio Grande, onde seguiam de trem até Porto Alegre. Após a chegada, tomavam um barco a vapor pelo Rio Jacuí até chegar a Rio Pardo, nesse local encontravam homens com carretas e bois que os direcionavam até o “barracão” de Val de Buia (Figura 1). No barracão, os imigrantes aguardavam as demarcações dos lotes coloniais. Ressaltasse que a sede da Quarta Colônia ficou em Silveira Martins.

---

<sup>5</sup> “O nome Silveira Martins surgiu em 1879, dois anos após a chegada dos imigrantes como forma de homenagear o Senador do Império, Gaspar Silveira Martins que possuía muito prestígio na região” (TURA, 2012, p. 13).

Figura 1: Monumento ao Imigrante, local denominado de Barracão Val de Buia (Silveira Martins), onde se instalaram os primeiros imigrantes italianos

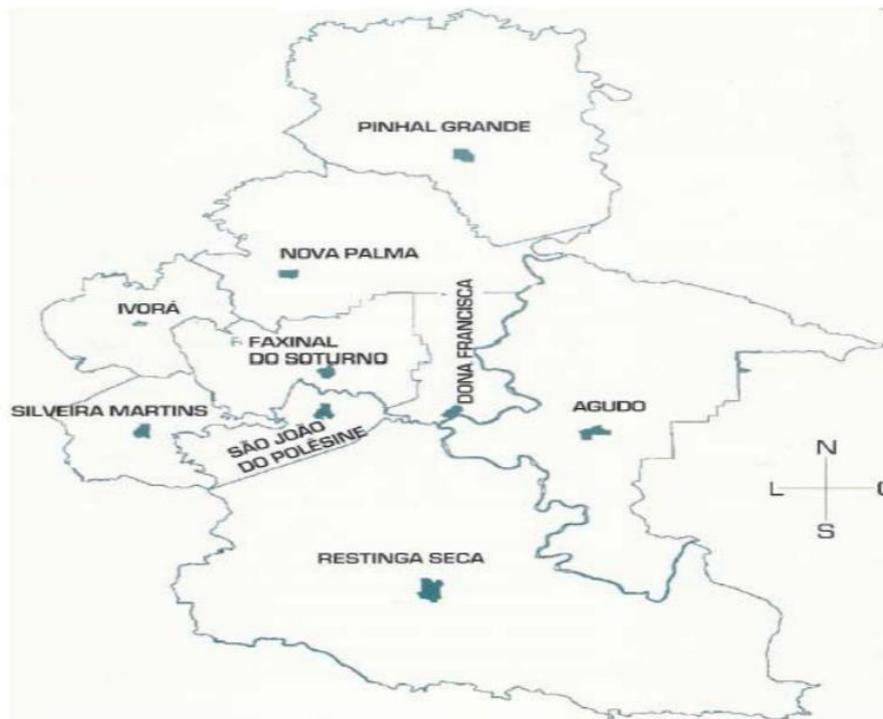


Fonte: fotografia tirada pelo autor (2017).

Com a chegada de outros grupos migratórios foram surgindo diversas comunidades: Núcleo Soturno (Nova Palma), Novo Treviso (Faxinal do Soturno), Núcleo Norte (Ivorá), Vale Vêneto, entre outros.

No final do século XIX, a Quarta Colônia de Imigração Italiana passou por algumas mudanças relativas à sua administração. Segundo Tura (2012, p.12), “em 1882 foi extinto o regime colonial [...], a colônia passou a ser chamada oficialmente ex-colônia e juridicamente passa a ser o 5º distrito de Santa Maria”. A partir de 1886, através do decreto provincial 1570, Silveira Martins tem seu território dividido em três municípios: Santa Maria, Cachoeira do Sul e São Martinho (após a emancipação em 1901 passou para Vila Rica, atual Julio de Castilho) (BOLZAN, 2011). Com isso, conforme Beltrão (1958), as comunidades Vale Vêneto, Ribeirão Aquiles, Dona Francisca e parte de Val Veronês foram anexadas a Cachoeira do Sul, o Núcleo Soturno (Nova Palma) e Novo Treviso foi incorporado a Vila Rica, enquanto que Silveira Martins continuou sendo administrada por Santa Maria. A região da Quarta Colônia de Imigração Italiana atualmente é formada pelos seguintes municípios: Silveira Martins, São João do Polêsine, Nova Palma, Faxinal do Soturno, Ivorá, Pinhal Grande, Agudo, Restinga Seca, Dona Francisca.

Figura 2: Mapa da Região da Quarta Colônia de Imigração italiana



Fonte: ITAQUI; VILLAGRÁN, 1998.

A localidade de Vale Vêneto atualmente é distrito do município de São João do Polêsine, região central do Rio Grande do Sul. O que caracteriza o povoado desde a sua criação é a sua forte religiosidade católica, expressa nas construções de capelas e capitéis, a edificação da Igreja Matriz Corpus Christi e o Seminário Rainha dos Apóstolos edificados com a ajuda dos padres palotinos e a construção da escola Nossa Senhora de Lourdes, fundada pela Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria.

## 1.2 A RESTAURAÇÃO CATÓLICA E A IMIGRAÇÃO

A entrada de imigrantes italianos em território brasileiro no final do século XIX constituiu um fator muito importante para a Igreja Católica no Brasil. A Quarta Colônia de Imigração Italiana inseriu-se nesse contexto à medida que a Igreja via a partir dos imigrantes uma forma de reforçar o processo de Restauração Católica no Brasil. “Nesse contexto, na região de colonização italiana – no Rio Grande do Sul –

ver-se-á o alvorecer de uma nova percepção religiosa, [...] e, sobretudo, em um grande atrelamento à Igreja Romana” (BENEDUZI, 2008, p.31).

Ao longo do século XIX, a Igreja buscou mais autonomia para sua estrutura eclesiástica, afastando-se do padroado régio e alinhando-se com as determinações da Cúria Romana. A imigração italiana em questão, vai nessa perspectiva, trazer imigrantes que, em sua maioria, eram católicos e receptivos a pregação de Roma.

A presença da Igreja Católica romana no Brasil fez-se presente desde o início de sua colonização, não apenas legitimando a “conquista” europeia e dando nomes cristãos ao território, mas também estabelecendo uma “[...] aliança estreita e indissolúvel entre a Cruz e a Coroa, o trono e o altar, a Fé e o império [...]” (BOXER, 1978, p. 98), pois, o catolicismo constituiu-se como religião oficial do Estado e a Igreja estruturou-se sobre o regime do padroado.

As relações e determinações da Santa Fé com a organização eclesiástica no Brasil, embora existissem, eram totalmente restringidas. A ligação entre Igreja brasileira e Roma, em geral acabava acontecendo por intermédios de Lisboa, Portugal. Isso levou a constituir-se uma Igreja institucional enfraquecida, sem uma formação teológica adequada, sem o respeito ao celibato sacerdotal e com um clero ativo na política. Assim, durante o Brasil Império:

Em geral, possuíam má formação intelectual, teológica e vida pouco disciplinada, pois o celibato sacerdotal não era observado. A maioria possuía família, sem no entanto causar indignação ou espanto entre os fiéis. O clero participava ativamente da política partidária, da maçonaria, visando alcançar postos na hierarquia eclesiástica e também obter posições econômicas mais vantajosas (MARIN *apud* BENEDUZI, 2008, p. 34).

Nesse contexto, o alvorecer do século XIX constituiu um momento importante no que se refere a mudanças estruturais dentro da Igreja Católica no Brasil. Segundo Possamai (2005), a Igreja brasileira buscava atualizar-se em relação ao catolicismo europeu, movimento chamado de Restauração Católica ou romanização, com vistas a fortalecer a estrutura da instituição, ao mesmo tempo, reforçar a autoridade do Papa.

O processo de romanização da Igreja Católica a nível mundial intensificou-se durante o Pontificado de Pio IX, iniciado em 1846. Sob a orientação do novo papa, a Igreja buscou reforçar e reafirmar sua doutrina, estabelecida pelo Concílio do

Vaticano I (1869-1870) e pela Bula Syllabus (1864)<sup>6</sup>. Pio IX antes de se tornar Papa já havia visitado a América Latina na missão de expandir a influência da Igreja. No continente americano, o sacerdote familiarizou-se com as Igrejas locais e chegou a falar da situação da Igreja no Brasil. “Lamentando o atraso dos padres brasileiros, ele comentou: ‘*Sicut populus sic sacerdos*’ (‘Como é o povo, assim é o sacerdote’)” (SERBIN, 2008 p. 79). A fala de Pio IX refletiu bem o momento da Igreja Católica brasileira no século XIX, uma doutrina esfacelada, burocrática e sem uma ligação com o catolicismo preconizado por Roma.

Em 1859, o pontífice abençoou em Roma, a criação do Pontifício Colégio Pio Latino Americano para a formação de padres latino-americanos. A instituição visava preparar futuros “[...] bispos ultramontanos<sup>7</sup> e afinados com as diretrizes da Santa Sé, sem traços de Galicanismo<sup>8</sup> ou Jansenismo<sup>9</sup>, contrários à afirmação das Igrejas nacionais e do clero liberal” (VALDUGA, 2007, p.32). Os novos sacerdotes trouxeram consigo os manuais de ensino utilizados em seus cursos, em Roma, possibilitando trabalhar os conceitos pedagógicos utilizados nas Igrejas latino-

---

<sup>6</sup> A Bula Syllabus esta em anexo a Encíclica Quanta Cura (1864). A Syllabus consistia em um catálogo com os principais erros do mundo moderno segundo a Igreja Católica. O documento está dividido em 80 preposições (organizado em 10 capítulos) condenadas pelo Papa Pio IX: I – Panteísmo, naturalismo e racionalismo absoluto; II – Racionalismo moderado; III – Indiferentismo, latitudinarismo; IV – Socialismo, comunismo, sociedades secretas, sociedades bíblicas, sociedades clérico-liberais; V – Erros sobre a Igreja e os seus direitos; VI – Erros relativos à sociedade civil, considerados em si como nas suas relações com a Igreja; VII – Erros sobre moralidade natural e cristã; VIII – Erros acerca do Matrimônio Cristão; IX – Erros acerca do Principado Civil do Pontífice Romano. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembri-1864.html>>. Acesso em: 14 jan.2018.

<sup>7</sup> “Ultramontanismo foi um termo usado desde o século XI para descrever cristãos que buscavam a liderança de Roma (‘do outro lado da montanha’), ou que defendiam o ponto de vista do papa, ou davam apoio à política dos mesmos. [...]. No entanto, no século XIX, o dito termo reapareceu, dessa vez descrevendo a sua reação aos excessos da Revolução Francesa. Portanto, [...] pode-se dizer que o ultramontanismo do século XIX colocou-se, não apenas a favor de uma maior concentração do poder eclesiástico nas mãos do papado, mas também contra uma série de coisas que eram consideradas erradas e perigosas para a Igreja. Entre esses ‘perigos’ estavam o galicanismo, jansenismo, todos os tipos de liberalismo, o protestantismo, a maçonaria, o deísmo, o racionalismo, o socialismo e certas medidas liberais propostas pelo estado civil, tais como a liberdade de religião, o casamento civil, a liberdade de imprensa e outras mais” (VIEIRA, 1981, p. 32-33).

<sup>8</sup> “Galicanismo é um termo que descreve várias teorias desenvolvidas na França concernentes às relações da Igreja Católica francesa e do Estado francês com o papado. Do ponto de vista religioso, o Galicanismo significa que a Igreja e o clero franceses se outorgavam direitos próprios, independentes de Roma” (VIEIRA, 1980, p.28).

<sup>9</sup> “O Jansenismo, como é amplamente conhecido, foi o nome dado à tentativa de reforma e reavivamento dentro da Igreja Católica, no século XVII, baseada nos preceitos religiosos de Fleming Cornelius Otoo Jansen (1563-1638), Bispo de Ypres. Jansen tentara reforma a Igreja Católica, sugerindo a mudança da sua teologia do totismo para o augustinismo. [...] Os jansenistas portugueses, como os franceses antes deles, desejavam reformar a Igreja e combater os jesuítas dentro da mesma, mas não aceitavam o conceito de separação de Roma. Para eles era suficiente controlar a Igreja nacional, defendendo o direito de conceder o *placet* (isto é, o direito de aceitar ou rejeitar todas as bulas e encíclicas) [...]” (VIEIRA, 1980, p.29-30).

americanas, tornando a Igreja, em meados do século XIX, realmente universal (DREHER, 2007).

No confronto do liberalismo e catolicismo latino-americano, devemos levar em conta o contexto europeu, onde temos a incapacidade de um catolicismo liberal em conquistar seu espaço no plano político e até mesmo dentro da Igreja. O que faz impor-se um catolicismo mais conservador, na qual, o clero se negava a aderir às exigências do mundo moderno, pautada na autonomia do Estado e na expansão capitalista. Em toda a América latina, a relação entre Igreja e Estado definiu-se a partir da criação de diversas leis liberais que tiraram da Igreja seus privilégios legais: abolição dos dízimos, perda dos registros de nascimentos e mortos, o casamento civil, a secularização, a educação pública. Aliado a isso, temos a promoção da liberdade religiosa, o que fez a Igreja concorrer com os cultos não católicos. Em reação, a Igreja desde o final do século XIX, promoveu a criação de escolas católicas, permitindo a ela manter certa influência entre os setores médios da sociedade (RAMOS, 2008).

De acordo com Valduga (2007), o que preocupava a Igreja Católica brasileira era os ideais republicanos e de laicidade da Maçonaria. Havia um receio que o clero perdesse a proteção do Estado. Portanto, mesmo aderindo às ordens e recomendações papais no que se refere a romanização, a Igreja não desejava a separação do Estado. Era preciso manter os privilégios que só o governo Imperial, mesmo que sob a tutela do padroado, poderia assegurar para a instituição eclesiástica brasileira.

No entanto, a Proclamação da República (1889) corroborou para a necessidade de reorganização da Igreja no Brasil. Nas escolas públicas o ensino religioso não era mais obrigatório, os cemitérios passaram para a administração pública e o casamento civil passou a ser o único reconhecido no período republicano (ALVES, 1995). A separação entre Estado e Igreja, acabou afastando o clero da política brasileira e o corpo eclesiástico precisou encontrar novas formas de organização institucional e influência. Nesse contexto, a Igreja precisou aproximar-se ainda mais da população, tendo em vista, que ser católico antes era uma obrigação e agora o clero já não tinha o controle sobre número de fiéis (BENEDUZI, 2008).

A Restauração Católica no Brasil, nesse sentido, procurou reorganizar a Igreja do ponto de vista institucional e religioso. Se antes tínhamos o predomínio de

um catolicismo tradicional, “luso-brasileiro, leigo e medieval, social e familiar” (AZZI, 1977), o episcopado brasileiro buscou implementar durante o período republicano um catolicismo renovado de caráter tridentino e clerical. Dessa maneira, “[...] o clero assume o controle dos cultos e das festas religiosas, cuidando também da construção das Igrejas, ou seja, o clero se apropria do sagrado” (BORIN, 2010, p. 57). No aspecto organizacional, busca-se uma renovação do clero através da criação de diversos seminários pelo Brasil e da vinda de congregações religiosas estrangeiras. O objetivo era europeizar o clero brasileiro, criar um catolicismo mais romanizado e menos nacional.

No que se refere ao Rio Grande do Sul, a criação de um bispado (1848) na província constituiu um passo importante para o processo de Restauração Católica na região. O primeiro bispo de Porto Alegre, D. Feliciano Rodrigues Prates procurou organizar e reestruturar a Igreja. Suas ações passavam desde a criação de paróquias, cemitérios e um seminário para a formação do clero local, reformas que segundo Borin (2010), aproximavam a Igreja brasileira com Roma. Através disso, pretendia-se formar um clero culto e obediente com as normas eclesiais.

Com a morte de D. Feliciano (1858), D. Sebastião Dias Laranjeira<sup>10</sup> assumiu o bispado no Rio Grande do Sul, em 1860. Sob a direção de D. Sebastião o projeto de Restauração Católica na província se tornou mais evidente. Formado em Roma, D. Sebastião estava incumbido dos ideais de romanização e governou na direção das diretrizes da Cúria Romana. O sacerdote apoiava a infalibilidade papal e os laços estreitos com Roma para reforçar o processo de romanização no Brasil.

Os problemas enfrentados por D. Sebastião passavam desde a distância entre as Igrejas e o baixo número de sacerdotes no Estado. Além disso, de formação regalista e secularizado, o clero sul-rio-grandense não era tão diferente do clero nacional (POSSAMAI, 2005). Haviam padres filiados à maçonaria, a política, outros frequentavam festas, eram indiferentes ao celibato, enfim, o perfil do sacerdote não coadunava com o catolicismo da Restauração Católica enquanto religião a ser pregada.

Precisando atender as necessidades da Igreja, D. Sebastião procurou reorganizar o seminário diocesano iniciado por seu antecessor. Possamai (2005)

---

<sup>10</sup> “Dom Sebastião Dias Laranjeira foi o segundo bispo do Rio Grande do Sul. Natural do interior do estado da Bahia foi ordenado bispo pelo Papa Pio IX no dia 7 de outubro de 1860. Tomou posse da diocese em 6 de fevereiro de 1861. Dirigiu a diocese por 27 anos, falecendo em 13 de 1888” (BELÉM, 2011, p. 132).

aponta que havia uma preocupação em criar um clero que fosse porta-voz dos interesses da Igreja romana na província. Porém, devido às dificuldades de manutenção, o seminário acabou fechando e muitos alunos foram transferidos para o Colégio Pio Latino-Americano, em Roma. Ao voltarem desse colégio, os padres e seminaristas brasileiros tinham a missão de auxiliar a formação dos novos seminaristas através dos estudos por lá aprendidos (BEOZZO, 1987).

O bispado sul rio-grandense também via com bons olhos a entrada de padres e congregações religiosas estrangeiras. No Brasil, os novos missionários, em geral, possuíam o feitio romanizado e encontrariam no Estado um importante reforço para alcançar êxito ao projeto da Igreja Católica: a imigração italiana. O catolicismo do imigrante, “[...] enquadrava-se perfeitamente no projeto de romanização, já que as características principais desse catolicismo eram o acentuado clericalismo, sacramentalismo e apego aos rituais romanos” (POSSAMAI, 2005, p.114).

A Igreja aproveitou o catolicismo dos imigrantes para criar nas colônias italianas um clima de cristandade, através da vivência religiosa, da frequência aos sacramentos, da construção de capelas, igrejas e escolas, constituindo um elo entre o sagrado e a vida cotidiana.

### 1.3 A RELIGIOSIDADE ENTRE OS IMIGRANTES ITALIANOS

A localidade de Vale Vêneto, formou-se enquanto comunidade, a partir das práticas sociais e culturais compartilhadas entre os imigrantes. Esses atos coletivos foram importantes para manutenção da fé religiosa, uma vez que grande parte desses imigrantes estava ligada a uma determinada ordem moral e simbólica. Nesse contexto, a Igreja contribuiu para a reconstrução do mundo cultural do imigrante, “[...] proporcionando-lhes orientação, conforto e auxílio espiritual [...]” (ERTHAL, 2005, p.94). A Igreja Católica também possibilitou o fortalecimento de relações sociais importantes para o desenvolvimento da Colônia.

A população migrante era de origem católica e tinha necessidade de manter vivo os ensinamentos e as práticas religiosas. Além dessas necessidades, sofria uma série de dificuldades decorrentes do processo imigratório, que incluía enfrentar doenças, perdas, nascimentos, enfim dar conta das necessidades básicas. Essas demandas impunham relações com instituições sociais que pudessem ajudar os imigrantes a resolver essas questões. A igreja

acaba sendo o elo do imigrante com a nova terra e essa ligação fortalece o vínculo com a religião (GIRON; HERÉDIA, 2007, p. 119).

Nesse contexto, acreditamos que o padre foi uma peça importante no processo de enraizamento dos hábitos e das práticas sociais e religiosas na colônia. Pois, “os sacerdotes dispõem de autoridade de função, que dispensa conquista, continuamente confirmada em virtude do fato de sua autoridade ser legitimada pela função, pela posição ocupada no campo religioso” (BOURDIEU, 2007, p. 89). O sacerdote está carregado de um poder simbólico que justifica e legitima suas ações. Na esfera religiosa, o sacerdote atua como mediador entre o plano material (a sociedade) e o plano sagrado, exemplificado pela divindade de Deus. No plano social, o sacerdote tem a função de auxiliar, acolher e zelar pelo bem de seus fiéis. Ademais, organizando as missas, sacramentos, batismos, festas religiosas, entre outras atividades. Em suma, o sacerdote possuía certo status social e era muito respeitado entre os imigrantes italianos (MERLOTTI, 1979).

O catolicismo dos imigrantes estava impregnado de valores religiosos que se confundiam com os valores sociais. A prática dos cultos e das orações tinha a função de salvar as almas dos que faziam a vontade de Deus, ao mesmo tempo, salvar as pessoas de doenças e outros males. A hierarquia da Igreja postulava a vontade dos clérigos sobre os leigos, no entanto, as comunidades não seguiam todas as exigências da Igreja, adaptando as determinações eclesiais a religiosidade popular (PAZUCH, 2015).

Ressalta-se que o catolicismo praticado pelo imigrante era um catolicismo popular, resultado da experiência de um catolicismo romano marcado de ritualismo e misticismo. Havia nessa experiência um sincretismo evidenciado entre o sagrado e o profano, entre a Igreja romanizada e as crenças medievais, um catolicismo diferente, romanizado, mas, não menos sincrético (BENEDUZI, 2008).

No trabalho de Zanini (2006), podemos compreender como se deu o papel da religião entre os imigrantes italianos no Sul do Brasil. O processo de enraizamento dos italianos no território brasileiro teve através da religião um elemento aglutinador para os emigrados. Tendo os sacerdotes contribuído no processo migratório, no que se referem a sua função no campo religioso, através das missas, sacramentos e auxílio espiritual, eles também ajudaram os italianos no encontro com o novo mundo, possibilitando representações a partir desse encontro. Essa vivência religiosa permitiu aos imigrantes a manutenção moral e cultural dos colonos, onde a

italianidade e o catolicismo andavam juntos. A italianidade se formou em terras brasileiras, na medida em que precisavam de elementos que fortalecessem e os distinguíssem enquanto grupo da sociedade da qual eles agora pertenciam. A maioria, além de serem católicos, estava compartilhando a mesma experiência: o processo migratório (ZANINI, 2006).

Nesse âmbito, a religião permitia ao emigrado reorganizar sua vida dentro de seu universo simbólico originário. Seria a religião uma forma segura de consolidar as mudanças que poderiam ameaçar a vida do colono na nova terra. Dessa forma, a vivência religiosa construiu um território simbólico, através de um patrimônio religioso, que deu segurança aos italianos, com a construção de Igrejas, capelas, capitéis, e imagens de santos padroeiros (ZANINI, 2006).

## 2 A IGREJA CATÓLICA E A EDUCAÇÃO

Nas zonas de colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, os imigrantes mantinham uma relação profunda com a Igreja, através da construção de capelas e escolas. No Rio Grande do Sul, por exemplo, durante o período imperial brasileiro, o acesso às instituições de ensino público era limitado, o estado não tinha uma grande rede de escolas, as que existiam eram destinadas às classes mais favorecidas e de melhor localização (PIOVESAN, 2009). Nesse contexto, as redes particulares de ensino durante o processo de transição da monarquia para a república tornaram-se muito importantes. Velasquez (2016, p.109) aponta que “[...] o estabelecimento das escolas particulares de religiosas pelo interior do Rio Grande do Sul ocupou o espaço que o poder público ignorava: a educação escolar”.

Nas colônias italianas ambientadas no espaço rural, as congregações religiosas tornaram-se a melhor forma de educar os filhos nos princípios católicos. Através dos modelos disciplinares associados à uma concepção religiosa de educação, a Igreja Católica procurou manter normas e condutas estabelecidas pela instituição. O apoio da família nessa questão era fundamental, cabia aos familiares escolher uma boa instituição de ensino, sobretudo, católica. Pois, era uma forma de garantir à juventude preceitos morais que passariam dos muros da escola frente aos perigos do mundo moderno (BOSCHILIA, 2005).

De acordo com Luchese (2007), diversas congregações religiosas atuaram em prol do ensino nas zonas colônias italianas no Rio Grande do Sul. As Irmãs do Puríssimo Coração de Maria, até 1925, mantinham 8 escolas: a primeira em Vale Vêneto, onde fundaram a Nossa Senhora de Lourdes (1892); a segunda em Monte Belo, chamada Sagrada Família (1899); a terceira em Encantado, chamado Santo Antônio (1900); a quarta em Ana Rech (Caxias do Sul), chamada Nossa Senhora de Pompéia (1909); a quinta em Silveira Martins, chamada Nossa Senhora do Bom Conselho (1908); a sexta em Nova Bassano, chamado Sagrado Coração de Jesus; a sétima em Nova Treviso, também chamada de Sagrado Coração de Jesus (1912); a oitava escola foi fundada em Júlio de Castilhos em 1919 e depois transferida para vila de Jaguarão em 1925.

As Irmãs de São José de Moûtiers<sup>11</sup> fundaram escolas em: Garibaldi (1899); Caxias do Sul (1903); em Nova Trento (atual Flores da Cunha), a escola São José (1901); Antônio Prado (1901), e sucessivamente nas cidades de Alfredo Chaves; Carlos Barbosa; Nova Pompéia (antigo distrito de Bento Gonçalves e atual cidade de Pinto Bandeira); Sananduva; Lagoa Vermelha; Pelotas; Vacaria; Porto Alegre, entre outras. Os Irmãos Maristas<sup>12</sup> fundaram a escola Santo Antônio, quando chegaram a Garibaldi em 1904; a escola São Luiz em Alfredo Chaves (1914), a escola Sagrado Coração de Jesus em Antônio Prado (1919) (LUCHESE, 2007). A Pia Sociedade das Missões chegou a Vale Vêneto em 1886, onde fundou em 1923 o Seminário Rainha dos Apóstolos, que recebia os filhos de imigrantes italianos ou de outras regiões.

Na cidade de Conde d'Eu (Garibaldi), estabeleceram-se, em 1896, os frades capuchinhos<sup>13</sup>, onde posteriormente fundaram um seminário seráfico. Os Irmãos da Doutrina Cristã<sup>14</sup> chegam a Caxias em 1907, onde fundam a escola Nossa Senhora do Carmo. As Irmãs de São Carlos<sup>15</sup> se estabelecem na vila de Bento Gonçalves, em 1915, onde fundam a escola São Carlos; no ano de 1917, fundam a escola Scalabrini em Guaporé; e a escola Nossa Senhora de Lourdes em Nova Vicenza, (atual Farroupilha); em 1919, inauguraram a escola Sagrado Coração em Nova Brescia; em 1924, fundaram uma escola em Nova Milano (atual distrito de

---

<sup>11</sup> “As Irmãs de São José tiveram sua origem na França, na cidade de Le Puy, no século XVII, em 1646, quando o padre jesuíta Jean Pierre Médaille fundou a congregação das filhas de São José. Padre Médaille denominou “Pequeno Projeto” a um agrupamento de mulheres que não usavam hábito para realizar o apostolado na comunidade e que se organizaram de forma oculta, obedecendo a uma tradição espiritual, ou seja, uma maneira típica e própria de compreender e viver o evangelho” (PIZANI, 2005, p.28).

<sup>12</sup> “O Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas – Maristas foi fundado por São Mercelino Champagnat, em 2 de janeiro de 1917, na França” (Conferência dos Religiosos do Brasil – Regional RS, 2007, p.132).

<sup>13</sup> A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, surgiu na Itália, no século XVI, através de alguns dissidentes da Ordem Franciscana. “A 29-5-1517, Leão, com a bula *Ite vos*, separou a Ordem Franciscana em Frades Menores Conventuais e Observantes. [...]. A Reforma Capuchina é um movimento de Frades Observantes que buscaram a recuperação do espírito original [...]. Os pioneiros foram Frei Mateus de Bascio, Frei Ludovico de Fossombrone e ser irmão, Frei Rafael [...]” (Conferência dos Religiosos do Brasil – Regional RS, 2007, p.218-219).

<sup>14</sup> “O Instituto *dos Irmãos das Escolas Cristãs* foi fundado por São João Batista la Salle (1651-1719) a 24 de junho de 1682, na França. Foi reconhecido oficialmente pela Igreja, através da Bula *In Apostolicae Dignitatis Solio*, do papa Bento XIII, em 1724” (Conferência dos Religiosos do Brasil – Regional RS, 2007, p.125).

<sup>15</sup> “Irmãs de São Carlos vieram ao Brasil a convite do D. João Becker, por meio do Pe. Henrique Poggi. Estabeleceram-se inicialmente cinco irmãs na vila de Bento Gonçalves, em 1915” (LUCHESE, 2007, p. 231)

Farroupilha). Já em 1928, temos a chegada dos Josefinos<sup>16</sup> em Ana Rech (interior de Caxias), onde fundaram a escola Murialdo (LUCHESE, 2007).

As escolas católicas eram uma forma de afastar os alunos das ideias modernas e do ensino leigo. Ao mesmo tempo, a escola confessional feminina ia ao encontro da oligarquia brasileira e as proposta de educação da Igreja Católica brasileira, formando boas mães cristãs. Além disso, os internatos atendiam tanto as meninas da família de elite, como as jovens desvalidas e órfãs. As primeiras tinham, por objetivo educar a mulher conforme os moldes da sociedade vigente. Já as últimas, em aprenderem uma profissão, constituindo uma forma de sobrevivência a pobreza e a prostituição em que muitas mulheres se encontravam (OLIVEIRA, 2009).

Nesse contexto, a Igreja Católica via através da educação de crianças e adolescentes a possibilidade de diminuir os danos que a instituição religiosa vinha sofrendo na esfera social e cultural. Os jovens eram uma categoria social sensível às mudanças e avanços da modernidade. Portanto, era preciso pelos âmbitos da educação manter um controle sobre a ordem social e moral, algo que só a Igreja poderia estabelecer.

O episcopado brasileiro aceitou o regime republicano, mas posicionava-se contrário ao caráter laico do sistema público de ensino, porque acreditava que ele agredia a fé católica da maioria do povo brasileiro. Com a supressão do ensino religioso nas escolas públicas, a Igreja Católica articulou-se para formar e consolidar uma rede de escolas católicas, como parte integrante de seu processo de reestruturação institucional (DALLABRIDA, 2011, p. 77).

Para Velasquez (2016), a separação entre Igreja e Estado no Brasil repercutiu de forma positiva na atuação da Igreja Católica no âmbito educacional. A Igreja além de ampliar sua rede de dioceses, impulsionou a vinda de muitas congregações religiosas ligadas à educação. A educação, nesse contexto, torna-se uma aliada ao projeto de Restauração Católica no Brasil, instruindo os filhos de imigrantes italianos nas vilas e zonas rurais as práticas e cultos da Igreja Católica.

Uma outra perspectiva na relação entre Estado e Igreja está na aproximação da educação com o positivismo. No Rio Grande do Sul, tivemos a inserção do

---

<sup>16</sup> “A Congregação de São José (Congregazione di San Giuseppe) foi fundada por São Leonardo Murialdo no dia 19 de março de 1873, em Turim, na Itália. Chamam-se “Josefinos de Murialdo”, porque a Família de Nazaré, em especial São José, foi o modelo em que a Congregação buscou suas inspirações originais; de Murialdo, porque o fundador foi São Leonardo Murialdo” (RECH, 2016,p.57).

positivismo adaptado por Júlio de Castilhos, um dos fundadores do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense). Nesse contexto, O PRR via na Igreja uma instituição que “[...] tinha grande penetração e legitimidade entre os polos econômicos [...] do Estado que também eram os destinatários diretos da política positivista e, por isso mesmo, a base estratégica para a consolidação do poder republicano” (GIOLO, 2009, p.248).

A educação positivista, todos concordam, orientava-se segundo as exigências do capitalismo. A educação católica, por estranho que possa parecer, fazia a mesma coisa; também ela conformava as pessoas ao “espírito do capitalismo”, para utilizar uma expressão adaptada por Luis Alberto De Boni. Para esse estudioso da Igreja Católica e da imigração italiana, as escolas das igrejas não cumpriram outra tarefa que não fosse atuar para a formação das elites. Tratava-se de um ensino pago e enquanto tal, atendia, principalmente, aos filhos dos donos de posses e, por isso, precisava incorporar a ideologia desses grupos sociais que a mantinham. Por outro lado, as virtudes que desenvolveu combinavam com o capitalismo emergente, sobretudo, nas zonas coloniais ou nos grandes centros urbanos (GIOLO, 2009, p.253).

Embora, Positivismo e Igreja Católica parecessem se opor em um primeiro momento, ambas possuíam discursos semelhantes, evidenciando questões ligadas a educação familiar e a escola, sendo a primeira a base moral da sociedade. Outro aspecto está relacionado ao papel da mulher no âmbito social, ao feminino estava delegado o papel de esposa, mãe e cuidadora dos filhos. Assim, afastava-se ela do ambiente profissional, daí a necessidade de criar escolas que reproduzissem esse modelo, ensinando as meninas habilidades que pudessem ser aplicadas no casamento (SANTOS, 2004).

A educação feminina estava articulada com o confinamento da mulher no ambiente doméstico, de forma a integrá-las a sociedade dotadas de atividades manuais e artísticas (costureiras, bordadeiras, professoras de música). Essas práticas não a afastariam do ambiente doméstico, sendo uma outra opção o cargo de professora, mas novamente colocada como uma missão materna, a de educar (PEREIRA, 2008). Sendo assim, as escolas confessionais ou os conventos nas colônias italianas vão ser uma das poucas opções em termos educacionais para a mulher.

A nível nacional, a transição do Período Monárquico para o Republicano englobou uma série de transformações naquela sociedade vigente, como o fim da escravidão, a inserção do trabalho assalariado, e o processo de industrialização do

país. Todos esses elementos constituíram uma nova realidade social, onde também era preciso criar homens reflexivos, que através de sua liberdade pudessem exercer sua cidadania e o direito ao voto (SILVA, D., 2012).

O alvorecer da Primeira República ainda contaria com algumas heranças do império, caracterizado pelo fervor ideológico do período anterior. O novo regime agora precisava pensar e repensar uma política nacional de educação (NAGLE, 2006). Entre as primeiras reformas destacou-se a de Benjamin Constant (1890), que juntamente com outros intelectuais buscou promover o Positivismo no Brasil. A ideia era adaptar o currículo como forma de favorecer o progresso econômico do país (SILVA, D., 2012).

A Reforma de Benjamin Constant, por exemplo, da à escola secundária um “cunho científico”. Inclui as ciências segundo a classificação de Augusto Comte – Português; Latim; Grego; Francês; Inglês; Alemão; Matemática; Astronomia; Física, Química; História Natural; Biologia; Sociologia e Moral; Geografia. História Universal; História do Brasil; Literatura Nacional; Desenho; Ginástica; Evoluções Militares e Esgrima; Música (NAGLE, 1997. p. 304).

Foi a partir de 1915 que iniciou-se uma série de discussões e pressões a cerca de um novo processo escolar, na qual, buscou-se incorporar ao Estado liberal uma orientação mais intervencionista. Surgiram no Brasil, então, movimentos voltados a escola primária e popular e de caráter nacionalista. Temos, por exemplo, a formação da *Liga de Defesa Nacional* (1916), a *Propaganda Nativista* (1919), *Ação Social Nacionalista* (1920). No plano da educação, buscava-se erradicar o analfabetismo, promovendo o ensino primário e valorizando a língua nacional. Na batalha contra o analfabetismo havia a ideia de combater uma aristocracia que sabia ler e tinha o direito do voto, portanto, a alfabetização significava gozar dos seus direitos políticos, não deixando que uma minoria da população decidisse os anseios da nação (NAGLE, 2006).

Se na primeira década do século XX as discussões em torno da educação ficavam restritas ao Congresso Nacional, temos a partir dos anos 1920 uma preocupação maior de profissionais em prol do sistema educacional. Nesse cenário, temos a publicação de diversas revistas e serviços editoriais que versavam sobre o assunto, como Biblioteca da Educação e Coleção Pedagógica. Ao mesmo tempo, crescem o número de conferências que debatem os problemas da educação brasileira, com destaque para as Conferências Nacionais de Educação. A crença em novos modelos e estruturas educacionais criam um otimismo pedagógico, assim, se

por um lado busca-se difundir uma escola modelo, no outro se quer um novo modelo de escola. Nesse último aspecto, dar-se-á, sobretudo, com a introdução da Escola Nova<sup>17</sup>, a partir de 1927, quando suas ideias adentram de forma mais sistemática no território brasileiro (NAGLE, 2006).

O surgimento da Escola Nova remonta o final do século XIX, na qual, disciplinas como a psicologia e biologia se desenvolvem cientificamente na Europa e Estados Unidos. A Escola Nova, que teve influência do filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey, surge com uma nova compreensão do desenvolvimento da educação, quando busca-se uma nova mentalidade no papel do professor e dos estudantes. Se critica o modelo anterior de escola baseado na memorização e no Método Intuitivo<sup>18</sup>, para agora basear-se na participação do aluno, tornando-o participativo no processo de ensino-aprendizagem. O grande marco da Escola Nova do Brasil aconteceu com o lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932, que contou com o apoio de educadores como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, representantes de ideais liberais, e que viam nesse modelo de escola uma forma de democratizar a sociedade, devido ao ser caráter laico e gratuito (FIGUEIRA, 2010).

No plano religioso, o papel da Igreja Católica brasileira com o advento da República precisou passar por algumas transformações, sobretudo, em relação à educação, que acabou tornando-se uma aliada à instituição religiosa. Se por um lado, o republicanismo significou uma ameaça à Igreja, por outro, a mesma libertava-se do jugo imperial que através do padroado intervia nos negócios do clero. A intelectualidade republicana, que juntava nomes como Benjamim Constant e Demétrio Ribeiro difundiam em seus grupos o positivismo, eram vistos como

---

<sup>17</sup> Sobre a Escola Nova ver: VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

<sup>18</sup> “O método intuitivo surgiu na Alemanha no final do século XVIII pela iniciativa de Basedow, Campe e, sobretudo de Pestalozzi. Consistia na valorização da intuição como fundamento de todo o conhecimento, isto é, a compreensão de que a aquisição dos conhecimentos decorria dos sentidos e da observação. Difundiu-se amplamente na Europa na segunda metade do século XIX, quando o movimento de renovação pedagógica entrou em sua fase ativa, tornando-se a nova tendência norteadora do ensino, especialmente do ensino primário. No Brasil, a introdução do método intuitivo ocorreu inicialmente por algumas escolas particulares, sendo apresentado como inovador” (REMER; STENTZLER, 2009). Segundo Valdamarin (2017), o Método Intuitivo buscava excluir a ineficiência do ensino escolar, a aprendizagem era alicerçada na memória e na repetição de conteúdo. Para isso, também utilizavam-se diversos materiais no processo de ensino-aprendizagem: caixas para ensinar cores e formas, coleções de objetos de madeira e papel, gravuras. O objetivo era substituir os antigos livros no processo de memorização.

manobras anticlericais pela Igreja, embora pensadores como Rui Barbosa tenham sido mais preponderante na tendência anticlerical para constituir novas instituições políticas no país (MOURA; ALMEIDA; 2006).

A Igreja, antes parte da estrutura do Estado, agora precisava criar estratégias para estabelecer sua participação nas instituições e promover sua influência no plano público e social. A nova ordem liberal não podia ser totalmente rejeitada pela Igreja, pois, a mesma também trouxe uma liberdade que a instituição não tinha, abrindo caminho para uma reforma interna. No plano econômico, a aproximação entre uma oligarquia liberal com o capitalismo externo aliado a exportação da agricultura voltada para o estrangeiro, também trouxe impactos para outros grupos sociais, além da Igreja.

Na realidade o que a Igreja buscava era uma aceitação pelos detentores da nova ordem, assim, fora da estrutura estatal e afastada de uma oligarquia liberal, ela acabaria buscando uma aproximação com as oligarquias conservadoras, que aliado ao coronelismo e proprietários rurais buscou manter sua hegemonia no campo. Nesse contexto, a Igreja não preocupava-se em criar escolas para o povo, mas somente aos filhos das classes dominantes, que podiam mandar seus filhos e filhas para serem educados em colégios de padres ou freiras (BEOZZO, 2007).

Ao longo da República, a aproximação entre Igreja e Estado foi pautada em um jogo de interesses em comum. A subida de Getúlio Vargas ao poder, após a Revolução de 1930, revelou que o novo governo via na Igreja Católica uma estratégia para promover sua política. A Igreja, por sua vez, soube aproveitar-se, fazendo diversas reivindicações, entres elas o ensino religioso nas escolas públicas.

No Rio Grande do Sul, os anos de 1930 aproximou Igreja Católica e governo Varguista, nesse contexto, a devoção a Nossa Senhora Medianeira foi usada como mecanismo para afastar o operariado das ideias comunistas, buscando através da educação e formação cristã integrar os trabalhadores e seus familiares. Para isso, a Igreja também enviava religiosos para atuarem na educação entre os filhos de operários. O clero também incentivava os operários a irem para Santa Maria, cidade que possuía uma forte ligação com a devoção mariana. A ideia teria partido do padre Jesuíta Inácio Valle, que queria que Nossa Senhora Medianeira fosse reconhecida como padroeira dos Círculos Operários. O mesmo padre teria atribuído a Nossa Senhora Medianeira, a proteção da cidade de Santa Maria às vésperas da

Revolução de 1930. Isso, contribuiu para construir a imagem da santa na cidade e propagar o culto da santa entre os operários (BORIN, 2010).

Junto aos Círculos Operários, a Igreja buscou assegurar um espaço para o catolicismo, ao mesmo tempo, esse projeto colaborou com os ideais da Restauração Católica no Brasil. A cidade de Santa Maria acabou sendo projetada a nível nacional e Nossa Senhora Medianeira coroada padroeira do Estado do Rio Grande do Sul (BORIN, 2010).

Com a Revolução de 1930, a Igreja Católica buscou manter sua influência política no governo Vargas, com o objetivo de tornar o Brasil novamente católico. A Igreja atribuía a ela o fato de ter evitado, em 1930, uma revolução sem derramamento de sangue<sup>19</sup>, e, por essa razão, fez junto ao Estado algumas exigências como o reconhecimento do casamento religioso, a presença de capelães nas forças armadas, permissão para religiosos votarem, o fim do divórcio, entre outras (SILVA, P., 2012).

A preocupação pelo poder fazia andar lado a lado Igreja e Estado durante o período Vargas em uma possível aliança política, mesmo que não oficial. A religião era um importante meio de dominação para Vargas, visto que a maioria da população era católica. Expressões de apelo popular como a proclamação de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil, onde teve a participação de muitos políticos, demonstram que o governo estava preocupado em ter o catolicismo a seu favor. Através do diálogo entre Igreja Católica e Estado, a Igreja usava-se de interdiscursos para garantir seus direitos políticos, nisso a instituição religiosa criava grandes cerimônias religiosas, onde grupos políticos podiam promover sua popularidade (SILVA, P., 2012).

A Era Vargas, período de expansão industrial e intensa urbanização, vão se constituir diversas regulamentações sobre o processo educacional. Em um cenário marcado por movimentos políticos como a Revolução de outubro (1930), Revolução Constitucionalista (1932), e o advento no Estado Novo (1937), buscar-se-á dar um caráter mais orgânico para a educação. O movimento da Escola Nova intensificou o embate entre liberais e católicos, estes últimos defendiam o ensino religioso na

---

<sup>19</sup> “O assassinato de João Pessoa, em julho de 1930, candidato a Vice-Presidente da República na chapa de Getúlio Vargas, provocou uma revolução armada contra o governo de Washington Luiz. O movimento, que eclodiu em 03 de outubro de 1930, levou Washington Luiz a entregar o poder a uma junta militar, aconselhado por Dom Sebastião Leme, Cardeal do Rio de Janeiro” (BORIN, 2010, p. 214).

escola, a separação entre sexos no ambiente escolar, a escola particular, defendiam que a família, e não o Estado, fosse responsável pela educação (ANDREOTTI, 2006).

Uma das primeiras implementações educacionais da chamada Era Vargas (1930-1945) foi a Reforma de Francisco Campos (1931), então ministro da Educação e Saúde. A reforma aumentou o ensino secundário de 5 para 7 anos, dividindo-o em dois ciclos, um fundamental e outro complementar. O primeiro ciclo conferia uma formação geral, já o segundo era uma preparação para o Ensino Superior (DALLABRIDA, 2009). Na década de 40, Gustavo Capanema, Ministro da Educação (1934-1945), implementou a reforma educacional denominada Leis Orgânicas do Ensino (1942-1946). A reforma estruturou o ensino comercial e industrial, ao mesmo tempo, dividiu o ensino profissionalizante em dois ciclos: Fundamental (Ginasial), geralmente com 4 anos, e outro chamado de Técnico, com duração de 3 a 4 anos (OTRANTO; PAMPLONA, 2008).

Percebemos que, ao longo do período republicano, as relações entre Igreja Católica e Estado foram alterando-se conforme o que estava em jogo. Se em um primeiro momento, a Igreja precisou reorganizar sua estrutura eclesiástica, posteriormente a instituição católica aproveitou-se da situação política do país para aproximar-se do governo. O Estado também precisava da Igreja, para legitimar-se perante a população e promover suas políticas. Nesse jogo de interesses, o clero buscou defender o catolicismo na sociedade brasileira, fazendo reivindicações em prol da Igreja.

No tocante a educação, a principal exigência da Igreja foi que o ensino religioso fosse ofertado nas escolas públicas. A Igreja via através da educação um meio para difundir o catolicismo, e o ensino público era um concorrente das escolas confessionais. À medida que o ensino brasileiro foi se organizando, ao longo de décadas, a maioria da população começou a matricular seus filhos nas instituições escolares do Estado. Nesse sentido, era importante expandir o ensino religioso, além das escolas geridas por congregações religiosas, sendo uma forma da Igreja garantir seu capital simbólico na sociedade brasileira.



### 3 MOVIMENTO DOS IMIGRANTES ITALIANOS PELA PIA SOCIEDADE DAS MISSÕES

A chegada dos primeiros imigrantes italianos no Vale Vêneto remonta a 1878, quando o local começou a ser colonizado por famílias da região do Vêneto, Província de Treviso na Itália. Conforme os estudos de Cesca (1973), a ocupação ocorreu em duas etapas, num primeiro momento, chegaram as famílias Pozzobom e Dotto, estabelecendo-se em 20 de maio daquele ano. No mesmo ano, chegariam mais 36 famílias lideradas pelo, então, imigrante Paulo Bortoluzzi:

[...] Brondani, Bevilacqua, Bisognin, Creazzo, Bolzan, Carlotto, Druzian, Bolzan, Bortoluzzi, Iop, Pivetta, Parzianello, Pellizaro, Pozzobon, Tronco, Vernier, Marcuzzo, Meneghel, Melotto, Mario, Nogara, Dal Santo, Rosso, Righi, Venturini, Vizzotto, Varaschin, Forzin, Forgerini, Londero, Lovato, Moro e Zaggo [...] (CESCA, 1973, p.70).

Conforme Vendrame (2013), o aumento da família Bortoluzzi pode ter sido um dos motivos que pesaram na decisão de Paulo Bortoluzzi em emigrar para o Sul do Brasil. Em 1862, a família já era composta por 30 membros, todos viviam em uma única casa de três pisos, e trabalhavam no cultivo de algumas terras férteis da baronesa Annetta Zen. Havia uma preocupação com o futuro da família, que, com o crescimento dos filhos tornava-se mais numerosa, e portanto, dificultando o fato de que todos pudessem trabalhar nas mesmas terras.

Provavelmente, a situação da família de Paulo Bortoluzzi na Itália era economicamente melhor em relação a outras famílias que vieram a emigrar para o Brasil. Então, possivelmente não seria somente as crises econômicas que assolavam a Itália, no final do século XIX, o motivo pela escolha de emigrar, mas o fato de aqui tornarem-se proprietários de terras. Paulo Bortoluzzi era proveniente da comuna de Francenigo, na Província de Treviso, quando partiu com seus familiares, no início de 1860, para a localidade de Piavon.

De acordo com Vendrame (2013), a ideia de Paulo Bortoluzzi era vir para a América e usufruir as oportunidades que a “Novo Mundo” dispunha, sendo uma delas tornar-se um proprietário de terras e fazer fortuna. O projeto de emigração começou a ser pensado em 1876, muito influenciado por jornais nacionais que propagandeavam os lucros do “Fazer a América”. Consta também, o incentivo de

alguns sacerdotes como o padre Giovani Solerti, considerado fanático, e que impulsionava a emigração, considerando a religião em declínio na Itália.

O grupo liderado por Paulo Bortoluzzi reunia cerca de 300 pessoas, quando em 1878, partiu da Itália para fundar uma colônia próxima a Silveira Martins. Inicialmente, o núcleo colonial que era recheado de rochas e estruturada sobre um declive territorial foi denominada “Buraco”. Por conseguinte, devido à expressiva presença da família Bortoluzzi, o local passou a se chamar “Vale dos Bortoluzzi”. Posteriormente veio a ideia do nome Vale Vêneto, tendo em vista, que a maioria dos imigrantes italianos estabelecidos nessa colônia provinha da região de Vêneto na Itália (BONFADA, 1991).

A vida social em Vale Vêneto iniciou bem timidamente: os vizinhos começaram a se visitar e a se conhecer. Ajudavam-se nos trabalhos e muitas vezes se emprestavam ferramentas, segundo a disponibilidade e a necessidade de cada um. Local de encontro não existia, nem sequer a tradicional “venda” de secos e molhados. Mas havia os locais de trabalho, onde os homens se encontravam abrindo estradas. Foi ali que se teceram os primeiros laços de amizade, que se foi criando maior aproximação (BONFADA, 1991, p. 21-22).

As relações de vizinhança para os italianos eram tão importantes quanto às relações de parentela, estabelecendo laços de amizade que, muitas vezes, tornava o vizinho parte da família (HERÉDIA, 2014). As relações sociais uniam os imigrantes e fortalecia os laços de vizinhança, ao mesmo tempo, era uma forma de afirmar a identidade do grupo, na medida em que os colonos estavam na mesma situação e falavam a mesma língua.

As relações de vizinhança entre os descendentes de italianos ainda hoje são muito importantes, haja vista, que se organizam para promover as festas religiosas, cujo retorno financeiro é investido para melhorias da Igreja Matriz de Vale Vêneto/RS. Temos, como exemplo, a Festa de Corpus Christi, onde todos os anos fiéis de toda a região se reúnem para comemorar e homenagear o padroeiro da comunidade. Na ocasião, ocorre uma missa, uma procissão e um almoço no salão paroquial. A tradicional festa continua tendo muita participação da comunidade, com o apoio de grupos voluntários, que se reúnem para decorar o lugar produzindo tapetes decorativos no gramado na escadaria da Igreja.

Estabelecendo nesse espaço a vida comunitária, os imigrantes italianos logo procuraram constituir toda uma estrutura de aporte econômico, social e religioso,

sob a liderança do imigrante Paulo Bortoluzzi, que além de criar uma casa de comércio (Figura 3) e se dedicar a atividades agrícolas na região, buscou autonomia para a comunidade (VENDRAME, 2012).

Figura 3: Centro comercial de Paulo Bortoluzzi Vale Vêneto/RS



Fonte: Álbum de fotografias. Acervo do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo – Vale Vêneto/RS, sem data.

No aspecto religioso, a forte devoção católica fez que os imigrantes italianos de Vale Vêneto logo procurassem alguém que realizasse o ofício religioso naquele núcleo colonial. Sem sacerdotes na comunidade, a missa<sup>20</sup>, por exemplo, ocorria esporadicamente por conta do vigário de Santa Maria, padre José Marcelino de Souza Bittencourt. Para chegar à pequena localidade, o padre percorria a cavalo um trajeto com cerca de 40 km pela mata, até descer em um descascador de arroz, de propriedade de Paulo Bortoluzzi. No local, o religioso ministrou os primeiros sacramentos entre os colonos presentes no evento, datado em 18 de maio de 1879. Para marcar o fato e a religiosidade daqueles imigrantes, construíram no lugar um monumento em homenagem à sagrada eucaristia “Corpus Christi”, preservado até hoje (Figura 4).

<sup>20</sup> Na tradição católica, a missa refere-se a um acontecimento passado, ao qual se atribui um valor divino, expresso pela recordação da última ceia. Tal celebração é repleta de simbolismo, cujo propósito é partilhar a comunhão (TOSTA, 1997). Nessa cerimônia litúrgica é consagrada a eucaristia, representação da presença viva de Jesus na hóstia.

Figura 4: Local onde foi celebrada a primeira missa em Vale Vêneto, Monumento Corpus Christi (cálice, a hóstia e a cruz)



Fonte: Fotografia tirada pelo autor (2014).

Os imigrantes italianos eram assíduos frequentadores das cerimônias religiosas, cuja presença era observada por toda a comunidade, que na ausência destes, que estavam sob a responsabilidade dos sacerdotes, era questionada e comentada (BENEDUZI, 2008). Então, estar presente na missa era muito importante, sinal de estar inserido na comunidade, ao mesmo tempo, expressar sua religiosidade.

Figura 5: Imigrantes italianos presentes na primeira missa de Vale Vêneto/RS (1879)



Nome de senhores e senhoras que assistiram a primeira missa em Vale Vêneto: 1ª fileira, de pé: Alexandre Nogara, Angelo Pivetta, Angelo Bortolluzzi, Carlos Lucio Dotto, Antonio Brondani, João Bortoluzzi, Atilio Iop, Fiorino Pozzobon, José Mario. 2ª fileira sentados: José Bolzan, Anna Cassola, Maria Righ, Santa Bortoluzzi, Maria Meneghelo, Catharina Venturini, Teresa Dotto, Stella Iop, Catharina Dotto, Regina Foletto. Fonte: (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p. 05 e 36).

Em muitos núcleos coloniais italianos no Rio Grande no Sul, a construção de uma capela constituiu o ponto de partida para congregar a comunidade. A capela era uma referência para a vida social e religiosa dos italianos. Como em Vale Vêneto, muitos imigrantes eram membros da Ordem de São Francisco, devoção trazida da Itália, os colonos trataram de construir uma capela dedicada a São Francisco de Assis.

Figura 6: Capela São Francisco de Assis, Vale Vênето/RS



Fonte: Álbum de fotografias. Acervo Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo – Vale Vênето/RS. De acordo com Bonfada (1991, p.37) a fotografia “[...] provavelmente, é de 24 de julho de 1886, quando da chegada dos Palotinos, ou por ocasião da missão pregada pelo padre Anselmo de Souza, poucos dias antes”.

Para programar a construção da capela de São Francisco de Assis, elegeu-se três fabriqueiros, que seriam responsáveis pela obra: Luiz Pozzobom, Isidoro Lovato e Jacób Iop<sup>21</sup>. Primeiro, estabeleceu-se que cada família doaria seis mil reis para ser erguida a estrutura do chão ao telhado, o restante das contribuições, após uma relativa pausa nas obras, estariam destinados a edificar as paredes, fechar os fundos e erguer um pequeno altar (BONFADA, 1991).

Aos domingos os italianos se reuniam para rezar o terço, recitando os livros de orações para acompanhar a santa missa. Nessa época, ainda existiam dois catecistas, Lourenço Bolzan e Attilio Iop, que ensinavam a doutrina para as crianças da comunidade (CERETTA, 1941).

A catequese foi uma das primeiras formas de educação entre os filhos de imigrantes italianos. Sem escolas, havia a necessidade de educar as crianças da comunidade, nesse caso, uma educação religiosa, baseada na palavra do

---

<sup>21</sup> Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS. CERETTA, Antônio. História de Vale Vênето (1877-1886), 1941 (tradução em português feita pelo mesmo autor da escrita original de 1894). Caixa 2. Missão Brasileira: Histórico (Vale Vênето, São João do Polêsine), biografias, entrevistas, depoimentos, relação de nomes dos padres e irmãos, listas.

Evangelho. Inicialmente, sem padres e professores, a figura do *padre leigo* acabava ocupando uma função importante naquele momento de organização da capela.

Em 1879, chegava a Vale Vêneto Antônio Vernier, amigo de Paulo Bortoluzzi, oferecendo-se como intermediário para trazer a comunidade dois padres que conhecia na Itália. Vernier veio para o “[...] Brasil encarregado por uma companhia, que antes de emigrar queriam informações exatas e seguras, para onde dirigiam-se: de modo que ele vinha em qualidade de explorador [...]” (CERETTA, 1941, p.31).

A possibilidade de padres na colônia criou muita expectativa entre os imigrantes italianos, tanto que a viagem de Vernier acabou sendo custeada pelos próprios colonos. Já a vinda dos sacerdotes seria financiada por Bortoluzzi, através da venda de algumas propriedades que possuía na Itália, e posteriormente, ele seria reembolsado pelos imigrantes (BONFADA, 1991). O que demonstra que alguns colonos tinham recursos próprios.

No final de 1889, após quase um ano sem receber notícias de Vernier, chegou a Vale Vêneto uma carta do amigo de Paulo Bortoluzzi. Nela constava que Vernier havia se mudado para a Áustria por temer ser perseguido por ser propagandista da imigração, ao mesmo tempo, pedia que os colonos do Vale quitassem algumas obrigações deixadas em nome dele. Tal episódio gerou certa desconfiança da população que chegou a alegar que Bortoluzzi tivera sido ludibriado por seu amigo, no entanto, Bortoluzzi sempre respaldava Vernier pedindo confiança na palavra de seu colega (CERETTA, 1941).

A segunda carta chegou a meados de 1881, na qual, pedia que Bortoluzzi enviasse uma procuração legal, para que Vernier pudesse levantar dinheiro de uma posse de Bortoluzzi. Após alguns meses, outra carta chegava anunciando a vinda dos sacerdotes. Confirmada a presença de padres para a comunidade, a população logo tratou de arrumar um lugar para abrigá-los. Os religiosos ficariam abrigados na atual Casa Paroquial de Vale Vêneto, onde morava Luis Rosso, o italiano se comprometeu em vender sua casa<sup>22</sup> pelo valor de cem mil réis. Até construir outra casa, Rosso e sua família ficariam hospedados na casa de Paulo Bortoluzzi

---

<sup>22</sup> Na leitura sobre os escritos de Ceretta (1941), sobre Vale Vêneto, deu-se a entender que quem comprou a casa de Luis Rosso foi Paulo Bortoluzzi. Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS. CERETTA, Antônio. História de Vale Vêneto (1877-1886), pg. 34, 1941(tradução em português feita pelo mesmo autor da escrita original de 1894). Caixa 2. Missão Brasileira: Histórico (Vale Vêneto, São João do Polêsine), biografias, entrevistas, depoimentos, relação de nomes dos padres e irmãos, listas.

(CERETTA, 1941). A casa de Rosso, após sofrer algumas modificações estava pronta para receber os sacerdotes.

Esta casa era construída, sobre esteios muito fracos e de madeira de pouca duração, e tinha coberto muito rústico e feio: mas tinha o luxo de possuir uma salinha e quarto, fechados com tijolos crus e caiados por dentro; [...]. Comprada que tiveram tal casa, se puseram todos a trabalhar com todos os esforços para torna-la meno indinha do sacerdote que a devia habitar. Botaram para fora os esteios ajuntarem noutra quarto, levantaram os velhos e fizeram uma pequena casinha, tudo com tijolos crus: fazendo-lhe um coberto mais decente, embora de taboinhas (CERETTA, 1941, p.33-34).

Em 23 de outubro de 1881, chegaram a Porto Alegre dois sacerdotes que Vernier conhecia: padre Vitor Arnoffi e padre Antônio Sório. O primeiro seguiu em direção a Silveira Martins, enquanto que padre Sório acabou ficando na capital devido as suas despesas com a hospedagem. Para saldar as dívidas do sacerdote, Paulo Bortoluzzi e alguns imigrantes pagaram o hotel que Sório estava hospedado. No dia seguinte, ficou estabelecido numa reunião com o então bispo do Rio Grande do Sul, D. Sebastião Dias Laranjeira, que o padre Vitor Arnoffi ficaria em Silveira Martins, enquanto que padre Sório iria para Vale Vêneto. Importante dizer que havia muitos conflitos entre as localidades para ser a sede paroquial, entendido como um passo para se tornarem cidades, porque concentrariam a população e o comércio (PAZUCH, 2015).

Em Vale Vêneto, padre Sório foi recebido com muito festejo pela comunidade, tiros de trabuco avisaram sua chegada e todos foram cumprimentar o sacerdote. Nos dias seguintes, Sório já celebrava os primeiros sacramentos, batizados e a tão esperada missa. Para manter os serviços do padre ficou estipulada uma diária de cinco mil reis, todos pagos pelos próprios colonos. As despesas eram custeadas através da venda de produtos coloniais e do trabalho de imigrantes na construção da estrada de ferro em Santa Maria (BONFADA, 1991).

As relações de padre Sório com a comunidade passaram a mudar após a fatídica morte de padre Arnoffi, em 1884. O falecimento do sacerdote obrigou Sório a se estabelecer em Silveira Martins, tornando-se vigário da sede da colônia. A localidade de Vale Vêneto continuou com o atendimento de Sório, mas sem um padre fixo na comunidade, o que provavelmente estremeceu os ânimos de seus habitantes.

A partir de então, as relações entre Sório e o Vale Vêneto só tenderam a piorar. Segundo Bonfada (1991), durante as missas dominicais realizadas na comunidade, o sacerdote começou a cobrar pelo pagamento de seus serviços religiosos. Embora, estivesse com honorários atrasados, o que incomodou os habitantes foi a forma como Sório se dirigia aos italianos, acusando-os de maus pagadores. Paulo Bortoluzzi e alguns imigrantes chegaram a desembolsar a quantia de 550 mil reis para pagar o valor reclamado pelo padre. Contudo, colocaram uma condição junto ao sacerdote: Sório continuaria fazendo as missas, mas somente até os moradores conseguirem outro padre, ou seja, Sório teria que abdicar do curato de Vale Vêneto (BONFADA, 1991).

Durante as idas de Sório para celebrar as missas em Vale Vêneto, a população começou a desconfiar que Sório tivesse outras intenções. O padre teria uma suposta pretensão de tornar-se pároco de toda região e continuar com sua jurisdição sobre o Vale. Em uma de suas visitas aos domingos, os colonos chegaram a negarem-lhe a chave da capela da comunidade (BONFADA, 1991).

Sório, por sua vez, pediu a interdição do templo religioso, não sendo atendido recorreu à delegacia de Santa Maria. O delegado chegou a acompanhar dois soldados a Vale Vêneto, mas vendo a situação compreendeu que a capela era propriedade dos imigrantes italianos (BONFADA, 1991). Sem reconhecimento de sua autoridade religiosa no Vale, padre Sório enviou uma carta diretamente ao bispo D. Sebastião Laranjeiras.

Ali chegando encontrei a capela cheia de gente e o negociante Paolo Bortoluzzi junto ao altar, fazendo uma prédica. Exortava ele o povo para que, de nenhum modo, me reconhecesse como vigário daquele lugar [...]. Este negociante, naquele lugar, estando a sua casa perto da Capela, tem todo o interesse que haja missa, não todas as semanas, como tenho celebrado, mas todos os dias, para atrair sempre fregueses para seu negócio (SÓRIO *apud* BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 331-332).

Embora, haja todo um valor social atribuído ao padre, os imigrantes tinham seus interesses e não se tornaram passivos frente à autoridade eclesiástica. Então, “o padre pertence à comunidade não apenas a instituição religiosa a que está ligado mas aos homens a que se dedica, motivo de seu trabalho” (MERLOTTI, 1979. p. 59). Muito além de um sacerdote fixo na comunidade, os imigrantes buscavam alguém que estivesse engajado com o desenvolvimento da colônia.

Com o intuito de trazer novos padres, Antonio Vernier iria novamente procurar na Europa sacerdotes interessados em vir para a América. No continente europeu, encontrou a Pia Sociedade das Missões. Durante a visita, Vernier conversou com o Procurador Geral da Província Palotina, Guilherme Whitmee, que acabou se interessando pela possibilidade de uma missão no Vale Vêneto. Em 1885, Whitmee chegou a Vale Vêneto e conheceu a região, onde permaneceu aproximadamente um mês. Durante sua estadia, ficou estabelecido que o Procurador Geral enviaria dois padres que teriam a viagem bancada pelos fabriqueiros<sup>23</sup> e uma comissão da comunidade.

As obrigações da Colônia para com os padres foram combinadas e escritas para com binação futura: 1. A Colônia pagará a viagem dos padres. 2. Um dos dois padres receberá gratuitamente o seu sustento e o outro, 3 mil-réis por dia, importância a ser paga antecipadamente em tres prestações. 3. Se os padres desejarem um irmão, um leigo será escolhido um homem que fará coletas nos tempos das colheitas de trigo, de arroz, de feijão, de milho e de uvas. 4. A casa paroquial será doada, com terreno, para sempre. Será mobiliada. 5. Além disso, estará à disposição dos padres um pedaço de terra para a roça (PROBST, 1989, p.14-15).

No dia 19 de julho de 1886, chegou a Vale Vêneto uma carta despachada pelo Telégrafo de Santa Maria. A mensagem que vinha de Rio Grande era endereçada para Paulo Bortoluzzi e continha a seguinte mensagem: *Quattro padri arriveranno Portalegre mercoledi mandate qualcuno incontrarci*. O telegrama possivelmente era de padre Witmee, Superior Geral da Pia Sociedade das Missões, na carta o sacerdote palotino avisa que chegariam quatro padres a Porto Alegre quarta-feira e pede para alguém ir encontrá-los [tradução do autor].

---

<sup>23</sup> “Os fabriqueiros eram os imigrantes responsáveis pela construção das capelas nas comunidades coloniais e pelos cuidados com sua administração. Eram pessoas de destaque e prestígio entre a população” (VENDRAME, 2007, p. 53).

Figura 7: Telégrafo noticiando a chegada dos padres palotinos

REPARTIÇÃO GERAL  
TELEGRAPHOS  
Estação S. Maria 19 de julho de 1886

Telegramma N. 734  
Número de Ordem 111  
CARGEM

Hora de apresentação  
Remetido a  
Número de palavras pagas 17  
Hora de expedição 2:55 p.m.

Recibido de  
A's H. m.  
Assignatura do Telegraphista  
Assignatura do Telegraphista Expedidor

Procedente de São Paulo Data Hora m.

Endereço Paulo Bortoluzzi  
Vale Vêneto  
Entho padre arivei anno Botoluzzi  
mercolidi mandate qualemto  
encontra.

Nome e morada do Remetente

Fonte: Telegrama avisando a Paulo Bortoluzzi e ao povo de vale Vêneto, da chegada dos padres palotinos em 19 de julho de 1886. A tomada da posse foi dia 25 de junho. Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS. Caixa 3. Missão Brasileira: cartas, tradução de ata dos fabriqueiros, inventários, livro-caixa, cópias do livro tombo, decreto, atestado, recibo, telegrama.

Em 24 de julho de 1886, chegaram a Vale Vêneto o padre alemão Francisco Schuster<sup>24</sup>, padre suíço Jacó Pfaendler<sup>25</sup>, acompanhados por Guilherme Whitmee e José Banin, Conselheiro Geral da Sociedade Apostolado Católico. No dia seguinte, na festa de Santiago, Pfaendler celebrou solenemente uma missa e tomou posse como capelão com a presença de seu confrade Francisco Schuster (QUAINI, 2016). Era o início de novas relações sociais entre a Igreja Católica e os imigrantes italianos.

A religião é um processo orgânico de significados, são os seres humanos que vivem em sociedade que produzem os significados religiosos. Ao mesmo tempo, a

<sup>24</sup> Francisco Schuster “foi uma das primeiras vocações palotinas na Alemanha. Nasceu em Rain (Baviera), em 19 de maio de 1852. Em 1883, com 31 anos, ingressou no colégio de Máσιο. Já tinha boa parte dos estudos superiores feitos, ordenando-se sacerdote em seis de junho de 86, após completar teologia na Universidade Gregoriana, em Roma. [...] Trabalhou também em Caxias, Monte Belo, Novo Treviso e Agudo [...]” (BONFADA, 1991, p.47).

<sup>25</sup> Jacó Pfaendler “nasceu em Steinerberg, Suíça, em 1856, de família protestante. Jovem ainda, se converteu ao catolicismo [...]. Conheceu os palotinos no colégio de Máσιο, onde entrou em 1886. Cursou teologia em Terni, Itália, sendo ordenado sacerdote em 20 de setembro de 1884. [...]. Ficou no Brasil por 10 anos, daqui seguindo para o Camerum, em 1896” (BONFADA, 1991, p.47).

religião é um produto social, pois, faz parte da cultura ou até mesmo é parte fecundante da mesma (ORO, 2013). Assim, se na esfera sociológica, a religião desempenha uma função social, em Vale Vêneto não foi diferente. No entanto, o delineamento do pensamento religioso e suas práticas precisam ser estruturados para operar uma função social. A sua eficiência está na capacidade de manifestar-se entre os membros de um grupo e desta forma moldar o pensamento dos participantes, transformando as consciências em hábitos (OLIVEIRA, 2011).

Nesse ponto, a Pia Sociedade das Missões, a primeira congregação religiosa a chegar em Vale Vêneto, através de suas obras e auxílio espiritual aos imigrantes, reforçaram o *habitus religioso* entre os italianos, tornando-os passíveis de serem instrumentalizados pelo clero e a doutrina católica. Isso, no entanto, não foi apenas revestido pelas habilidades dos sacerdotes palotinos em promover o catolicismo entre os colonos. Havia um trabalho religioso entre dois grupos da comunidade: os colonos e os padres. Assim, temos *trabalho religioso* quando as práticas e discursos revestem-se de caráter sagrado, e que desta forma, respondem a necessidade de um grupo social. Para tornar-se completo o trabalho religioso precisa que as práticas sugeridas por um indivíduo se sociabilizem com as crenças de outro grupo (OLIVEIRA, 2011). Dessa maneira, entendemos que as práticas dos imigrantes de Vale Vêneto se sociabilizaram com a dos sacerdotes palotinos, por que ambos os grupos eram tomados pela mesma religião e pelos mesmos interesses, ou seja, todos eram católicos e buscavam desenvolver a comunidade.

A Pia Sociedade das Missões, posteriormente chamada de Sociedade do Apostolado Católico<sup>26</sup> (Padres e Irmãos Palotinos), é uma congregação religiosa fundada por Vicente Pallotti<sup>27</sup> em 1835, na cidade de Roma.

---

<sup>26</sup> Em 1854 a Santa Sé exigiu a troca de nome para “Pia Sociedade das Missões”, mas, em 1947 a pedido dos próprios palotinos o nome passou para “Sociedade do Apostolado Católico”. Disponível em: <<https://sac.info/storia-della-societa-2/?lang=pt-br>>. Acesso em 20 fev.2018.

<sup>27</sup> “Vicente Luis Francisco Pallotti nasceu em Roma, no dia 21 de abril de 1795. Era filho de Pedro Paulo Pallotti e de Maria Madalena De Rossi. Realizou seus estudos primários na escola São Pantaleão e os secundários no Colégio Romano. Doutorou-se em Filosofia e Teologia na Universidade Sapienza. Foi ordenado sacerdote na Basílica São João de Latrão, no dia 16 de maio de 1818. Como sacerdote desenvolveu suas atividades apostólicas em Roma e arredores. No dia 04 de abril de 1835, fundou a União do Apostolado Católico e nos anos sucessivos constituiu a comunidade dos Sacerdotes e dos Irmãos do Apostolado Católico (Palotinos) e a comunidade das Irmãs do Apostolado Católico (Palotinas). Morreu no dia 22 de janeiro de 1850. Foi canonizado no dia 20 de janeiro de 1963 [...]” (FILHO, 2008, p.60). Conforme Wallhof (2000), enquanto sacerdote Pallotti fora diversas vezes convidado para administrar seminários, escolas, hospitais, paróquias, entre outras atividades no que concerne as ações pastorais da Igreja Católica. Em 1834, o religioso aceitaria dirigir a Igreja do Espírito Santo em Roma. Em anexo a essa Igreja, no ano seguinte de sua chegada, Pallotti fundaria a União do Apostolado Católico. O ideal de Vicente Pallotti era o apostolado

A União do Apostolado Católico, que surgiu como uma associação composta de sacerdotes diocesanos, de religiosos e leigos, foi aprovada pelo Cardeal Vigário de Roma, Carlos Odescalchi, em 4 de abril de 1835; pelo Vice-Gerente de Roma, Arcebispo Antônio Piatti, em 29 de maio de 1835; e pelo próprio Papa Gregório XVI, em 11 de julho do mesmo ano (HETTENKOFER, 2003, p.244).

Nos estatutos da Congregação Palotina, redigidos entre 1835 e 1836, os associados da Pia Sociedade eram distribuídos em três classes: operários associados, cooperadores espirituais e colaboradores temporais. A primeira classe era formada por sacerdotes e leigos, cujo objetivo era a pregação e instrução religiosa, propagar devoções aprovadas pela Igreja, editar e distribuir livros que defendessem e conservassem a religião católica. A segunda classe era constituída por cooperadores espirituais, que não podendo ajudar de outra forma cooperavam através de orações. Enquanto que a terceira classe contribuía com subsídios temporais, através de doações em dinheiro, objetos sacros e livros, mediante suas possibilidades financeiras (TREVISAN, 1955; HETTENKOFER, 2003).

Importante salientar que as formas de participação na vida da Igreja, especificamente a dos leigos cristãos, teve atenção a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), através do decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos (1965) e, posteriormente, pela Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici* (1988). O primeiro versava sobre a atualidade do papel do leigo na missão da Igreja, exemplificando a função dos leigos no apostolado católico, como forma de evangelizar e santificar os homens<sup>28</sup>. Já o segundo discorria sobre a importância da colaboração entre padres, religiosos e leigos no processo de evangelização. Este documento também destacava a participação dos jovens, crianças, idosos e mulheres na Igreja, apontando a variedade de presenças na instituição religiosa<sup>29</sup>.

Em Vale Vêneto, a Pia Sociedade das Missões “[...] se caracterizava pelo trabalho comunitário, missionário e pela identidade mariana; dentre a sua ação nota-se uma forte investida na formação de um laicato católico” (LEON, 2015, p.90), ou seja, cristãos leigos comprometidos com a evangelização. Mas, ressalta-se que o

---

universal, ou seja, a participação de todos no papel missionário da Igreja Católica: sacerdotes, religiosos, leigos e pessoas de todos os grupos sociais.

<sup>28</sup> Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651118\\_apostolicam-actuositatem\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html)>. Acesso em 22 fev.2018.

<sup>29</sup> Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_30121988\\_christifideles-laici.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html)>. Acesso em 22 fev.2018.

papel do leigo sempre esteve subordinado a Igreja Católica, tendo em vista que os palotinos eram sintonizados com a Restauração Católica no Brasil.

Uma das primeiras medidas tomadas pelos palotinos foi propor a construção de uma Igreja para Vale Vêneto, tendo em vista que a Capela de São Francisco de Assis já se encontrava muito deteriorada devido à ação do tempo. Nas anotações de padre Otávio Bortoluzzi<sup>30</sup>, ele relata que havia um padre recomendando que depois da missa cada um fosse buscar uma pedra para a construção da Igreja. Assim, após a missa formava-se uma fila de fiéis trazendo pedras, no entanto, estas seriam pequenas para tal projeto. Os alicerces da Igreja estavam sob a direção de Baldisera, ergueram-se até dois metros de altura com aquelas pedras. Todavia, o engenheiro ao avistar a obra mandou jogar tudo fora e fazer com pedras maiores. Então, os habitantes da comunidade foram buscar pedras maiores nas linhas<sup>31</sup> localizadas em Vale Vêneto.

O nome da Igreja Matriz, Corpus Christi, foi um pedido particular da Condessa inglesa Anna Stackpoole<sup>32</sup>, benfeitora ligada ao padre Wthimee (BONFADA, 1991). Ressalta-se, que a condessa fez inúmeras doações para a Igreja em Vale Vêneto.

A matriz de Valle Veneto muito deve á generosidade da condessa Anna Stackpoole que contribuiu para a construção da igreja com três mil liras, e doou um sacrario de bronze dourado, dois paramentos inteiros e muitas outras alfaias. O presente porém, de mais alto valor foi o de um sino de bronze dourado fundido em Pariz, de mil e duzentos kilos que hoje valeria não menos que 20 contos. O sino traz os seguites dizeres: IN HONOREM S. GEORGII ET GULIELMI GEORGIA MARIA AUGUSTA CONTESSA DE STACPOOLE CANONICESSA REGIL CAPITULI S. ANNAE BAVARIAE – DONO DEBIT ANNO REPARATAE SALUTIS MDCCCXC<sup>33</sup> (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p. 10).

<sup>30</sup> Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS. Pesquisas feitas pelo Pe. Otávio Bortoluzzi relaciona aos anos da Missão Brasileira 1899. Caixa 4. Missão Brasileira: históricos, biografias, memórias, explicações de evangelhos (1886-1909).

<sup>31</sup> "A divisão das terras, em todas as colônias, obedeceu ao sistema de glebas contínuas denominadas de léguas. [...]. As léguas eram divididas no sentido longitudinal por estradas denominadas de travessões ou linhas, onde eram demarcados os lotes de terra" (GIRON, 1992, p.62). "A légua era um quadrilátero de 5.500 m de lado, cortado no sentido longitudinal por caminhos estreitos e irregulares, de uns 6 a 13 km, abertos na mata – os travessões, linhas ou picadas. Em geral, as léguas possuíam 132 lotes" (MAESTRI, 2010, p.211).

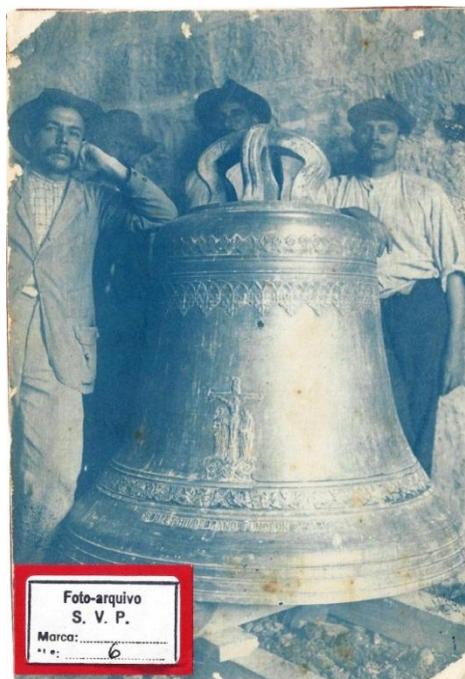
<sup>32</sup> Geórgia Anna Maria Augusta Stackpoole "[...] nasceu em 23 de julho de 1823, filha de um grande proprietário de terra anglo-irlandês. [...] Geórgia esteve a serviço do papa Pio IX, levando mensagens, durante a revolução de Roma (1848) [...]. Morreu em Paris, em 8 de outubro de 1897, aos 74 anos de idade, quando a igreja de Vale Vêneto ainda se encontrava em construção" (BONFADA, 1991, p.48).

<sup>33</sup> Tradução: "Em honra da Beatíssima Virgem Maria e dos santos Jorge mártir e Guilherme confessor, Geórgia Maria Augusta, condessa de Stacpool, canonissima do capítulo régio de Santa Ana, Baviera, doou. Ano da redenção de 1890. Ave maria cheia de graça, rainha dos mártires e confessores" (BONFADA, 1991, p. 55).

Segundo Bonfada (1991), as doações de Anna Stackpoole vieram detalhadas em carta de Luis Rosso a sua família. Sendo assim, consta que a condessa doou cinco cibórios, um tabernáculo de madeira dourado, um cálice e uma quantia de 13 mil francos para a construção da Igreja. Além disso, doou um conjunto de 3 sinos, o primeiro medindo um metro e quarenta de diâmetro, o segundo com um metro e dez e o último com noventa centímetros. Tudo isso, totalizando cerca de 40 mil francos. Os sinos partiram de Paris até Liverpool de onde seguiram rumo ao Brasil.

Em Vale Vêneto, já se noticiava por volta de 1890 que os sinos estariam no Rio de Janeiro. No entanto, havia uma questão a ser resolvida, tendo em vista que junto com os sinos havia uma relação das taxas alfandegárias, sendo elas: o primeiro transporte custaria 95 mil réis e o segundo 202 mil réis, dinheiro que a comunidade não teria como desembolsar. O padre palotino João Batista Vogel chegou a ir ao Rio para resolver o problema, com isso, conseguiu a isenção de impostos do sino maior. Dessa maneira, o sino partiria de Porto Alegre rumo a Arroio do Só, de onde seguiu de carreta de bois até chegar ao Vale. Na ocasião, tiros de espingardas e trabucos avisavam a chegada do grande sino (BONFADA, 1991).

Figura 8: Sino da Igreja Matriz Corpus Christi



Fonte: Envelope com fotografias de Vale Vêneto/RS. Arquivo Palotino Santa Maria/RS.

Os sinos traziam familiaridade ao emigrado, rastros de um mundo que ainda existia, apesar da distância da terra natal, ao mesmo tempo, era símbolo de poder e prestígio da comunidade e da Igreja (ZANINI, 2006). O sino não era apenas um símbolo religioso, ele servia como instrumento da linguagem universal da vida dos imigrantes, como apontou Santin (1986). Cada badalada do sino podia representar sinais de difusão dos acontecimentos na comunidade: uma missa, um sacramento, uma festa religiosa, ou o falecimento de um habitante da colônia. Nesse sentido, consideramos que o sino conectava as pessoas, através de convenções sonoras, que para o emigrado era importante.

Em 1886, padre Jacó Pfaendler se reuniu com uma comissão da Igreja para tratar de estabelecer alguns termos.

A escolha do terreno da futura Igreja cabe aos padres. 2. A Igreja será consagrada ao Santíssimo Sacramento. 3. O capital da doadora ficará nas mãos de Paolo Bortoluzzi: 209 e meia moedas de ouro, cada um no valor de 20 mil-réis; mais uma libra esterlina e 2 francos suíços de doador incógnito; e enfim 10 mil-réis em papel moeda. 4. Antes de se fazer o uso deste capital, todas as pedras deverão estar quebradas e no local da construção. 5. O estilo da Igreja deve ser escolhido pelos padres. 6. Se houver dúvidas, devem ser tiradas pelo padre (PROBST, 1989, p.18).

Conforme Bonfada (1991, p.47), “no dia 24 de janeiro de 1887, o bispo autorizou a sua construção [da Igreja] e nos dias seguintes deu-se início à gigantesca empreitada”. O projeto estrutural da Igreja era, inicialmente, com 33 metros de comprimento e 12 metros de largura, respectivamente em alusão a idade de Cristo e aos 12 apóstolos. Todavia, com o tempo houve uma divergência entre os padres palotinos a respeito das dimensões da Igreja. Enquanto que o padre Shuster queria manter a estrutura inicial, que era uma vontade da Condessa Anna Stackpoole, padre Jacó Pfaendler queria uma Igreja maior. A vontade de Pfaendler prevaleceu (PROBST, 1989).

A Igreja dedicada ao Santíssimo Sacramento acabou estruturando-se com 39 metros de comprimento e 17 metros de largura, e possivelmente essa deve ser as dimensões atuais da Igreja em Vale Vêneto. O forro, o assoalho e a pintura da Igreja ficaram por conta do padre Roberto Kurkloc, e com a ajuda do padre Rafael, em dois anos conseguiu-se levantar a torre. A Igreja ainda possuía alfaias litúrgicas e

imagens esculpidas em madeira feita todas em ateliês europeus (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p. 08).

A Igreja de Corpus Christi foi construída 70 metros abaixo da capela de São Francisco de Assis. Ao longo dos anos, a Igreja foi recebendo reformas e reparos. “A primeira festa em honra ao padroeiro aconteceu no dia 12 de dezembro de 1909, quando foi inaugurado por Dom Cláudio Ponce Leão – bispo de Porto Alegre, tornando-se [...] paróquia no dia 24 de abril de 1911” (ERTHAL, 2005, p. 72).

A Igreja era um espaço de suma importância para os imigrantes italianos, onde os colonos expressavam suas crenças e louvor a Deus. A porta da Igreja constituía uma ruptura entre o mundo profano e o mundo sagrado (ELIADE, 1992). Além de seu aspecto sagrado, a Igreja era um centro de localização espacial da comunidade, onde os habitantes se reuniam e confraternizavam. Na Figura 9, está representada a Igreja Matriz de Vale Vêneto, onde se percebe a suntuosidade do templo.

Figura 9: Igreja Matriz de Corpus Christi, Vale Vêneto/RS



Fonte: fotografia tirada pelo autor (2014).

Os palotinos, logo que chegaram a Vale Vêneto, procuraram estruturar a religião sob a ótica da Igreja romanizada. Para os imigrantes, a chegada dos sacerdotes constituiu a possibilidade de progresso da comunidade. A construção da Igreja Matriz significou, nesse âmbito, uma conquista para os imigrantes italianos. O

espaço da Igreja permitia concentrar um número maior de fiéis para as celebrações sociais e religiosas. Os religiosos enfatizavam que a religiosidade e a moralidade dos habitantes do Vale Vêneto, era evidenciada pela frequência as missas, aos santos sacramentos, a santa missa e as demais celebrações religiosas (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p.08).

Aos domingos, era comum os imigrantes italianos reunirem-se para rezar, cantar e acompanhar as festividades na Igreja. Além disso, essas reuniões criavam laços de sociabilidade entre os colonos.

Para Marin (1999), com a construção da Igreja de Corpus Christi, a devoção a São Francisco de Assis seria extinta, pois a Igreja romana postulava um maior controle eclesiástico sobre os leigos. Contudo, em 1929, a Ordem Terceira de São Francisco ainda existia como associação religiosa. Possivelmente, essa associação fosse acompanhada por um pároco, pois, a Igreja romanizada era totalmente hierarquizada, a figura do leigo deveria ser submetida ao poder eclesiástico. Para isso, a Igreja Católica incentivou a criação de diversas associações religiosas sob seu domínio. O objetivo era ter um controle mais efetivo sobre os indivíduos, sobre as famílias, sobre os hábitos cotidianos, através da disciplina e normas de conduta moral e religiosa estabelecidas pela Igreja.

Para Bourdieu (2007), os agentes sociais que dominam o campo religioso são aqueles que detêm o capital simbólico. Os agentes sociais, nesse caso, os padres palotinos são os que detêm a produção do capital simbólico, enquanto os imigrantes italianos são os receptores. Dessa forma, para manter-se no campo religioso o grupo dominante faz uso desse capital, de forma que o sacerdote, dispõe de um aparelho burocrático (instituição religiosa), o que facilita o seu trabalho religioso e lhe dá credibilidade perante ao leigo, aquele que consome os bens de salvação. Dessa forma, em Vale Vêneto, a Pia Sociedade das Missões criou diversos mecanismos para atrair os imigrantes em seu projeto romanizador.

### 3.1 ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS

O número significativo de associações religiosas em Vale Vêneto pode atestar o quanto era expressiva a religiosidade daqueles imigrantes e a diversidade de devoções. Em 1929, por exemplo, havia na paróquia de Vale Vêneto seis

associações religiosas, a saber: a Ordem Terceira de São Francisco (com aproximadamente 60 sócios); a Irmandade do Santíssimo Sacramento (com aproximadamente 80 sócios); Confraria de Nossa Senhora do Carmo (com 2 mil membros); Apostolado da Oração (com 2 mil sócios), com um subcentro em São João do Polêsine e Ribeirão; a Confraria das Filhas de Maria<sup>34</sup> (com 48 sócias); União dos Moços Católicos (aproximadamente 300 sócios) (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p. 14). Possivelmente muitos associados faziam parte de mais de uma destas associações religiosas.

Nesse período, diferente dos anos iniciais da chegada dos imigrantes, as associações religiosas eram dirigidas e acompanhadas por um pároco, que centralizava todas as decisões. Os associados chegavam a ocupar alguns cargos diretivos, mas sem poder real de decisão. Era o sacerdote que organizava as festas religiosas e presidia as reuniões mensais (MARIN, 1999).

A União dos Moços Católicos de Vale Vêneto (U.M.C.), por exemplo, surgiu a partir da reunião de alguns vigários da ex-colônia Silveira Martins, a exemplo das que já existiam em cidades vizinhas. Assim, os vigários convocaram a população de suas respectivas paróquias para reunirem-se e discutirem, em São João do Polêsine, a criação da U.M.C. Após algumas reuniões, em 15 de agosto de 1926, foi fundada a U.M.C. de Vale Vêneto, associação filiada a União dos Moços Católicos de Santa Maria (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p. 24). A solenidade foi registrada com uma insígnia, conforme a Figura 10, a qual ao ser levada a frente do grupo nas celebrações e romarias marcava a presença da Igreja entre os jovens.

---

<sup>34</sup> Possivelmente a mesma Pia União das Filhas de Maria.

Figura 10: Benção da Bandeira da União dos Moços Católicos por Monsenhor Custódio Bandeira, em 15 de agosto de 1926



Fonte: Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p.21.

A U.C.M. era uma associação civil religiosa que tinha por divisa Deus e Pátria, seguindo os princípios: combater os vícios, criticar as modas exageradas, levar os bons costumes a santidade da família cristã (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p. 24).

A U.C.M. de Vale Vêneto recebia homens solteiros e casados, além de preparar os jovens através de cursos e leituras consideradas sadias (MARIN, 1999). Em 1929, a associação tinha como presidente o imigrante Antonio Dotto, vice-presidente e secretários Matheus Busanello, Carlos João Busanello e Angelo Cremosino, respectivamente, como tesoureiro Seraphin Moro, e como assistente eclesiástico o padre Rafael Iop (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p. 24).

Sobre a associação da Pia União das filhas de Maria<sup>35</sup>, Power (*apud* MARIN 1999, p.79), cita que ela tinha o seguinte fim:

---

<sup>35</sup> A origem histórica da Congregação das Filhas de Maria remete a associação religiosa criada por Catarina de Labouré, na França. A religiosa teria tido uma visita da “Virgem Maria”, que acabou ordenando-a a criar uma associação como o nome de “Filhas de Maria”. A associação foi estabelecida em 1837 na paróquia de Saint Pierre de Gros, em Paris, recebendo o nome de “Associação das Filhas de Maria Imaculada”. Posteriormente, Alberto Passèri, pároco da Igreja Santa Inês em Roma, resolver criar, em 1837 uma associação religiosa, assim como, a francesa que conferia seus votos a Virgem Maria. A Associação foi denominada de “Pia União das Filhas de Maria”, que além de carregar a proteção de Virgem Maria, levava o patrocínio de Santa Inês (SOUZA, 2009).

[...] auxiliar os seus membros na observância da lei de Deus, no fiel cumprimento dos deveres cristãos, oferecendo ao mesmo tempo um meio seguro para preservar as donzelas do contágio corruptor do século. Em particular tem por objeto:

1. Prestar culto especial a Maria Santíssima.
2. Promover o adiantamento de seus membros na prática das virtudes cristãs.
3. Assegurar a perseverança na pureza dos costumes.
4. Preparar as Filhas de Maria para o estado que tiverem vocação.

A Igreja Católica procurava regular as mulheres estabelecendo um modelo de pureza e castidade. A Virgem Maria era o modelo de mulher que a Igreja Católica postulava, obediente, caridosa e com uma pureza inalcançável, esse era o perfil que deveria ser seguido pelas demais associadas. A Igreja buscava criar papéis que afastassem a participação da mulher na sociedade, a qual cabia à vida familiar e religiosa, renunciando ser mulher, para se tornar mãe esposa e devota (PRANDI *apud* SOUZA, 2009).

A Figura 11, registra a presença de 44 associadas às *Filhas de Maria*, juntamente com a dirigente espiritual do grupo.

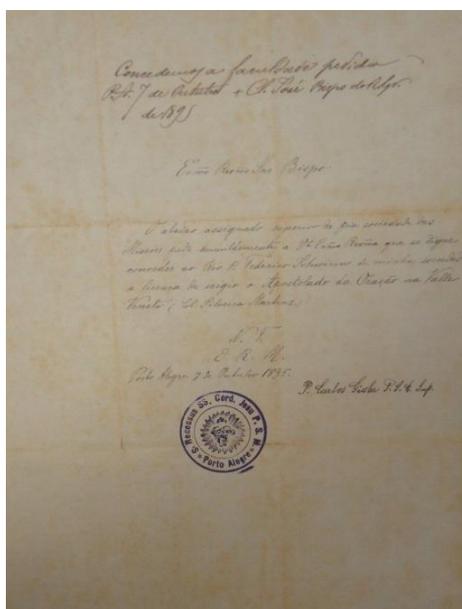
Figura 11: Filhas de Maria, 1925, Vale Vêneto



Fonte: Álbum de fotografias. Acervo Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo – Vale Vêneto/RS.

No que se refere ao Apostolado da Oração<sup>36</sup>, possivelmente essa associação religiosa tenha sido criada pelo padre Frederico Schwinn tendo, como base uma carta, na qual, padre Carlos escreveu, no dia 7 de outubro de 1895, a seguinte mensagem para o Bispo Cl. José<sup>37</sup> (Figura 12): O abaixo assinado superior da Pia Sociedade das Missões pede humildemente a V. Exmo. Revmo. que se digne conceder ao Reverendo Frederico Schwinn de minha sociedade a licença de erigir o Apostolado da Oração no Vale Vêneto, Colônia Silveira Martins.

Figura 12: Carta pedindo a licença para o Pe. Frederico Schwinn fundar o Apostolado da Oração em Vale Vêneto



Fonte: Arquivo Palotino da Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS. Carta concedendo licença ao Pe. Frederico Schwinn a erigir a Apostolado da Oração em Vale Vêneto, 07/10/1895. Caixa 3. Missão Brasileira: cartas, tradução de ata dos fabriqueiros, inventários, livro-caixa, cópias do livro tomo, decreto, atestado, recibo, telegrama.

<sup>36</sup> “O Apostolado da Oração foi fundado pelos jesuítas, na França, no ano de 1844. [...]. Segundo a história oficial do movimento, o mesmo foi fundado no dia 3 de dezembro de 1844, pelo Padre Francisco Gautrelet, na Casa de Estudos dos Padres Jesuítas, em Vals, no dia da festa de São Francisco Xavier. Nesse dia, o Padre Gautrelet mostrou a um grupo de estudantes como poderiam adotar, com fervor, a vida apostólica, sem prejuízo de seus estudos: deveriam oferecer suas orações, trabalhos e sacrifícios, em união com o Sagrado Coração de Jesus, prestando, assim, “valiosíssimo auxílio” para a “salvação do mundo”. Alguns anos depois, em 1861, foi lançado o primeiro número da publicação oficial “Mensajeiro do Coração de Jesus” — ainda hoje existente —, que se editou logo depois em vários países: Itália (1864), Áustria (1865), Estados Unidos e Espanha (1866), Colômbia e Hungria (1867), Inglaterra (1868), Holanda e Bélgica (1869). O movimento não cessou de crescer, tendo como grande divulgador o Padre Henrique Pamieri, SJ: em 1883, quando morreu este sacerdote, o AO já possuía, em todo o mundo, cerca de 13 milhões de associados em 35.600 centros. No Brasil, embora a devoção ao Sagrado Coração tenha sido divulgada por padres lazaristas franceses, o movimento chegou em junho de 1867, pelas mãos do padre jesuíta Bento Chembri, que fundou o primeiro centro desse movimento na igreja de Santa Cruz, em Recife” (MAUÉS, 2000, 4-5).

<sup>37</sup> Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, Bispo bispo da Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul (1890-1912).

Cada associado recebia uma especie de manual denominado *Lembrança da minha entrada no Apostolado da Oração*. Conforme o pequeno manual:

O Apostolado da oração é uma piedosa Associação que, destinada a promover a glória de Deus e a salvação das almas, exerce o seu officio apostolico, não só pela oração quer mental, quer vocal, como também por outras obras pias, enquanto são empretatórias e pode conciliar-nos o Santíssimo Coração de Jesus, para alcançarmos o dito fim<sup>38</sup>.

O livreto era composto por orações como, por exemplo, oração pela manhã, modo de ouvir a missa, atos para a confissão, entre outros. Segundo Marin (1999), o *Apostolado da Oração* recebia mulheres casadas de boa conduta moral e religiosa. Ainda, segundo o autor, durante as reuniões mensais, o diretor espiritual da associação desenvolvia junto às congregadas campanhas sobre obediência e fidelidade aos maridos e as autoridades eclesiásticas.

Nesse sentido, a fidelidade da mulher era algo sempre a ser vigiado, por ela, ser fiel era garantir a honra do marido, a própria legitimidade da prole, e a salvação de sua alma. Além disso, o matrimônio é um sacramento indissolúvel para a Igreja Católica. A Igreja tinha uma grande preocupação com a sexualidade das mulheres. Havia uma ânsia em controlar as falas, os gestos, as vestes, as leituras e o comportamento feminino. O sexo feminino era considerado suscetível ao pecado, então, nada mais correto de monitorar a mulher e suas amizades, sendo estas associações um destes mecanismos. Nesse contexto, havia uma ideia “[...] generalizada [...] a inclinação da mulher ao pecado de vaidade, o que a torna uma criatura pouco reflexiva, atraída pelos aspectos superficiais da vida, e necessitada, por conseguinte, de uma constante orientação masculina” (AZZI, 1993, p.113).

Conforme Marin (1999), as associações religiosas constituíam um espaço de relações de poder. Era recomendado aos associados ter um padre fixo para suas confissões, o que garantia um melhor controle por parte da Igreja sobre seus fiéis. As condutas morais e religiosas eram vigiadas de perto pelos sacerdotes, seja nos confessionários, através das visitas em famílias ou nas reuniões mensais.

Outra questão evidenciada pelos palotinos era a importância do matrimônio, da família e dos filhos. Em 1929, constava que havia na paróquia de Vale Vêneto, 28

---

<sup>38</sup> Livro de orações do Apostolado da Oração, *Lembrança da minha entrada no Apostolado da Oração*, de Josi Mainardi, 17 de outubro de 1926, p.15. Acervo do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo – Vale Vêneto/RS.

casamentos e 171 batizados. Além disso, havia um total de 537 famílias, sendo que desse número 136 tiveram para mais de 10 filhos cada uma. Destacavam-se o casal Paulo e Stela Bortoluzzi com 24 filhos, o casal Bernades Carvalho com 18, e o casal Baldissera com 17. Por essa questão, os palotinos diziam que as famílias eram ricas de filhos e por isso abençoadas (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p. 08).

O casamento transformou-se em um mecanismo de organização da vida social, econômica e familiar, onde a quantidade de filhos podia ser uma forma de garantir a mão de obra para trabalhar nas propriedades de terras (VANNINI; KUMMER, 2015).

### 3.2 SEMINÁRIO RAINHA DOS APÓSTOLOS

O processo de europeização, ou seja, a clericalização da Igreja no Brasil, provocou diversos avanços no que se refere à estrutura eclesiástica brasileira, sendo uma delas a criação de seminários. Se em 1850, tínhamos no território brasileiro uma pouco mais de meia dúzia de casas formadoras de sacerdotes, esse número pulou para mais de 600 nos anos de 1960. Em 1958, o Papa Pio XII chegou a chamar os cem anos anteriores, o “século de ouro dos seminários”, tamanho fora a expansão dos institutos de formação sacerdotal. Esses seminários foram guiados pelo conceito da disciplina, a vida seminarística era controlada por uma série de requisitos que faziam o seminarista seguir uma série de normas na vida cotidiana. Estava nessas disposições o controle dos horários, da educação, sobre as leituras, dos modos de comportamento, da hierarquia, tudo isso, vinha acompanhado por um regime, algumas vezes de isolamento do mundo externo (SERBIN, 1992).

A criação de um seminário seria o segundo empreendimento proposto pelos palotinos em Vale Vêneto, à ideia teria partido do padre João Vogel, na falta de uma estrutura pronta, o religioso usou inicialmente a Casa Paroquial da comunidade para receber os primeiros alunos.

Em 1894, o Seminário Palotino de Vale Vêneto já contava com alunos, conforme a Figura 13.

Figura 13: Professores, padres e seminaristas na Casa Paroquial (1894), Vale Vêneto/RS



Sentados: J. Rafael Iop, Simão Michelotti, Domingos Sebbem, Angelo Sebbem, João Barbisan, Agostinho Rorato, Attilio Camozzato. Segunda Fileira: Pedro Wimmer, P. Francisco Shuster, P. João Vogel, P. Antonio Sorio, Roberto Kuklok. Terceira Fileira: Mariano Moro, Carlos Kolb, José Bizzari, Francisco Baldassare, Angelo Donato, Andrea Susin, João Iop, Valentin Rumpel  
 Fonte: Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p.07.

Contudo, o projeto não se concretizou em um primeiro momento, visto que, o padre Vogel acabou se transferindo para a Europa. Em 1896, a Casa Paroquial parou de receber alunos, o restante de seminaristas seria transferido para o Seminário no Bairro Tristeza em Porto Alegre. Somente no ano de 1914 o local voltaria a receber colegas. Mas, devido ao grande fluxo de interessados na formação sacerdotal, o lugar tornou-se pequeno frente a grande demanda de estudantes (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p.12).

Buscando sanar esse problema, os palotinos resolvem edificar um seminário próprio para serem ministradas as aulas. O seminário foi denominado de “Collégio Regina Apostolorum” (Rainha dos Apóstolos), conforme a Figura 14.

Figura 14: Seminário Rainha dos Apóstolos em Construção, Vale Vêneto/RS



Fonte: Envelope com fotografias de Vale Vêneto/RS. Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

O lançamento da primeira pedra do seminário ocorreu no dia 02 de fevereiro de 1922. Conforme a Figura 15, na ocasião, a população compareceu em grande número para prestigiar o evento. O ato solene foi presidido pelo padre Caetano Pagliuca – Superior dos palotinos, acompanhado de outros padres e alunos. O evento também teve um discurso proferido pelo padre palotino Frederico Schwinn, na qual, destacou a importância da obra e o valor do sacerdócio católico (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p.14).

Figura 15: Cerimônia de lançamento da primeira pedra do Seminário Rainha dos Apóstolos, Vale Vêneto/RS (1922)



Fonte: Envelope com fotografias de Vale Vêneto/RS. Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS. Podemos visualizar “á esquerda, na frente, Paulo Bortoluzzi e esposa; no centro, padre Caetano; sentado, padre Schwinn” (BIASOLI, 2010, p. 221).

Em 11 de dezembro do mesmo ano, o novo reitor do seminário, padre Rafael Iop, assumiu o prédio acompanhado de 25 alunos provenientes do seminário de São Leopoldo (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p.14).

O Seminário Rainha dos Apóstolos foi erguido em um terreno doado por Paulo Bortoluzzi, conforme Figura 16. Em 1923, o seminário já possuía 25 estudantes, 3 cursavam o seminário maior, 2 noviços, 11 estavam nos cursos ginasiais e 9 nos cursos elementares (Revista Rainha dos Apóstolos, ano I, abril de 1923, p. 14). Os que por ventura não quisessem ser seminarista também tinham a opção de se tornar irmão leigo na Região Brasileira da Piedade das Missões (Revista Rainha dos Apóstolos, ano IV, nº 12, dezembro de 1926, n.p).

Figura 16: Seminário Rainha dos Apóstolos, Vale Vêneto/RS



Fonte: IOP, Pe. Rafael. Vicente Pallotti e sua obra. Santa Maria: Pallotti, 1935, p.16.

Na imagem abaixo (Figura 17), podemos perceber que os seminaristas, alunos internos do Seminário Rainha dos Apóstolos, em 1936, teriam entre 7 e 12 anos de idade.

Figura 17: Alunos internos (seminaristas) do Seminário Rainha dos Apóstolos (1936), Vale Vêneto/RS



Fonte: Envelope com fotografias de Vale Vêneto/RS. Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS

O Seminário Rainha dos Apóstolos, ao longo dos anos, tornou-se um grande complexo de educação para os seminaristas. Internamente, havia salas de aulas, sala dos professores, biblioteca, sala de encadernação, sala para secretária, cozinha, padaria, refeitório, dormitórios, lavanderia, auditório, pátio com campo de futebol, piscina, entre outros. Isso de certa maneira, também acabava atraindo muitos candidatos.

A Figura 18, retrata uma sala de aula, possivelmente dos anos iniciais de funcionamento do Seminário Rainha dos Apóstolos.

Figura 18: Sala de aula no Seminário Rainha dos Apóstolos, Vale Vêneto/RS



Fonte: Fotografias. Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

O ensino no seminário Rainha dos Apóstolos era repartido em 6 anos. As aulas eram distribuídas de acordo com os professores que atuavam em disciplinas específicas. Conforme o Quadro 1, em 1954, por exemplo, os alunos estudavam português, grego, latim, italiano, francês, história, geografia, música, ciências, matemática, desenho, canto e religião.

Quadro 1: Distribuição das aulas no Seminário Rainha dos Apóstolos (1954), Vale Vêneto/RS

Professor	Disciplina/ano	Disciplina/ano	Disciplina/ano	Disciplina/ano	Disciplina/ano
Pe. Belino Costabeber	06 de latim no III ano	02 de grego no IV ano	2 de geografia no I ano	01 de geografia no II ano	-
Pe. Ernesto Ferrari	07 de português no I ano	07 de História do Brasil no V ano	05 de História do Brasil no I ano	02 de geografia no curso de admissão	-
Pe. Agostino Michellotti	06 de latim no V e VI ano	06 de latim no IV ano	02 de grego no V, IV e VI ano	02 de italiano no VI ano	-
Pe. Darci F. Oliveira	06 de português no V e VI ano	05 de português no IV ano	02 de história natural no IV, V e VI ano	01 de música no II e VI ano	-
Pe. Roberto Nascimento	05 de português no II e III ano	02 de francês no IV ano	-	-	-
Pe. Virgilio Costabeber	02 de trigonometria no VI ano	03 de geometria no V ano	02 de algebra no III e IV ano	02 de ciência no curso de admissão	03 de aritmética no II ano
Pe. Benjamim Ragagnin	02 de italiano no II e IV ano	01 de desenho no curso de admissão	-	-	-
Pe. Justino Pivetta	02 de História da Igreja no VI ano	02 de religião no II, III, IV e V ano	07 de latim no I ano	-	-
Pe. Vitorino Roggia	06 de latim no II ano	02 de geografia no III ano	02 de religião no I ano e no curso de admissão	01 de música no I ano	01 de canto comum no
Irmão Guido Guesti	02 de História Universal no II, III e IV ano	02 de francês no II e III ano	03 de aritmética no I ano	04 de aritmética no curso de admissão	-
Irmão Odone Milanese	08 de português no curso de admissão	02 de caligrafia no curso de admissão	02 de história no curso de admissão	01 de música no curso de admissão	-

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos dados do Livro de Atas Reunião de Professores Seminário Rainha dos Apóstolos (1954-1970). Seminário Rainha dos Apóstolos – Vale Vêneto (1896-1970). Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

O dia a dia seminarístico era repleto de normas e distribuição de ocupações diárias, todas aprovadas nas reuniões do corpo docente. Nesse contexto, o seminarista seguia durante a semana um horário preestabelecido de suas rotinas cotidianas. Tais normas expõem o caráter disciplinador, na qual, o seminário era mantido.

Em um ambiente fechado, como uma escola, o poder disciplinar era uma forma de manter o controle sob as atividades corporais. Segundo Foucault (1987), o

ambiente escolar torna-se um aparelho de exame, que acompanha todas as operações de ensino, onde os alunos eram avaliados diariamente.

Dessa maneira, seguia-se uma rotina diária de atividades, de certa maneira limitando, na devida proporção, a liberdade individual. Isso, implica em uma relação de poder, da instituição religiosa com o seminarista. Esse poder não se estabelece propriamente em limitar a liberdade, mas em fazer um certo tipo de pessoa. Desse modo, o corpo pode ser treinado para exercer certos tipos de comportamentos, ou então, fazer pensar a nós mesmos, a partir, de determinadas maneiras (MAY, 2018). Posto isso, o estudante era treinado para ser o que ele devia ser, ou seja, o futuro sacerdote.

A estrutura organizativa do seminário está representada no Quadro 2, onde se nota que a vida do seminarista era regrada pelo tempo e estudo.

Quadro 2: Horário aprovado do Seminário Rainha dos Apóstolos (1954), Vale Vêneto/RS

TURNO MANHÃ		TURNO TARDE	
Ocupação	Horário	Ocupação	Horário
Levantar	5,45	Estudo	1,15
Orações e missa	6,10	Recreio	2,00
Café	-	IV Aula	2,10
Estudo	8,00	Pausa	2,50
I Aula	8,25	V Aula	2,55
Pausa	9,05	Chá	3,35
Estudo	9,10	Trabalhos até	4,45
II Aula	9,30	Estudo	5,00
Recreio	10,10	Recreio	6,00
Estudo	10,30	Terço	6,15
III Aula	10,50	Estudo	6,30
Pausa	11,30	Janta	7,30
Orações e almoço	11,35	Orações	8,40
Recreio	-	Leitura espiritual	8,50
-	-	Deitar	9,05

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos dados do Livro de Atas Consulta da Casa Seminário Rainha dos Apóstolos (1954 -1966). Seminário Rainha dos Apóstolos – Vale Vêneto (1896-1970). Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

A separação em horário das atividades cotidianas demonstra a organização e, ao mesmo tempo, a rigidez do seminário sobre seus alunos. O regime das orações e dos estudos era uma forma de conduzir o seminarista à vida eclesial, e assim, separá-lo da realidade externa (BENCOSTTA, 2000). Estando sempre ocupados, também podia ser uma forma de afastar os seminaristas da vida fora do seminário,

evitando o contato com ideias, ideologias, outras religiões, que pudessem contaminar o pensamento dos estudantes.

As normas e regimentos do Seminário Rainha dos Apóstolos eram organizados de acordo com as reuniões do corpo docente da instituição. Sendo assim, destacamos alguns avisos da Sessão do dia 04 de Março de 1954<sup>39</sup>, para qual sugestionou-se algumas medidas a serem tomadas na relação professor/aluno:

1. A instrução religiosa, i. é, as conferencias espirituais se deem separadas para os maiores e menores.
2. Não se falem entre os alunos em desabono dos padres
3. Quem precisar fumar só o faça no quarto. O P. Reitor chame a atenção para isso também dos padres de fóra. Cuide-se que a chamada de “roda do chimarrão” não se transforme em roda de talhadores de casaca.
4. Não se diga nada fóra do que se falou nas reuniões dos professores.
5. Consta que ha muita liberdade entre os alunos. Portanto: apertar mais.
6. Cuidado com as leituras e livros inconvenientes.
7. Cuidado com a infiltração de idéias pragmatistas. Parece haver os que pulgam que se deve fazer o que mais se gosta, sob o pretexto que a obdiencia deve ser racional. Bem; mas racional é que a fé triunfe sobre a razão.
8. Consta que se tem dado dias livre demais. Por isso é preciso restringir.
9. Os passeios dêem-se na vespera de um dia livre ou então se troquem as aulas, por exemplo, se o passeio for na terça dar livre na quarta e aulas na quinta.
10. Cuide-se muito da pontualidade.

Para manter a ordem no seminário era preciso que todos os alunos fossem disciplinados e obedientes, regrado normas e comportamentos. Isso significava, muitas vezes, privar os alunos de sua liberdade. Com a fé triunfando sobre a razão, a Igreja postulava instrumentalizar seus alunos às práticas católicas.

Formar um futuro sacerdote parece que não era tarefa fácil, para ajudar a manter o seminário em Vale Vêneto, os padres palotinos chegavam a fazer algumas rifas como forma de arrecadação financeira, assim como, recebiam doações da própria comunidade.

No Quadro 3, percebe-se que havia doações ao seminário como pagamento de promessas ou pelo sufrágio das almas.

---

<sup>39</sup> Livro de Atas Reunião de Professores Seminário Rainha dos Apóstolos (1954-1970). Seminário Rainha dos Apóstolos – Vale Vêneto (1896-1970). Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

Quadro 3: Donativos para o Seminário Rainha dos Apóstolos, Vale Vêneto/RS

BENFEITORES	Oferta
Dra. Ilza Chaves (em sufrágio da alma de seu finado esposo Pedro Chaves Barcellos)	1\$000 réis
Dra. Adelina Niederauer Zanchi (em cumprimento de uma promessa)	\$300 réis
Angelo Pivetta (em sufrágio da alma de sua esposa Luiza)	
José Parzianello (em vida destinou para o bem de sua alma)	
Uma devota Filha de Maria (S. Maria)	\$200 réis
Vicente Pigatto	\$150 réis
Alexandre Rorato	\$134 réis
Luiza Benettí (em sufrágio das almas)	102\$000 réis
Guido Carlos Pasíni, Antonio Busanello, Nicolao Rosso, Luiza Benetti, Tullío Zanchi, Adolpho Pristch, Casa Selbach, Iop & Irmãos.	100\$000 réis
Antemio Cervi	70\$000 réis
Zamberlan & Irmãos, André Antoniazzi, Antonio Dotto, Benoo Pabst.	50\$000 réis
Padre Caetano Pagliuca P.S.M.	\$42 réis
Attilio Iop, Veíssimo Parobelli	\$40 réis
Antonio Dalmaso	\$35 réis
Antonio Ceretta	\$30 réis
Maria Philbert (S. Maria)	28\$000 réis
Arthur Chilini, Pedro Daniel, Carlos Miguel Dotto, João Cervi, Matilde Londero, Apparicio Menezes de Oliveira.	20\$000 réis
Lourenço Iop (em sufrágio de sua falecida esposa Estela)	68\$200 réis
Emilio Marin	17\$000 réis
João Tondo (por alma de sua esposa Maria), Francisco Trevizan, Irmãos Desconzi.	10\$000 réis
Lourenço Iopp	\$8 réis
Antonio Marcuzzo	\$6 réis
Luiz Campagna	\$5 réis
Pergentino Varaschini, João Brondani	\$4 réis
Fioravante Weber	\$3 réis
Antonio Bolzan, Angelo Pivetta	2\$500 réis

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos dados da Revista Rainha dos Apóstolos, ano 1, nº1, 1923, p. 15.

Outras formas de arrecadação para ajudar o seminário se dava em forma de rifa, como noticiado em 1923 na Revista Rainha dos Apóstolos, no período de Páscoa. A rifa teve grande participação da comunidade, totalizando um total de 237\$000 réis, que seriam revertidos para o seminário (Revista Rainha dos Apóstolos, ano I, abril de 1923, p.16). A comunidade também ajudava enviando objetos e utensílios úteis para o seminário<sup>40</sup>.

<sup>40</sup> “Concorreram enviando objectos: P. João Iop, Matheus Busanello, Tulio Zanchi, Moysés Cantarelli, José Alberti, Caetano Pasetto, João Dalforno, Luiz Simonetti, Padres de Santa Maria, Balcini, Helena Rosso, Paulo Bortoluzzi, Madre Augusta, Alexandre Rorato, Santa e Regina Foletto, João Rorato,

São 34 os nossos alumnos. Gastam roupas e calçados, comem com muita disposição e o Padre administrador bota a mão nos cabellos – a caixa está vazia; Custa bem caro fazer um padre! Sim, mas, que serviços não se presta á Egreja, ás almas, á Pátria dando-lhe um novo apóstolo do Evangelho! Quem nos mandará seu obtulo para que possamos formar maior numero desses apóstolos? (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VIII, nº 10, outubro de 1927, p. 176).

Entre algumas ofertas destacavam-se uma diversidade de coisas:

Offertas diversas. Dr<sup>a</sup>, Ricotas Chagas: 1 vacca de leite com terneiro; P. Caetano Pagliuca P.S.M.: 1 cavallo, uma aranja usada, 1 mesa e diversos outros objectos uteis; P. João Barbisan P.S.M.: diversos livros escolares; Tullio Zanchi: 1 toalhinha de mesa e diversos outros objectos; P. João Iop P.S.M.: varios livros e outros objectos uteis. Além destas ofertas, muitos concorreram, uns dando madeiras, e fazendo fretes gratuitos de tijolos, telhas etc. outros dando dias de serviço na remoção da terra no lugar onde foi contruido o Collegio. Deixamos de registrar os nomes destes contribuintes por falta de espaço. Concluimos agradecemos penhorados aboa vontade que toda a população de Valle Veneto tem demonstrado em ajudar a nossa obra (Revista Rainha dos Apóstolos, ano 1, nº 1, abril de 1923, p. 16).

Os diversos donativos em prol do seminário palotino demonstrava que os habitantes de Vale Vêneto estavam engajados em colaborar com a congregação religiosa. Fazer uma doação para a Igreja Católica também era doar a Deus, assim para muitos imigrantes, esperava-se algo em troca. Nessa questão, a Revista Rainha dos Apóstolos (ano VIII, nº 10, outubro de 1927, p. 176), evidenciava que todos benfeitores do seminário seriam lembrados através das orações de seus sacerdotes e alunos. Ademais, havia a possibilidade de que algumas famílias tivessem filhos no seminário, então de uma maneira ou de outra, acabavam contribuindo para auxiliar na formação sacerdotal dos jovens seminaristas.

O recrutamento de vocações religiosas deu-se de forma muito intensa nas regiões de colonização italiana no Rio Grande do Sul. A forte religiosidade das famílias aliada às práticas ligadas a Igreja Católica, das novenas, ladainhas, da reza dos terços e da inserção das crianças aos sacramentos da Igreja era uma forma de influenciar para a vida clerical. As crianças desde cedo eram incentivadas a entrarem em associações religiosas, a própria catequese era uma forma de lapidar

---

Virginia Londero, Th. Cassola, Olivio Bevilacqua, Emilio Marin, Francisco Rorato, Francisco Iop, João Righi, José Forzin, Lourenço Iop, Th. Sbicigo, Santo Bortoluzzi, João Pivetta, P. Valentim Zancan, P. Antonio Bobassaro, Eugenio Bortoluzzi, Henrique Pivetta, Attilio Iop, Carlos Iop e diversos outros cujos nomes nos escaparam” (Revista Rainha dos Apóstolos, ano 1, nº 1, abril de 1923, p. 16).

meninos e meninas desde cedo para a vocação religiosa. Quando uma criança se destacava nas funções da Igreja, a família e os sacerdotes a incentivavam para ingressarem no seminário (SCARPIM, 2014).

Havia também a questão relativa ao número de filhos da família. Nesse sentido, “tratava-se, igualmente, de uma forma de sobrevivência da condição camponesa, pois, ao tornar um filho religioso, ele não entrava na partilha das terras (já poucas), como também tinha a possibilidade de ascensão social via estudo” (ZANINI, 2013, p.30). Contudo, para Scarpim (2014), afastar os filhos da herança parece um argumento que pouco influenciou as vocações religiosas nas colônias italianas. O padre tinha um papel de destaque na comunidade, como representante de Deus, líder espiritual e comunitário, aquele que detinha o controle sobre a educação, vestuário e comportamento. Portanto, a ideia de ser padre parecia ser atraente para muitos filhos de imigrantes.

Por outro lado, a formação educacional católica era muito criticada por opositores da Igreja Católica. Tanto liberais e positivistas viam a Igreja como anticientífica, fato que atrasaria o progresso, tendo em vista que a instituição religiosa seria contrária a modernização. Para esses grupos o desenvolvimento científico e tecnológico teria que passar pelo controle das elites, através do desenvolvimento da educação, liberdade política e social (BORIN, 2010).

### 3.3 REVISTAS PALOTINAS

Tendo edificado uma Igreja Matriz, um seminário e criado algumas associações religiosas, os palotinos também se notabilizaram pela criação de um periódico católico chamado *Regina Apostolorum* (Rainha dos Apóstolos). Isso ia ao encontro do contexto histórico, entre o final do século XIX e início do século XX, onde a Igreja Católica no Brasil procurou reorganizar-se internamente e disputar o espaço social que então vinha perdendo, sobretudo, com a Proclamação da República. Para isso, a Igreja utilizou-se de diversos recursos, um deles foi a imprensa, através da publicação de impressos e revistas católicas.

O objetivo era reafirmar a Igreja enquanto instituição, seja pelo processo de Restauração Católica, ou como um instrumento de orientação do catolicismo entre seus fiéis. A imprensa constituiu um mecanismo de defesa e contra-ataque da Igreja

sobre os considerados erros do mundo moderno: o racionalismo, o socialismo, a laicização, o comunismo, a maçonaria.

Mas, o que ressaltamos nesta questão, é a condenação da Igreja sobre a liberdade de imprensa, especialmente “[...] as ligadas popularização de manifestações que exaltavam formas laicas de sociedade e de pensamento, em detrimento do controle da autoridade eclesiástica e monárquica” (KLAUCK, 2011, p.139). A esse tipo de imprensa, a Igreja considerava má e ímpia, pois, seria prejudicial a moral da sociedade. Em contrapartida, a imprensa administrada pela Igreja era chamada de “Boa Imprensa”, defensora da religião, dos bons costumes, da família e da própria sociedade de maneira geral.

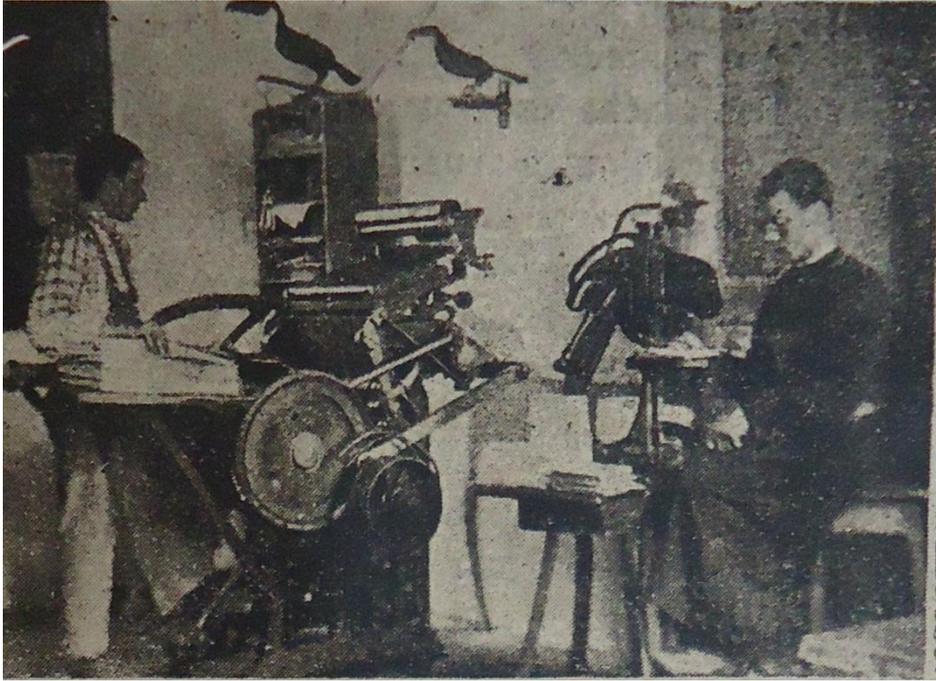
No Vale Vêneto, a criação da Revista Rainha dos Apóstolos estabeleceu esse ideário, um impresso católico notabilizado pela defesa do catolicismo renovado. A ideia teria partido do então, padre Palotino Rafael Iop, quando este se estabeleceu em Vale Vêneto para dirigir o Seminário Rainha dos Apóstolos. Iop já trazia consigo uma primeira experiência quando editava em 1920, a *Folhinha da Serra*, impresso criado para arrecadar fundos para o Hospital São Vicente de Paulo em Passo Fundo, onde fora Vigário<sup>41</sup>.

Na imagem abaixo (Figura 19), um padre e um funcionário estão atuando na Tipografia de Vale Vêneto/RS.

---

<sup>41</sup> Disponível em <<http://revistarainha.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 12 mar.2018.

Figura 19: Tipografia em Vale Vêneto/RS



Fonte: Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p.19.

A primeira edição da revista Rainha dos Apóstolos data de abril de 1923. O periódico era publicado bimestralmente, assemelhando-se ao formato de um livro, algumas matérias eram extensas sendo publicada ao longo das edições. (DALMOLIN, 2007).

Sendo uma revista católica, a Rainha dos Apóstolos dava ênfase à obra missionária dos padres palotinos, noticiando seu trabalho através de artigos e fotografias. Nesse sentido, o periódico apresentava-se como porta-voz da Pia Sociedade das Missões. Entre outros temas estavam notícias que transmitiam uma aspecto de moral para seus leitores. O periódico também abrangia notícias nacionais e internacionais, incluindo países africanos, Alemanha, Índia e China (LEON, 2015).

A Igreja Católica via na criação de revistas uma alternativa aos periódicos leigos. Em Santa Maria, cidade aproximadamente a 40 km de Vale Vêneto, onde palotinos começaram a administrar a paróquia no final do século XIX, Dom Miguel de Lima Valverde, 1º Bispo Diocesano (1911-1922), em Carta Pastoral de 1914, dizia que apenas proibir livros ou folhetins ímpios não era o suficiente, era preciso criar bons jornais que instrumentalizassem os fiéis à religião e à moralidade (BORIN, 2010).

Em comparação com Santa Maria, Vale Vêneto teria saído na frente, com um jornal de assinaturas que, posteriormente, teria maior circulação entre os fiéis católicos. Para termos uma ideia, os principais impressos católicos santamarienses eram o Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria, que esteve em fluxo de 1912 a 1924, e o jornal Santamariense, publicado de 1912 a 1928, conforme Borin (2013). Já, a partir de 1934, a Revista Rainha dos Apóstolos seria transferida para Santa Maria, sendo mais uma aliada dos palotinos no projeto reforçar o catolicismo na cidade.

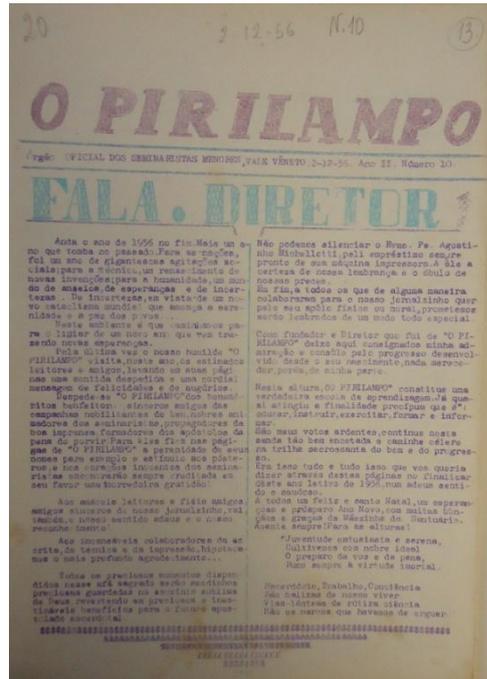
Nesse sentido, entendemos que a Revista Rainha dos Apóstolos fora um instrumento de suma importância para expandir a doutrina católica, e até mesmo captar novos fiéis. A publicação de impressos católicos era uma forma de aproximar o cidadão e a Igreja, através de manchetes que mostravam desde receitas, algumas piadas, ou relatos do cotidiano, mas nunca perdendo de vista os seus objetivos que eram por meio do lúdico fomentar padrões de conduta desejáveis (LEON, 2017).

A fundação da Revista Rainha dos Apóstolos, fez com que os palotinos apoiassem e promovessem a criação de alguns periódicos dentro do seminário palotino em Vale Vêneto. Acreditamos que essas revistas tinham a participação dos próprios estudantes, mas sempre com a supervisão de um Superior. A primeira delas chamava-se *O Pirilampo*, que foi designada como Órgão Oficial dos Seminaristas Menores. Conforme Figura 20, a edição mais antiga que encontramos é de 1956, ano II, edição número 10<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> Jornal O Pirilampo, ano II, nº 10, 02/12/1956. Seminário Rainha dos Apóstolos – Vale Vêneto (1953-1997). Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

Figura 20: O Pirilampo – Órgão Oficial dos Seminaristas Menores



Fonte: Seminário Rainha dos Apóstolos – Vale Vêneto (1953-1997). Jornal O Pirilampo, ano II, nº 10, 02/12/1956. Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

*O Pirilampo*, em 1956 tinha como diretor padre José Pascoal Busato, redator Bruno Albert, técnico Benito Ceretta, datilógrafo Dircéu Sebem, expedidor Gelson Cantarele<sup>43</sup>. A revista ainda tinha a ajuda do padre Agostinho Michellotti que emprestava sua máquina impressora para imprimir o periódico. Nas páginas da revista o leitor podia visualizar notícias sobre diversos assuntos, como esporte, poesias, alguns fatos históricos, aniversários, doações, entre outros. Destacamos aqui a existência de um time de futebol de campo dos Seminaristas Menores do Seminário Rainha dos Apóstolos, através da crônica da Seção Esporte assinada por Mário<sup>44</sup>.

No dia 15 de novembro visitou-nos a poderosa equipe da “LEPAL”, para uma revanche, porquanto, que na última vez que aqui estivera, perdera de 2x1. Almoçaram no parque “Vicente Pallotti”, nas proximidades do estádio Bonança, às margens do “Ipiranga”. Às 4 horas deu-se início ao prélio. Levar a melhor. E estavam reforçados por valorosos elementos do “14 de julho”, do “Rápido união” etc. Mas os nossos pirilampistas têm garra e sangue, quanto disciplina esportiva. Já na primeira metade, o arcos do Lepal foi vasado 4

<sup>43</sup> Jornal O Pirilampo, ano II, nº 08, 18/09/1956. Seminário Rainha dos Apóstolos – Vale Vêneto (1953-1997). Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

<sup>44</sup> Jornal O Pirilampo, ano II, nº 10, 02/12/1956. Seminário Rainha dos Apóstolos – Vale Vêneto (1953-1997). Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

vêses, enquanto que a meta do “Pirilampo”, permanecia invulnerável. Na segunda metade, o arco do Lepal, apesar do esforço e perícia do arqueiro (que não era da Lepal), mais três tentos fizeram subir o placard. Nos últimos instantes surgiu um novo goleiro, para engulir êle, também um frango. E a goleada atingiu a casa dos 8 (oito) contra (1), de penalidade máxima. Decorreu o jôgo num ambiente de verdadeira cordialidade. Assim que os nobres visitantes puderem, sinceremente, dizer: “Aquele pessoal (seminaristas) não discute, não reclama e não briga”. [...]. E “O PIRILAMPO”, aguerrido e unido, finalizou ao ano esportivo invencível.

A equipe de futebol de campo chamada, O Pirilampo, realizou diversas partidas naquele ano de 1956. Podemos citar a vitória contra o S.C Liberdade de Silveira Martins, pelo placar de 5x0, e a vitória sobre o *São Luiz* (alunos internos do Colégio Santa Maria), com o resultado de 5x2 para o O Pirilampo<sup>45</sup>.

A única imagem que encontramos de um time de futebol do Seminário Rainha dos Apóstolos foi a de um grupo de alunos do ano de 1959. Acreditamos que essa fotografia (Figura 21) possa talvez, ser resquícios do time de O Pirilampo.

Figura 21: Time de futebol do Seminário Rainha dos Apóstolos (1959), Vale Vêneto/RS



Fonte: Ex-alunos Seminário Rainha dos Apóstolos. Disponível em: < <https://www.valeveneto.net/Ex-Alunos>>. Acesso em: 10 ago.2018.

A prática de atividades corporais no Brasil e seu elo com a Igreja Católica remonta a construção das escolas jesuíticas em meados do século XVI. A

<sup>45</sup> Jornal O Pirilampo, ano II, nº 10, 02/12/1956. Seminário Rainha dos Apóstolos – Vale Vêneto (1953-1997). Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

Companhia de Jesus tinha por objetivo doutrinar seus fiéis, através de jogos e desportos que disciplinassem o corpo. Nos séculos XIX e XX, com os novos conceitos de educação eclesial europeia chegando ao território brasileiro, houve um incentivo de atividades ligadas a jogos, ginástica, esportes, entre outras modalidades que incorporaram esse viés educacional da Igreja (BORGES, 2005).

No caso do Seminário Rainha dos Apóstolos, entendemos, a prática do futebol como, muito além, da disciplina corporal, a criação de um time é forma de criar relações sociais através da coletividade e ensinar o respeito entre seus membros. Em outro olhar, podemos dizer que uma equipe formada pelos seminaristas criaria uma identidade de grupo, afinal de contas, os estudantes estavam representando uma congregação religiosa, ou seja, a Pia Sociedade das Missões. Assim, esporte e religião estariam conectados por meio de uma identificação cultural.

Outra revista que se destacava era o Atalaia. A produção desse periódico era totalmente artesanal, conforme Figura 22, escrita a próprio punho com caneta em um pequeno caderno.

Figura 22: Jornal Atalaia



Fonte: Jornal Atalaia. Seminário Rainha dos Apóstolos – Vale Vêneto (1953-1997). Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

Nesta revista, publicavam-se pequenas crônicas, algumas com certa lição de moral, e também apareciam algumas poesias. Na direção da revistinha estavam

como chefe padre Cassol, datilógrafo redator Normilio Dotto, e como pintor Francisco Bissacotti.

Após a Proclamação da República, a Igreja Católica precisava reforçar seus mecanismos de captação de novos fiéis, ao mesmo tempo manter os já conquistados. Nisso, a Igreja não demorou a perceber que a imprensa cada vez mais tomava espaço no meio social entre a população brasileira. Para a Igreja, a imprensa poderia ser usada como um importante meio para a divulgação e propagação da fé católica.

A criação de jornais e revistas era uma forma de salvaguardar os interesses da Igreja. Nesse sentido, os meios impressos de comunicação podiam levar a visão da Igreja sobre a sociedade que ela postulava. Muitas congregações religiosas souberam aproveitar-se para publicar em seus cadernos notícias que envolvessem os leitores.

#### **4 IGREJA CATÓLICA E EDUCAÇÃO FEMININA: IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA EM VALE VÊNETO**

Entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, diversos grupos religiosos chegam ao território brasileiro, sobretudo no Rio Grande do Sul, através da fundação de hospitais, orfanatos e escolas, como foi o caso das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, congregação fundada por Bárbara Maix.

A história das Irmãs do Imaculado Coração de Maria está inserida no contexto das consequências da Revolução Francesa e do avanço do liberalismo na Europa, na qual, Igreja Católica buscava reorganizar sua filosofia. Em todo o continente europeu as imposições do processo revolucionário criavam diversos conflitos com a Igreja, especialmente, no que se refere à proibição de atuação de ordens e congregações religiosas. “Tanto o clero como congregações religiosas inteiras tiveram que fugir para outros continentes em busca de novos lugares para continuarem exercendo sua missão” (OLIVEIRA, 2009, p.61).

Nesse contexto, o Brasil mostrava-se como uma solução, assim, diversos religiosos e, sobretudo religiosas, acabavam desembarcando no território brasileiro durante o século XIX. Para a Igreja, a chegada de sacerdotes e religiosas viabilizou diversos empreendimentos, como a criação de orfanatos e escolas, criando assim, um modo de garantir seu capital simbólico e econômico, e, ao mesmo tempo, manter sua tradição através do processo de Restauração Católica.

No cenário de perseguições religiosas na Europa e reestruturação da Igreja Católica no Brasil, encontrava-se Bárbara Maix<sup>46</sup>. A religiosa era natural de Viena – capital do Império Austro-Húngaro. Bárbara fora criada em um ambiente familiar e litúrgico, a frequência à escola paroquial e a forte devoção a Maria, fazia com que sua vida desde cedo fosse ligada a espiritualidade.

Em 1840, Bárbara ingressou na escola de Dona Ana Hantenwanger, onde começou a aprender costura e trabalhos manuais. Ressalta-se que nesse período o governo austríaco era severo a quem não possuía uma atividade profissional. Perto da escola, havia uma Igreja chamada Maria da Escada, onde Bárbara começou a frequentar junto às futuras companheiras de congregação. Nesse espaço, também

---

<sup>46</sup> Bárbara Maix – “Natural de Viena, Áustria, filha de José Maix e Rosália Mauritz, nasceu no dia 27 de junho de 1818”. Disponível em <<https://www.redeicm.org.br/maossolidarias/fundadora-barbara-maix/>>. Acesso em: 27 mai.2018.

conhecera o padre Pöckl, seu mentor espiritual e aquele que lhe ajudaria em sua obra (VELASQUEZ, 2016).

No ano de 1843, Bárbara Maix e algumas de suas companheiras decidiram alugar uma casa no centro de Viena, o objetivo era fundar uma congregação religiosa de amparo educacional e que atendesse as mulheres pobres e desempregadas na capital Austro-Húngara (BORTOLUZZI, 1996).

A Áustria na década de 1840, passava por uma longa crise nos processos de trabalho. As condições socioeconômicas faziam com que milhares de camponeses migrassem para os centros urbanos em busca de trabalho. Sem empregos, as mulheres ficavam abandonadas nas cidades, sendo que muitas viam na prostituição uma forma de sobrevivência à condição de pobreza existente. As moças que trabalhavam como domésticas, por sua vez, eram proibidas por seus patrões de darem a luz em suas casas, gerando uma grande demanda de recém-nascidos abandonados e deixados nas vias públicas ou nas casas da cidade (ALEXANDRINO, 2015).

Em meio a tantas intempéries, a congregação de Bárbara Maix, acabava surgindo como uma opção de assistência a essas mulheres, cujo ambiente social estava destruído pelo avanço do capitalismo. Bortoluzzi (1996) diz que em 1843, Bárbara e suas companheiras se formam como modistas, deixando as religiosas aptas como trabalhos de corte e costura, bordados, flores artificiais, entre outras atividades. Com essa profissionalização as religiosas puderam sentir-se capacitadas a auxiliarem as mulheres de Viena, através da assistência educacional às jovens desempregadas ou que necessitavam de ajuda.

Para oficializar a congregação religiosa, Bárbara chegou a enviar em 1844 um ofício para o Império, no documento era pedido à permissão para funcionar junto à casa das religiosas um pequeno centro educacional, além de servir como um abrigo para moças. Contudo, após um ano de espera, a autorização não fora concedida e limitou-se a autorizar apenas a pensionato das religiosas, que seria rigorosamente inspecionado pela polícia (VELASQUEZ, 2016).

Em Viena e em toda a Europa na primeira metade do século XIX, a situação da Igreja Católica era tensa devido à difusão de ideais libertários da Revolução Francesa. Na cidade de Viena, quando explode a Revolução Josefinista que era

contrária às ordens religiosas, Bárbara e suas 21<sup>47</sup> colegas resolvem emigrar para a América do Norte<sup>48</sup>. Para Bortoluzzi (1996, p. 216-217), “[...] Pe. Pöckl, Bárbara e suas companheiras para lá aspirassem emigrar à busca de liberdade política e religiosa para, sem os empecilhos governamentais de Viena, poderem livremente concluir a fundação da ‘Congregação das Irmãs do Coração de Maria’”. No Porto de Hamburgo, enquanto Bárbara, Pöckl e as outras religiosas aguardavam a viagem chegou um barco, mas em direção ao Brasil. A religiosa, então optou em embarcar em direção ao território brasileiro, chegando ao Rio de Janeiro no dia 09 de novembro de 1848<sup>49</sup>.

Desembarcou no Rio de Janeiro, em 1848, depois de 57 dias de viagem. Oficializou a fundação da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, no dia 8 de maio de 1849. Num contexto em que as ordens religiosas femininas viviam enclausuradas, Bárbara e as demais companheiras trabalhavam fora dos conventos e isso logo chamou a atenção da Igreja e do Governo. Os registros apontam que é a primeira Congregação religiosa feminina de vida ativa no Brasil (OLIVEIRA, 2009, p.62).

No Rio de Janeiro, a primeira instituição de ensino dirigida por Bárbara Maix foi o Colégio Senhor dos Passos, em 1848. Nos anos seguintes passou a fundar outras instituições e asilos no mesmo Estado: Colégio do Livramento (1850), Colégio do Catumbi (1851), Colégio Ilha do Bom Jesus (1852), Asilo Santa Leopoldina (1854), Asilo Santa Leopoldina (1855), Escola Doméstica (1871), Colégio de Itapiru (1876) (AZZI *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 76).

Em 1855, consta que Bárbara e algumas companheiras viajaram para Pelotas, no Rio Grande do Sul, para dirigir o Asilo Nossa Senhora da Conceição. No mesmo Estado, em 1857, Bárbara fundou o Asilo Santa Leopoldina, na cidade de Porto Alegre. Naquele momento, a religiosa enfrentaria muitas dificuldades no que concerne ao seu projeto pastoral e educativo. “A maior parte dos asilos eram

---

<sup>47</sup> Nome que Bárbara Maix e a religiosas adotaram: Madre Maria Bárbara da Ss. Trindade, Irmã Maria Regina de Jesus Flagelado, 3 – Irmã Maria Ana do Menino Deus, Irmã Maria Isabel do Precioso Sangue, Irmã Maria Catarina do Coração de Maria, Irmã Maria Juliana da Ascensão, Irmã Maria Jacinta da Ressureição, Irmã Maria Tereza de Jesus, Irmã Maria Hedwiges da Crucificação, Irmã Maria Serafina da Assunção, Irmã Maria Gertrudes do Coração de Jesus, Irmã Maria Angela das Sete Dores, Irmã Maria Martinha da Assunção, Irmã Maria Filomena dos Prazeres de Nossa Senhora, Irmã Maria Eufrosina da Encarnação, Irmã Maria Joana de S. Francisco, Irmã Maria Cristina do SS. Nome de Jesus, Irmã Maria Inês do Espírito Santo, Irmã Maria Gabriela dos Anjos, Irmã Maria Helena da Santa Cruz, Irmã Maria Bernarda do SS. Sacramento (Teresa Hamberger), Irmã Maria Margarida de São José (3º superiora Geral) (AZEVEDO, 1949b, p.12).

<sup>48</sup> Disponível em: <<https://www.icm-sec.org.br/historico/>>. Acesso em: 27 mai.2018.

<sup>49</sup> Disponível em <<https://www.redeicm.org.br/maossolidarias/fundadora-barbara-maix/>>. Acesso em: 27 mai.2018.

mantidos por sociedades leigas, ou seja, sem ligação com instituições religiosas e pertencentes à Maçonaria, como era o caso do Asilo Nossa Senhora da Conceição, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul” (VELASQUEZ, 2016, p.106). Nesse contexto, aconteceria a primeira cisão da congregação, enquanto algumas irmãs continuaram em Pelotas aliadas as ideias maçônicas, outras religiosas ficaram com Bárbara em Porto Alegre.

Nos anos seguintes, a Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria cada vez mais se expandiria pelo Rio Grande do Sul, através da administração ou fundação de novas instituições escolares: Colégio Sagrado Coração de Jesus – Gravataí (1884), Escola Nossa Senhora de Lourdes – Vale Vêneto (1892), Escola Santana – Lajeado (1897), Escola Sagrada Família – Monte Belo do Sul (1898), Escola Santo Antão e Madre Margarida – Encantado (1900), Escola Imaculada Conceição – Dois Irmãos (1900), Escola Normal Madre Margarida – Encantado (1900), Escola Nossa Senhora da Pompéia (Ana Rech) – Caxias (1907), Escola São José – Venâncio Aires (1907), Escola Menino Jesus de Praga – Bento Gonçalves (1908), Escola Paroquial (Caravágio) – Farroupilha (1908), Escola N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Bom Conselho – Silveira Martins (1908), entre outras (AZZI apud OLIVEIRA, 2009, p. 78).

Em Vale Vêneto, as Irmãs do Imaculado Coração de Maria vieram a convite da família Bortoluzzi. As tratativas para trazer as irmãs para a comunidade iniciaram-se em 1885. Em Porto Alegre, Paulo Bortoluzzi e alguns imigrantes reuniram-se com o Bispo e a Madre Maria Margarida, Superior das Irmãs, para discutirem a possibilidade das religiosas fundarem uma escola no Vale (MARCUIZZO, 1992). Em carta, enviada por Bortoluzzi a Madre Superiora, em 24 de setembro de 1891, o imigrante prometia responsabilizar-se pela chegada e estabelecimento da congregação, garantindo alunos e até suas quatro filhas como pensionistas.

Eu sou prompto a oferecer-lhe uma casa, por alguns anos, sem nenhum reis de aluguel, até que minha Madre poderá fazer-se um convento, em lugar que melhor achar mais conveniente.

E sou prompto para ajudar-lhe em tudo quanto poderei.

Bem entendido, que tenho duas casas, para sua disposição, todas duas são sobrados.

Uma tem sete quartos, e a outra tem quatro quartos, e no mesmo quintal tem outra casinha com dois quartos e um forno.

Tem uma parreira que da uma pipa de vinho, e três metros fora da casa e no mesmo quintal, passa um rio [...], que é o principal desse centro.

E na primeira casa também tem uma pequena fonte de água.

Se minha Madre determina de vir antes [...], então eu estou prompto a casa a essa e por as vidraças na janela.

E se determinar virem primeiro a ver, então logo, que estão aqui, aprontarei a casa, que delas duas melhor gostar para morar.

E o quintal mando fechar com tábuas grossas. Se caso minha Madre não tivesse muitas filhas, por enquanto, pode mandar duas ou três religiosas.

E quanto as estudantes eu já tenho quatro filhas: que se quiser poderão ficar já pensionistas.

E asseguro que depois virão mais meninas para a escola.

Depois temos a colônian S. Angelo, Santa Maria e roda a [...] Serra que não tem ainda nenhum colégio.

Pois minha Madre faça uma idéia que vai fundar um colégio num centro católico Italiano<sup>50</sup>.

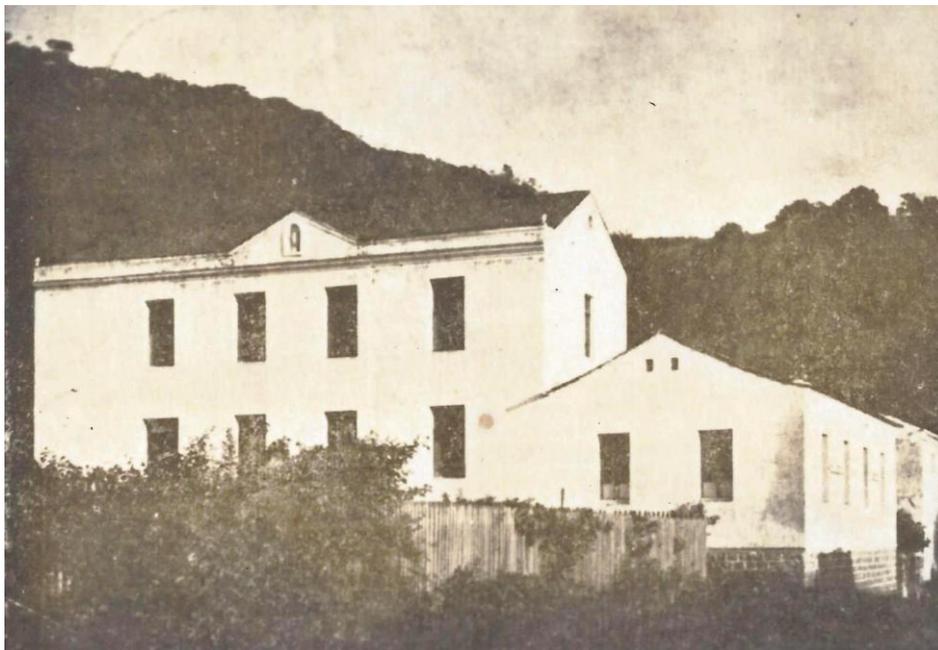
Após alguns anos de negociação, a Congregação do Imaculado Coração de Maria chegou a Vale Vêneto no dia 26 de fevereiro de 1892. O desembarque das irmãs aconteceu em Arroio do Só, onde foram recebidas por uma comissão, de lá, partiram de carroça uma distância de aproximadamente 18 quilômetros até chegar ao Vale. Na comunidade, chegaram a Madre Maria Batista das Cinco Chagas, Irmã Maria Crisanta do Sagrado Coração de Jesus, e a juvenista Hipólita Michelotti. As religiosas foram recebidas com muita festa pelos colonos, Paulo Bortoluzzi doou uma pequena casa para estabelecer as religiosas e, próximo à residência, a congregação fundaria a Escola Nossa Senhora de Lourdes<sup>51</sup>, conforme Figura 24.

---

<sup>50</sup> Cópia de parte da Carta de Paulo Bortoluzzi enviada à Madre Margarida, em 24 de setembro de 1891. Fonte: Álbum nº 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto (1992). Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes (AENSL) – Vale Vêneto/RS.

<sup>51</sup> Checando as anotações de Ceretta (1941) sobre Vale Vêneto podemos dizer que essa casa era possivelmente do imigrante Luis Rosso, e que este a teria vendido para Paulo Bortoluzzi abrigar as freiras. Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS. CERETTA, Antônio. História de Vale Vêneto (1877-1886), pg. 34, 1941 (tradução em português feita pelo mesmo autor da escrita original de 1894). Caixa 2. Missão Brasileira: Histórico (Vale Vêneto, São João do Polêsine), biografias, entrevistas, depoimentos, relação de nomes dos padres e irmãos, listas.

Figura 23: Escola Nossa Senhora de Lourdes (esquerda); casa doada por Paulo Bortoluzzi para receber as irmãs (direita), Vale Vêneto/RS (1922)



Fonte: Envelope com fotografias de Vale Vêneto/RS. Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

Nos escritos deixados pelas irmãs Maria Crisanta do Sagrado Coração de Jesus e Maria Batista das Cinco Chagas, ao chegarem a Vale Vêneto, estão as seguintes palavras<sup>52</sup>:

Eu sou a MADRE BATISTA DAS CINCO CHAGAS, venho como Diretora da Escola que iniciaremos e Superiora da pequena Comunidade. Sou de origem francesa e tenho 37 anos. Há 15 anos faço parte da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, que vocês escolheram para vir trabalhar aqui. Não sou de origem italiana, mas venho com alegria para auxiliar na educação de vossos filhos conforme vosso desejo, principalmente na doutrina cristã e trabalhar para o bem desse povo. Já lecionei no Rio de Janeiro e em Santos, ultimamente eu estava em Porto Alegre. Sou muito feliz e espero adaptar-me bem ligeiro aos vossos costumes. Sou a Irmã Crisanta do Sagrado Coração de Jesus. Nasci numa pequena vila, próxima a Porto Alegre - Gravataí-RS. Meus pais são de origem portuguesa. Venho como companheira e colaboradora da Madre Batista para ensinar vossos filhos a ler e a escrever, também introduzi-los na doutrina cristã, pois sei que esse é o grande desejo desse povo. Também não sou de origem italiana, mas farei todo o possível para acostumar-me com os vossos hábitos, dando tudo o que for ao meu alcance para o bem de vossos filhos. Tenho 23 anos e há cinco faço parte dessa Congregação que muito amo.

<sup>52</sup> Álbum nº 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto (1992). Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes (AENSL) – Vale Vêneto/RS.

A primeira Superiora e Diretora da Escola Nossa Senhora de Lourdes foi Madre Batista das Cinco Chagas. Nascida em 1855, Madre Batista tinha origem francesa, cujo nome de batismo era Consuelo Valcourt. Iniciou seu trabalho na congregação do Imaculado Coração de Maria no Asilo Santa Leopoldina, em Niterói no Rio de Janeiro. Fez seus primeiros votos em Porto Alegre, no dia 06/03/1877, onde também entrou no noviciado. Já sua companheira, Irmã Crisanta do Sagrado Coração de Jesus, cujo nome de batismo era Amélia Soares de Vargas, era natural de Gravataí no Rio Grande do Sul. Irmã Crisanta nasceu em 1869, filha de José de Vargas e Maria castorina Soares de Vargas (origem portuguesa). Consta que a irmã iniciou o noviciado em 05/09/1885, com 16 anos, fazendo a primeira profissão em 25/12/1888 e seus votos perpétuos em Vale Vêneto, no dia 25/12/1895<sup>53</sup>.

Na fotografia abaixo (Figura 25), podemos observar a casa doada por Paulo Bortoluzzi às irmãs, em 1894. Na frente da casa, algumas irmãs, provavelmente uma delas a Madre Batista com algumas das primeiras jovens vocacionadas<sup>54</sup>.

Figura 24: Irmãs junto às primeiras jovens vocacionadas, Vale Vêneto/RS



Fonte: Álbum nº 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto (1992). Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes (AENSL) – Vale Vêneto/RS

<sup>53</sup> Álbum nº 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto (1992). Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes (AENSL) – Vale Vêneto/RS.

<sup>54</sup> Álbum nº 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto (1992). Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes (AENSL) – Vale Vêneto/RS.

Em Vale Vêneto, a juvenista<sup>55</sup> Hipólita Michelotti foi uma das aspirantes à vida religiosa na comunidade.

Eu sou a Aspirante à Vida Religiosa e venho para auxiliar as duas Irmãs. Meu nome é Hipólita Michelotti e sou de origem italiana. Nasci na Itália, Na Diocese de Trento. Meus pais se fixaram na região de Alfredo Chaves onde ainda moram. Tenho uma Irmã que já faz parte dessa Congregação. Venho para cá feliz e quero cooperar com as duas Irmãs nos trabalhos e auxiliar em tudo o que for de meu alcance, para esse bom povo que é da minha origem<sup>56</sup>.

Segundo a cópia de certidão de registro de estrangeiro que se encontra no Álbum das Irmãs (1992), Hipólita Michelotti era de origem austríaca, onde nasceu em 05/07/1871, filha de Felix Michelotti e Amália Bortolotti Michelott. Em Vale Vêneto Michelotti trabalhou com atividades domésticas, tendo em vista que a Madre Batista e a Irmã Crisanta eram professoras. Após algum período junto às religiosas mudou-se para a cidade de Porto Alegre em 1893. Ingressou no noviciado em 28/05/1893 e fez a primeira profissão em 29/09/1895, onde adotou um novo nome, Irmã Maria Catarina de Sena. Na congregação chegou a ser Superiora em Monte Belo, Nova Balssano e Novo Treviso. Já idosa mudou-se para Silveira Martins, onde faleceu em 02/09/1950<sup>57</sup>.

Durante a diretoria de Madre Batista em Vale Vêneto, a escola Nossa Senhora de Lourdes recebeu 18 aspirantes a vida religiosa, cujas fichas de identificação foram reproduzidas no Quadro 4. Das 17 aspirantes, 6 eram de origem

---

<sup>55</sup> “O processo de formação interna na maioria das congregações ainda se divide em quatro etapas: aspirantado ou juvenato, postulante, noviciado e votos temporários. O Aspirantado é a primeira etapa da formação. Essa etapa pode ser realizada em qualquer Casa da Congregação e compreende estudos, prática de determinados exercícios e observâncias que condicionam a candidata conhecer melhor a Vida Religiosa e a Congregação onde pretende ingressar. Esse período é considerado um estágio no qual a pessoa conhece melhor a ordem religiosa e o modo como seus membros vivem e se organizam. A segunda etapa é denominada Postulante, termo originado da palavra apóstolo, que significa seguidor de alguém, nesse caso, seguidor de Jesus Cristo e do fundador ou fundadora da ordem religiosa. Nessa etapa do Postulado há estudos específicos sobre a Congregação religiosa e conscientização de algumas normas, carisma e missão<sup>13</sup> da ordem religiosa. Já o Noviciado é o período em que a pessoa está decidida e consciente do tipo de vida que quer assumir, no caso, a Vida Religiosa. Os estudos dessa etapa se caracterizam por intensos momentos de oração, realizando-se ao mesmo tempo atividades denominadas pastorais, isto é, trabalho realizado com as pessoas nos bairros e vilas; auxílio nas celebrações litúrgicas, à catequese e aos mais diversos grupos ligados à Igreja e também a movimentos sociais” (OLIVEIRA, 2009, p.72-73).

<sup>56</sup> Álbum n° 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto (1992). Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes (AENSL) – Vale Vêneto/RS

<sup>57</sup> Álbum n° 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto (1992). Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes (AENSL) – Vale Vêneto/RS.

italiana, 6 de Vale Vêneto, 1 de Alfredo Chaves (Veranópolis), 2 de Silveira Martins, 1 de Venâncio Aires, e 1 de Bento Gonçalves.

Quadro 4: Aspirantes à vida religiosa em Vale Vêneto 1892-1913

Nome	Naturalidade/ Nascimento	Pai	Mãe	Falecimento
Maria Pia Francesca Bortoluzzi (Irmã Madre Matilde do Coração de Jesus)	Piavon (Itália), 25/15/1872	Paulo Bortoluzzi	Stella Furlan	Dois Irmãos/RS, 14/07/1951
Ana Catharina Montagner (Irmã Madre Emília de Assunção)	Treviso (Itália), 10/08/1876	Jacinto Montagner	Pierina Colomba Montagner	São João do Polêsine/RS, 13/12/1962
Maria Druzian (não ingressou no noviciado)	Itália	Francisco Druzian	Madalena Druzian	Consta haver sido picada por um inseto venenoso, fez os votos antes de morrer
Thereza Montagner (Irmã Madre Avelina do Espírito Santo)	—	Jacinto Montagner	Pierina Colomba Montagner	Vale Vêneto/RS, 14/07/1909
Martinha Mizzola (Irmã Madre Madalena de Assunção)	Mantova (Itália) 15/12/1873	Valentino Mizzola	Páschoa Turezasi Mizzola	Nova Bassano, 28/04/1935
Maria Lunelli (Irmã Madre Marcelina de São José)	Venâncio Aires (RS), 06/08/1882	Domingo Lunelli	Dorotéia Fachinelli	Dois Irmãos/RS, 30/01/1966
Rosa Bevilacqua (Irmã Madre Amélia de São José)	Vale Vêneto (RS), 08/12/1879	Angelo Bevilacqua	Joanna Stella Bevilacqua	Porto Alegre, 28/01/1973
Nunciata Michelotti (Irmã Madre Regina SSm. Nome de Jesus)	Alfredo Chaves (RS), 11/10/1881	Felix Michelotti	Amália Bortolotti Michelotti	São João do Polêsine/RS, 30/05/1963
Rosa Bisognin (Irmã Madre Benigna do Carmo)	Gênova (Itália), 02/02/1879	Francisco Bisognin	Brigida Trentina Bisognin	São João do Polêsine/RS, 09/10/1963
Angela Bevilacqua (Irmã Madre Lucia do Perpétuo Socorro)	Vale Vêneto (RS), 14/08/1884	Jacob Bevilacqua	Luiza Pára Bevilacqua	Taquari, 13/06/1965
Apparlice Bortoluzzi (Irmã Madre Inocência Bortoluzzi do Menino Jesus)	Vale Vêneto (RS), 16/01/1881	José Bortoluzzi	Elia Bortoluzzi	Vale Vêneto, 09/08/1976
Maria Bortoluzzi (Irmã Madre Camila dos Prazeres de Nossa Senhora)	Silveira Martins (RS), 24/02/1876	José Bortoluzzi	Elia Bortoluzzi	São João do Polêsine/RS, 12/04/1968
Engrácia Moro (Irmã Madre Dorotéia das Neves)	Vale Vêneto (RS), 28/03/1882	José Moro	Regina Bortolotto Moro	Nova Bassano, 24/05/1958
Domênica Cauduro (Irmã Madre Tarcila do Anjo Custódio)	Veneza (Itália), 29/04/1896	José Cauduro	Páschoa Baldo Cauduro	São João do Polêsine/RS, 13/12/1963
Maria Pozzobom (Irmã Madre Hermínia do Coração de Jesus)	Vale Vêneto (RS), 06/03/1885	Fiorino Pozzobom	Catharina Busiol	Porto Alegre, 07/08/1962

Quadro 4: Aspirantes à vida religiosa em Vale Vêneto 1892-1913

(conclusão)

Nome	Naturalidade/ Nascimento	Pai	Mãe	Falecimento
Raquel Dotto (Irmã Madre Laura de Santa Juliana)	Vale Vêneto (RS), 15/19/1880	Luiz Dotto	Angela Casarin Dotto	São João do Polêsine/RS, 21/10/1977
Angelina Dalmolin (Irmã Madre Georgina de Santa Tereza)	Bento Gonçalves (RS), 03/03/1887	Angelo Dalmolin	Bárbara Michelotti	Silveira Martins, 27/05/1967
Luiza Tomazzetti (Irmã Madre Dolores da Santa Cruz)	Silveira Martins (RS), 08/03/1887	João Tomazzetti	Luiza Tomazzetti Formoto	Vale Vêneto, 22/05/1913

**Fonte:** Elaborado pelo autor, com base nos dados do Álbum nº 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto (1992). Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes (AENSL) – Vale Vêneto/RS.

Maria Pia Francesca Bortoluzzi, que mais tarde adotou o nome de Irmã Madre Matilde do Coração de Jesus, era natural de Piavon na Itália, filha de Paulo Bortoluzzi e Stella Furlan. Iniciou o noviciado em Porto Alegre no dia 21/06/1894, fazendo a primeira profissão em 28/07/1896, e os votos perpétuos em 12/08/1902. Sabe-se que Madre Matilde passou por 08 comunidades da Congregação de Maria e que era uma pessoa muito doente. Era apontado a ela grande conhecimento matemático e musical, além disso, valorização às pessoas e conselhos aos mais jovens. Consta que em 1908, seu pai lhe doou os lotes 156 e 157, com a pequena casa que era ocupada pelas irmãs desde a chegada da congregação no Vale Vêneto. E por insistência do pai, a mesma fez a doação para as irmãs.

Figura 25: Mapa com a organização dos lotes coloniais dos primeiros habitantes de Vale Vêneto/RS

142	146	148	152	154	158	160	164
	145		151		157 x		163
	144		150		x 156		
141	143	147	149	153	155	159	161
121	125	127	130	131	133	137	138
	124					136	139
	123		129			135	
120	122	126	128	132	134	PRAÇA DO COMERCIO	
	104		108		114		119
101	103	106	108	111	113	116	118
100	102	105	107	110	112	115	117
86	89	91	94	96	99	PRAÇA DA IGREJA	
	88		93		98		
85	87	90	92	95	97		
62	66	68	72	74	78	80	82
	65		71		77		84
61	64	67	70	73	76	79	81
	63		69		75		83
38	42	44	48	50	54	56	59
	41		47		53		60
37	40	43	46	49	52	55	58
	39		45		51		57
14	18	20	24	26	30	32	36
	17		23		29		35

Fonte: Álbum nº 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto (1992). Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes (AENSL) – Vale Vêneto/RS.

Para se candidatar a vida religiosa, as jovens deviam estar dentro das Bases de Admissão das Postulantes, especificadas pelas Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Conforme Azevedo (1949b,) a congregação como forma de santificar seus membros, exigia três votos de pobreza, além de condutas como castidade e obediência. A idade aceita das postulantes era dos 13 aos 24 anos.

Azevedo (1949b, n.p.) lista uma série de requisitos das postulantes: “piedade, docilidade, bom caráter, bons precedentes pessoais e antecedentes de família, boa educação, boa saúde e dentes tratados”. Em contrapartida, não seriam aceitas: “as que têm defeito físico, aquelas cujos pais padeceram ou padecem de doenças

contagiosas ou hereditárias, as de filiação ilegítima, aquelas cujos pais vivem separados, as que são o arrimo dos pais” (AZEVEDO, 1949b, n.p.) As candidatas também preenchiem um questionário de próprio punho, uma espécie de teste vocacional.

Questionário a ser preenchido pelo próprio punho pela candidata: 1) Por quê motivo deseja ser religiosa? 2) Com que frequência recebe os Santos Sacramentos? 3) Tem sincero e simples desejo de dedicar-se ao serviço de Deus e de bem conformar-se com o que a santa obediência determina? 4) É de sua espontânea vontade ser religiosa? 5) Há quanto tempo se sente chamada 6) Esteve em outra Congregação? 7) Vestiu o hábito e professou? 8) Em caso afirmativo, porque a deixou? 9) É filha legítima? 10) Qual a religião praticada pela família? 11) Qual a nacionalidade? 12) Que idade tem? 13) Goza saúde? 14) Tem defeito físico? 15) Sofreu algumas enfermidades? 16) Não há na família doenças contagiosas, hereditárias, como demência, moléstias nervosas, tuberculose, lepra? 17) Qual o grau de instrução? 18) Que habilidades possui? 19) Tem alguma dívida ou questão judiciária? 20) É o único arrimo da família? (AZEVEDO, 1949b, n.p.).

Junto ao interrogatório que deveria ser entregue a Irmã Superiora, devia-se anexar uma série de documentos:

a) Atestado de boa conduta moral e religiosa, fornecida pelo Rev.mo Pároco b) Atestado ou boletim que indique o grau de instrução c) De boa saúde passado pelo médico d) Certidão de idade, e) Certidão de casamento religioso dos pais f) Certidão de batismo ou crisma, g) Consentimento, por escrito, dos pais ou tutores (AZEVEDO, 1949b, n.p.).

Azevedo (1949b), indica que as candidatas aprovadas teriam um dote concedido por seus pais de acordo com as posses dos mesmos, não podendo ser inferior de Cr\$ 3.000, 00 a Cr\$ 6.000, 00. Isso, também valeria para o enxoval das aspirantes, sujeitas a avaliação da Superiora, recebendo instruções e cabendo a sua preparação a Casa do Noviciado. As que por ventura não obtiverem recursos suficientes não seriam impedidas de entrarem na congregação, o que inseria-se em casos especiais. Nesses casos, a postulante deveria manter o desejo de “perfeição religiosa e espírito do sacrifício” (AZEVEDO, 1949b, n.p.).

A formação cristã era uma preocupação constante no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Para termos uma referência, no ano de 1923, a comunidade de Vale Vêneto possuía aproximadamente 4.500 católicos e 1.500 acatólicos (RAINHA DOS

APÓSTOLOS, ano III, nº4, abril de 1924, n.p). Uma das iniciativas das Irmãs de Maria para atrair novos católicos foi incentivar a participação dos estudantes em programas como a Ação Católica, Apostolado da Oração e a Cruzada Eucarística Infantil, reunindo alunos de ambos os sexos. Muitas crianças pertencentes a famílias protestantes tinham consentimento dos pais para receberem os primeiros sacramentos, convertendo-se então ao catolicismo (AZEVEDO, 1949a).

Sobre a formação espiritual dos alunos/as, há referências em diferentes anos nas Crônicas sobre atividades como:

1. Retiro dos alunos e das alunas desde 1941, realizado por três dias, ministrado separadamente para os meninos e as meninas.
2. Cruzada Eucarística de 1937 a 1966.
3. Apostolado da Oração desde 1936.
4. Juventude Feminina Católica de 1938 a 1965, sendo que, semanalmente, havia o Círculo de Estudos sob a orientação de um Sacerdote.
5. Campanhas Missionárias desde 1947.
6. Anualmente havia a preparação para a Primeira Eucaristia (VELASQUEZ, 2016, p.182).

O programa Ação Católica, por exemplo, foi criado oficialmente no pontificado de Pio XI em 1922, remontando a Ação Católica Italiana de 1867. Essa sociedade tinha como objetivo a formação religiosa de seus membros, reavivando a juventude e o sentimento religioso. Entre seus preceitos estavam a “[...] oração; frequência aos sacramentos; lealdade, amizade e caridade entre os membros; testemunho cristão de vida; cooperação para garantir o decoro das festas religiosas, a educação moral e religiosa do povo [...]” (SOUZA, 2006, p.46). No Brasil, a pedido de Pio XI, a Ação Católica foi criada por D. Sebastião Leme, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, em 1935. Esta “[...] tinha como objetivo: congregar os leigos católicos nos projetos de atuação da Igreja Católica na sociedade civil [...]” (KLENK, 2013, p.4). Nesse contexto, era importante atrair crianças e adolescentes para o programa, e por essa razão, também se demonstra que Vale Vêneto estava articulada com o restante do país, ao aderir os imigrantes aos projetos da Igreja Católica de abrangência nacional.

Formar católicos ativos desde cedo era fundamental para a Igreja Católica. As diferentes estratégias para atrair o público infantil, nesse caso através das ações das irmãs, era uma forma de formar católicos cumpridores dos preceitos religiosos, seguindo uma rotina de atividades ligadas à Igreja. A formação dos alunos era algo

constantemente reforçado pelas religiosas, era necessário que meninos e meninas fossem alunos exemplares e católicos (VELASQUEZ, 2016).

As ações pastorais direcionadas às famílias, especialmente às crianças, era uma das estratégias da Igreja Católica de reconquistar seu poder social. A inserção à vida sacramental era uma das características da Igreja romana. As atividades destinadas ao público infantil faziam parte do projeto de recristianização da sociedade constantemente ameaçada pelas práticas e ideias do mundo moderno (SCARPIM, 2016). Na Figura 28, podemos visualizar meninos e meninas da Escola Nossa Senhora de Lourdes junto a suas Superiores, Vale Vêneto/RS.

Figura 26: Alunas e alunos Internos da Escola Nossa Senhora de Lourdes, Vale Vêneto/RS, entre 1945 e 1946



Fonte: Álbum nº 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto (1992). Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes (AENSL) – Vale Vêneto/RS.

Em um primeiro momento, a escola funcionava como um externato para crianças da comunidade. Mas, com o passar do tempo, outras localidades começaram a pedir para internar meninas. O colégio chegou a ser ampliado de modo a receber mais de 100 crianças e outras como externas. Em uma dependência externa, criou-se uma ala separada para receber meninos de até doze anos de

idade, chamado Pensionato São Luiz. Todos eram educados seguindo os princípios cristãos, além do número de analfabetos ser muito reduzido (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº5, maio de 1929, p.12). Consta que a instituição recebia alunas internas (pensão de 45\$000 réis), semi-internas e externas (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº5, maio de 1929, n.p).

As irmãs auxiliavam os padres para instruir as jovens na doutrina cristã, confeccionavam a limpeza da Igreja paroquial, trabalhavam com bordados, pinturas, costuras, entre outras atividades (AZEVEDO, 1949a). A escola abrangia o ensino primário e uma rotina de atividades ligada a Igreja Católica. Os alunos eram estimulados a participarem de celebrações religiosas, festas litúrgicas, primeira eucaristia e crisma. Havia também atividades extras como o ensino de datilografia, aulas de corte e costura e de instrumentos musicais como o acordeão<sup>58</sup>.

Figura 27: Alunas e alunos na formatura do Curso de Datilografia (1945), Vale Vêneto/RS



“Formatura de datilografia. Cada ano, o colégio formava um grupo de datilógrafos. Este é o ano de 1945. Banca examinadora. Da esquerda para à direita: Leonilda Tófoli Piveta, professora; Padre Alderige Baggio, capelão do colégio; Assis Sant’Ana, comerciante do lugar; Padre Arthur Soldera, reitor do Seminário Palotino; Padre Antônio Bombassaro, Coadjutor de Vale Vêneto; Irmã Maria do Rosário Bombassaro, irmã do Padre Antônio; Irmã maria do Bom Pastor, professora de datilografia da escola”. Fonte: (MARCUIZZO, 1992, p.41).

Na pesquisa de Padre Clementino Marcuzzo (1992, p.60) um ex-aluno lembra-se da rotina de internato na Escola Nossa Senhora de Lourdes:

<sup>58</sup> Álbum nº 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto (1992). Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes (AENSL) – Vale Vêneto/RS.

No meu tempo, a vida era uma rotina. Levantava-se pela manhã, bem cedinho. Depois, íamos à missa na Matriz, todos os dias, chovesse ou não chovesse. A missa era obrigatória. A Irmã Estefânia nos levava sempre em fila. As meninas também iam. Era tudo em fila dupla, até à Matriz. Por sua vez, as irmãs iam em fila dupla também. Lembro bem que na fila das irmãs tinha a Madre Augusta e a Irmã Dorotéia. [...]. Na Igreja havia um modo rígido de se colocar e de se portar. Lembro bem que os bancos eram colocados em forma de cruz. Na parte da direita, à frente, ficavam os homens. No lado esquerdo do fundo, as mulheres. Não havia mistura de casais, como hoje. [...]. Nas aulas, a Irmã Estefânia sentava sempre à frente. Usava uma vara bem comprida. Quando os alunos estavam distraídos, ela dava um varasso bem na orelha. Tinha certeza que aquilo era um negócio sério. Porém, eu nunca precisei de varasso. Era bem comportado e cumpridor dos deveres.

No Brasil, o uso de castigos físicos para educar foi emigrado pelos padres jesuítas no século XVI. Segundo Del Priore (2010), José de Anchieta um dos percursores da prática recomendava que amar é castigar e dar trabalhos nesta vida. Nesse sentido, qualquer tipo de correção, era considerado uma forma de amor. Até o século XIX, os castigos eram aplicados com naturalidade para educar as crianças, seja na relação pais/filhos ou professor/aluno (ARAGÃO; FREITAS, 2012). Na concepção de Souza (2001), a caracterização do aluno disciplinado não estava vinculada em ser estudioso, o bom aluno consistia naquele que era obediente e bondoso, nessa questão, devia-se respeitar o caráter disciplinar imposto, sem desvios de conduta, barulho e agitação, buscava-se a passividade e as virtudes religiosas do aluno.

Demonstramos, através da mobilização das famílias de Vale Vêneto, sobretudo, Bortoluzzi, que o núcleo colonial foi próspero no seu início, pois embora fossem poucos imigrantes, conseguiram edificar sua grande Igreja e atrair congregações religiosas para atender a educação de seus filhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das religiões constitui mais uma forma do historiador explicar a sociedade e o indivíduo. A religião é um dos códigos culturais presentes na vida dos seres humanos que expressam normas de comportamento e orientam os grupos sociais, através das crenças, da religiosidade e das particularidades de cada cultura. Sua representatividade social é constituída, seja pelos aspectos materiais, através da construção de templos e imagens sacras, ou por sua imaterialidade expressada pela fé, devoção e espiritualidade (BRUM NETO, 2012).

Acredita-se que a cultura<sup>59</sup> dos imigrantes da Quarta Colônia de imigração italiana, especificamente da comunidade de Vale Vêneto, foi tecida através das práticas religiosas, como uma categoria de identidade cultural. A religiosidade proporcionava aos colonos possibilidades de socialização, de estreitas relações sociais na comunidade, de tal forma, que a religião era um elemento que conferia ao grupo um sentimento de pertencimento, atribuindo uma identidade etnocultural aos italianos, como observou Machioski (2016).

No processo emigratório de italianos para o Brasil, a religião assumiu um papel importante na formação da comunidade. Na definição de Weber (2000, p. 71), “chamamos de comunidade a uma relação social [...] que [...] baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes.” A comunidade, portanto, é produto das relações sociais entre os indivíduos inseridos no ambiente social. Essas relações, em geral, são baseadas em interesses comuns, como a busca por melhores condições de vida e trabalho, os laços de solidariedade, as práticas coletivas e a cultura como fator de identificação cultural.

No que se refere à cultura do imigrante, Cucho (1999) traz algumas discussões importantes sobre o tema. A cultura do imigrante geralmente é atrelada a cultura nacional de seu país de origem. Isso, de certa maneira abstrai algumas particularidades sobre a cultura, subtraindo dos estudos as culturas regionais, e

---

<sup>59</sup> O uso do termo cultura é muito amplo dentro das ciências humanas. A cultura seria um conjunto de práticas, ritos, tradições e valores que os seres humanos constroem. Denys Cucho (1999), diz que a cultura transforma a natureza adaptando-a as necessidades do homem. A cultura pode ser entendida como um produto histórico que reproduz relações sociais e torna o homem um ser sociável através de seus hábitos culturais. Nesse sentido, a cultura é parte importante do processo de socialização do homem.

colocando a cultura de um país como única e imutável. Cuche (1999, p.230), define a cultura do imigrante “a partir de toda uma série de sinais exteriores (práticas alimentares, religiosas, sociais, etc.) cujo significado profundo ou coerência não são compreendidos, mas que permitem situar o imigrante enquanto imigrante, [...]”.

Durante o processo emigratório, no final do século XIX, a Itália enquanto nação era apenas uma construção. Segundo Cuche (1999), não podemos confundir a cultura do imigrante com a cultura nacional. Nesse sentido, os imigrantes italianos estavam mais interligados culturalmente as suas regiões de origem do que com o projeto de criação de um Estado Nacional Italiano. Isso é reforçado por João Bertonha (2005) em sua obra *Os italianos*, onde o historiador ao traçar o processo de Unificação Italiana e as dificuldades na formação de uma identidade italiana, enfatiza que os “italianos” permaneciam mais ligados a uma identidade regional do que uma identidade nacional.

Os imigrantes italianos tinham como base a sociedade camponesa do Norte da Itália e a religião como processo regulador (SILVA, 2010). Portanto, falar sobre a cultura italiana é nos remeter aos modos de vida cotidiana que foram muitas vezes ressignificados nas colônias brasileiras. Esses modos de vivência eram estabelecidos pelos hábitos culturais, construídos no mundo rural italiano, no qual, a comunidade, a família e a religião eram a base para definir-se na identidade cultural.

Para discutirmos a formação da comunidade entre os imigrantes italianos, tomamos como referência o conceito de *habitus*, desenvolvido por Pierre Bourdieu (1989). Segundo o autor, tal conceito é determinado pelas experiências, ações e comportamentos adquiridos pelos agentes sociais inseridos na sociedade. Assim, Bourdieu (2007, p.191), define o *habitus* como “[...] um sistema de disposições socialmente constituídas que, [...] constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”. Os agentes a qual nos referimos são os imigrantes italianos, que se estabeleceram na localidade de Vale Vêneto, onde a partir das práticas culturais compartilhadas entre eles determinaram a lógica de funcionamento do campo religioso, fator de identificação cultural.

Esse *habitus* de imigrante foi composto, tanto pelas experiências vividas em suas localidades de origem, como pelo processo migratório ao qual os indivíduos foram submetidos. Os imigrantes tiveram através de seu *habitus* religioso uma forma de manter ou construir seus laços identitários no território brasileiro.

As relações sociais, entre os imigrantes italianos que conviviam em comunidade, passavam pelo forte apego à religiosidade, nesse caso, a religião católica. Desse modo, a religião, segundo Pierre Bourdieu (1989), possui a função de integração social do indivíduo a determinado grupo social. Neste sentido, a religião também pode ser um elemento puramente social, pois tem a capacidade de integrar e acolher pessoas através das relações sociais que os indivíduos criam em torno dela.

Deixado seus lugares de origem no mundo rural italiano, a religião serviu como um alicerce frente às dificuldades vividas pelo processo migratório. A religião destaca Erthal (2005, p.90), “[...] consolidou a cultura do imigrante na nova realidade e o ajudou a superar suas incertezas”. No que se refere à cultura, ela está intrinsecamente relacionada à religião católica, a saber, a fé religiosa e as condutas morais organizadoras do ambiente social. Os imigrantes tinham em comum a forte religiosidade, em sua maioria, eram católicos e habitantes do espaço rural.

Portanto, a religião como um fator identitário no novo mundo foi “[...] um fator de integração social e uma força dinâmica que permitiu ao colono italiano fugir da desintegração social, oferecendo-lhe um quadro sociocultural no qual ele se reconhecia e se expandia” (MANFROI, 2001, p.122). Os imigrantes tinham uma identidade cultural ligada ao campesinato, à família e à religião, o que socializava os emigrados a partilharem um conjunto de referências culturais.

A emigração italiana para o Brasil esteve dentro de um contexto de fatores de atração e repulsão, ocasionados pelo avanço do capitalismo na Europa e no Brasil. No território brasileiro os imigrantes italianos tiveram em termos sociais, econômicos e religiosos uma nova possibilidade de recomeçar suas vidas. No Rio Grande do Sul, tivemos a formação de quatro núcleos coloniais a partir de 1870: Dona Isabel (atual Bento Gonçalves), Conde D’Eu (atual Garibaldi), e Fundos de Nova Palmira, (atual Caxias do Sul). Por último, tivemos a criação da chamada *Quarta Colônia de Imigração Italiana* (1875), que posteriormente chamaria-se de Colônia Silveira Martins.

Na nova terra, os imigrantes italianos tiveram, a partir da religião, um modo de reforçar sua identidade através da religiosidade popular e do catolicismo romanizado. Para isso, os imigrantes buscaram recriar seu universo simbólico no território brasileiro. Isso tudo, reuniu-se através de um patrimônio religioso

alavancado pelo esforço dos imigrantes para demarcar a presença do sagrado em suas comunidades.

O início da vida comunitária em Vale Vêneto, foi marcado pela fé, devoção popular e pela coletividade. As relações de vizinhança, como emprestar o próprio instrumento de trabalho, criava laços de amizade tornando, muitas vezes, o vizinho como parte da família. Paulo Bortoluzzi, uma das lideranças comunitárias, logo tratou de buscar autonomia para a localidade.

O sentimento religioso também ligava-se a vontade de desenvolver a comunidade. Sendo assim, os colonos logo trataram de buscar padres. O sacerdote era muito respeitado entre os italianos devido a sua posição ocupada no campo religioso. Às vezes, o sacerdote era o mais bem escolarizado em comparação ao colono. Muito, além disso, a importância do padre estava pelo que ele representava, ou seja, ele era um mediador entre os fiéis e Deus.

Isso, no entanto, não significava que os colonos fossem de forma integral submetido à autoridade eclesiástica. Em Vale Vêneto, os desentendimentos entre padre Sório e os colonos, demonstraram que os imigrantes não abririam mão de sua autonomia, nem que para isso tivessem que encerrar o contrato com o referido padre e buscar outros que estivessem mais comprometidos com a comunidade, como de fato aconteceu.

Nessa conjuntura, a chegada de duas congregações religiosas trouxe mudanças importantes para a vida cotidiana daquela população. As novas lideranças religiosas vieram a pedido da própria comunidade, ao mesmo tempo, constituiu-se para a Igreja Católica um fator importante para reforçar o processo de romanização nas colônias italianas. A Igreja via nos imigrantes italianos, que em sua maioria eram católicos, pessoas passíveis de serem condicionadas às práticas e cultos do catolicismo.

Quando em 1886, chegou a Pia Sociedade das Missões, abriu-se um novo horizonte para o desenvolvimento daquela comunidade, naquele momento. A construção de uma Igreja Matriz de grandes proporções, não só poderia causar deslumbramento para os colonos, mas, sobretudo, deve ter causado um sentimento de unidade religiosa, uma forma de legitimar a colônia, que quanto maior sua organização, maior sua superioridade frente aos núcleos colonias vizinhos.

A Igreja Matriz também representava um símbolo religioso, afinal de contas era a casa de Deus, onde fiel entrava e fazia suas preces, participava das

festividades religiosas, batizava seus filhos, faziam-se os casamentos, entre outras tantas atividades. Era o local onde a maioria da população se concentrava aos domingos para assistir a missa, bem como, depois da solenidade conversar com os vizinhos e formar as mais diversas relações sociais.

O Seminário Rainha dos Apóstolos, inaugurado pelos palotinos em 1922, impulsionou as vocações religiosas na região. Evidentemente que não se tratava apenas de uma questão de religiosidade, mas o fator religioso possivelmente pesou muito na escolha de entrar para uma congregação em um plano inicial. A inserção na vida sacramental começava desde cedo, através do incentivo de crianças e jovens às práticas da Igreja.

Uma vez entrado no seminário, começava-se a moldar um novo clero, que para a Igreja, teria que ser mais moralizado e que atendessem aos dogmas romanos. Para os palotinos também era a oportunidade de expandir a congregação pela região. Já para os seminaristas, além do fato de tornar-se sacerdote, o que para muitos era importante devido ao poder e influência que o mesmo tem sobre os grupos, entre outros benefícios da carreira, era uma possibilidade de ascensão social via estudo.

No que concerne às Irmãs do Imaculado Coração de Maria, temos no cenário religioso de Vale Vêneto, a composição de uma educação de ensino confessional que atendia jovens e crianças da região. Aliada ao projeto de romanização, essa educação primava pelo ensino católico através de preceitos de ordem social e moral que somente através da Igreja Romana se manteria. Com isso, as irmãs tiveram um papel fundamental no sentido de mesclar a religião e educação dentro de um mesmo campo, ao qual, pôde se afastar as estudantes do ensino laico e das ideias modernas, nocivas às freiras. Para isso, mantinham-se atividades ligadas a Igreja, como também, aprendiam-se trabalhos que valorizassem as virtudes da mulher, como as aulas de corte e costura, formando as futuras moças do lar.

A religião e também a religiosidade são categorias que convivem concomitantemente dentro do campo religioso. Em Vale Vêneto, a religião da maioria da população era católica, essa religiosidade era expressada através da construção de obras que constituiu um substrato na vida dos imigrantes italianos daquele núcleo colonial.

Com isso, procuramos demonstrar que esse grupo de imigrantes estavam engajados em um projeto de vida na localidade e que à Igreja Católica foi primordial

para este grupo. A Igreja católica junto com os imigrantes, constituíram um patrimônio religioso que permitiu aos emigrados organizar um centro comunitário católico.

A educação religiosa, foi nesse sentido, uma forma de manter os imigrantes italianos alinhados à doutrina que eles acreditavam. Ressalta-se que essa educação não foi totalmente imposta, os imigrantes custearam a vinda de congregações religiosas para a comunidade. Pois, os colonos queriam manter um vínculo com a Igreja, e a educação era uma maneira de atrair as crianças para o mundo cristão, formando sua prole nos ensinamentos católicos, as quais passariam seus costumes e crenças às outras gerações.

## REFERÊNCIAS

### Bibliográficas

ALEXANDRINO, Artur Diego da Silva. **Na passarela da tradição**: memórias e representações da formação do docente no Colégio Dom Feliciano – Gravataí/RS (1970/1990). 2015. 166 p. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2015. Disponível em: <[http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4911/Artur%20Diego%20da%20Silva%20Alexandrino\\_.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4911/Artur%20Diego%20da%20Silva%20Alexandrino_.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 23 jul.2017.

ALVES, Eliana Rela. “**Fides Nostra, Victorian Nostra**”: Os italianos católicos e o processo de aquisição do poder político na intendência de Caxias (1890-1924). 1995. 122 p. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1995. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000296.pdf>>. Acesso em: 11 set.2017.

ALVIM, Zuleika M. F. O Brasil italiano (1880-1920). In: FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: Edusp, 1999.

ANDREOTTI, Azilde Lina. A administração Escolar na Era Vargas e no Nacional-Desenvolvimentismo (1930 - 1964). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p.102-123, ago.2006. Disponível em: <[https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4916/art8\\_22e.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4916/art8_22e.pdf)>. Acesso em: 31 out.2016.

ARAGÃO, M.; FREITAS, A. G. B. Práticas de castigos escolares: enlaces históricos entre normas e cotidiano. **Conjectura**: Filosofia e Educação (UCS), Caxias do Sul, v. 17, n. 2, p. 17-36, maio./ago.2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/1648/1024>>. Acesso em: 20 jul.2018.

AZEVEDO, Soares D'. **Uma vida e uma obra**: 1º centenário da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Rio de Janeiro: [s.n.], 1949a.

\_\_\_\_\_. **Uma vida e uma obra**: 1º centenário da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Rio de Janeiro: [s.n.], 1949b.

AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). **Família, mulher, sexualidade e Igreja na História do Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

\_\_\_\_\_. **O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular**. Petrópolis: Vozes, 1977.

BENCOSTTA, M. L. A. Cultura escolar e história eclesiástica: reflexões sobre a ação romanizadora pedagógica na formação de sacerdotes católicos e o Seminário Diocesano de Santa Maria (1915-1919). **Cadernos CEDES** (Impresso), Campinas,

v. 20, n. 52, p. 88-103, nov.2000. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a07v2052.pdf>>. Acesso em: 31 ago.2018.

BENEDUZI, Luis Fernando. **Imigração italiana e catolicismo**: entrecruzando olhares, discutindo mitos. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

BELÉM, F. M. O Reordenamento do Clero do Rio Grande do Sul: a atuação incisa do Bispo Dom Sebastião Dias Laranjeira. In: **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**. v. 3 n. 5, p.132-137, jul.2011. Disponível em: <  
<https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/viewFile/92/91>>. Acesso em: 10 abr.2017.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira**, O Brasil Republicano, Tomo III, v.11. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2007, p.337-421.

\_\_\_\_\_. O clero italiano no Brasil. In: BONI, Luís A. de (Org.). **A presença italiana no Brasil**. v. 1. Porto Alegre: EST/Fundazione Giovanni Agnelli, 1987, p. 34-62.

BERTONHA, João Fábio. **Os Italianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BELTRÃO, Romeu. **Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho**: 1º volume (1787-1930). Santa Maria: Pallotti, 1958.

BIASOLI, Vitor Otávio F. **O Catolicismo Ultramontano e a Conquista de Santa Maria** (1870/1920). Santa Maria: editora UFSM, 2010.

BOLZAN, Moacir. **Quarta Colônia**: da fragmentação à integração. 2011. 348 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale dos Rios dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2011. Disponível em:  
<<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/MoacirBolzan.pdf>>. Acesso em: 15/07/2018.

BONFADA, Genésio. **Os palotinos no Rio Grande do Sul**. 1886 a 1916: fim da Província Americana. Porto Alegre: Editora Pallotti, 1991.

BONI, Luís A. de; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 3.ed. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul UCS, 1984.

BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. Esporte e Religião: Manifestações esportivas e movimentos. In: DACOSTA, Lamartine Pereira (Org.). **Esporte no Brasil**: Século XX - Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: SHAPE/CONFEEF, 2005, p. 771. Disponível em: <<http://www.listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>>. Acesso em: 28 ago.2018.

BORIN, M. R. A “boa imprensa” e a “imprensa ímpia”: embates entre agentes sociais católicos e espíritas no Rio Grande do Sul. In: **XXVII Simpósio Nacional de História Conhecimento histórico e diálogo social**, 2013, Natal/RN, 2013. Disponível em:

<[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364766826\\_ARQUIVO\\_TextoMarta-ANPUH-Natal2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364766826_ARQUIVO_TextoMarta-ANPUH-Natal2013.pdf)>. Acesso em 25 set.2018.

\_\_\_\_\_. **Por um Brasil Católico: tensão e conflito no campo religioso da república.** 2010. 352 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale dos Rios dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4550>>. Acesso em: 10 mar.2017.

BORTOLUZZI, Octávio Cirillo. **Documentário: Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria.** 2. ed. Porto Alegre: Gráfica Dom Bosco, 1996.

BOSCHILIA, R. T. Juventude, ultramontanismo e educação católica. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v. 43, n. 2, p. 87-102, 2005. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/7864/5545>>. Acesso em: 18 mai.2017.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** 6º edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico.** Tradução de Fenando Tomaz. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOXER, Charles Ralfh. **A Igreja e a expansão ibérica (1440-1770).** Lisboa: Edições 70, 1978.

BRUM NETO, Helena. **Os Territórios da Imigração Alemã e Italiana do Rio Grande do Sul.** 2012. 331 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, 2012. Disponível em: <[http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/dis\\_teses/12/dr/helena.pdf](http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/dis_teses/12/dr/helena.pdf)>. Acesso em: 14 jun.2017.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL – REGIONAL RS. **História da vida religiosa no Rio Grande do Sul,** Porto Alegre: EST Edições, 2007.

CONSTANTINO, Núncia S. de. **O italiano da esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrense.** Porto Alegre: EST, 1991.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

CESCA, Olivio. **Faxinal do Soturno: sua história sua gente.** Gráfica e editora Rainha, 1977.

DALLABRIDA, Norberto. Das escolas paroquiais às PUCs: república, recatolicização e escolarização. In: STEPHANOU, Maria, BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). 4. ed. **Histórias e memórias da educação no Brasil.** Vol.III: Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p.77-86.

\_\_\_\_\_. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação** (PUCRS. Impresso), Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 185-191, maio./ago. 2009. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/5520/4015>>. Acesso em: 31 out.2018.

DALMOLIN, Aline R. **A Rainha de Lauro Trevisan**: modernização e religiosidade. 2007. 153 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/2609/rainha%20de%20Lauro%20Trevisan.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 mar.2018.

DEL PRIORE, M. L. M. O Cotidiano da Criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In: DEL PRIORE, M. L. M. (Org.). **História das Crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DREHER, Martin Norberto. **A Igreja latino-americana no contexto mundial** / 3. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2007.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ERTHAL, D. **A influência Palotina no ethos cultural das populações de imigrantes e descendentes de italianos em Vale Vêneto**. 2005. 100 p. Dissertação (Mestrado em Integração Latino-americana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2005.

FIGUEIRA, Patrícia Ferreira Fernandes. **Lourenço Filho e a Escola Nova no Brasil**: estudo sobre os Guias do Mestre da série graduada de leitura Pedrinho. 2010. 100 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, SP, 2010. Disponível em: <[http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao\\_escolar/2082.pdf](http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/2082.pdf)>. Acesso em: 21 out.2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GIOLO, J. Estado & Igreja na implantação da República Gaúcha: a educação como base de um acordo de apoio mútuo. **SÉRIE-ESTUDOS** (UCDB), Campo Grande, v. 27, p. 243-256, jan./jun. 2009. Disponível em: <[www.serieestudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/download/214/93](http://www.serieestudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/download/214/93)>. Acesso em: 05 out.2018.

GIRON, Loraine Slomp; HERÉDIA, Vania. **História da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

GIRON, Loraine Slomp. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: Dacanal, José Hildebrando (org.). **RS: imigração & colonização**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

HERÉDIA, V. B. M. Família Italiana no Rio Grande do Sul. In: Ana Silvia Volpe Scott, José Carlos Cardozo, Denize Terezinha Leal Freitas, Jonathan Fachini da Silva. (Org.). **História da família no Brasil Meridional**: temas e perspectivas. 1 ed. São

Leopoldo: Oikos-Edi.Unisnos, 2014, p. 333-357. Disponível em:  
<<http://oikoseditora.com.br/files/Ehila2.pdf>>. Acesso em: 13 jan.2018.

\_\_\_\_\_. M. O mito do imigrante no imaginário da cultura. **Métis** (UCS). v. 4, n. 8, p. 233-244, jul./dez. 2005. Disponível em:  
<<http://ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1225/848>>. Acesso em: 18 jan.2018.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800**. Petrópolis: Vozes, 1974.

IOP, Pe. Rafael. **Vicente Pallotti e sua obra**. Santa Maria: Pallotti, 1935.

HETTENKOFER, Joannes. **História da Pia Sociedade das Missões (1835-1909)**. Santa Maria: Biblos Editora, 2003.

ITAQUI, J.; VILLAGRÁN, M. A. **Educação patrimonial: a experiência da Quarta Colônia**. Santa Maria: Palloti, 1998.

KLAUCK, S. A imprensa como instrumento de defesa da Igreja Católica e de reordenamento dos católicos no século XIX. **Mneme** (Caicó. Online), v. 11, jan./jul.2011. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/viewFile/1022/973>>. Acesso em 10 mar.2018.

KLEIN, Hebert S. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (Org). **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Edusp, 1999, p.13-17.

KLENK, Henrique. A Ação Católica Brasileira e o Personalismo: origens da abertura ao Personalismo no Brasil. In: XI Jornada do HISTEDBR, 2013, Cascavel. **Anais da XI Jornada do HISTEDBR**, Cascavel, 2013. Disponível em:  
<[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada11/artigos/4/artigo\\_simposio\\_4\\_514\\_klenk.henrique@gmail.com.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/4/artigo_simposio_4_514_klenk.henrique@gmail.com.pdf)>. Acesso em: 31 out.2018.

LEON, Adriana Duarte. O jornal Estrella do Sul como uma estratégia de intervenção no debate educacional na primeira metade de 1930. **Linhas Críticas** (ONLINE), Brasília, v. 23, p. 88-110, mai.2017. Disponível em:  
<<http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/linhascriticas/article/download/5065/4591/>>. Acesso em: 28 ago.2018

\_\_\_\_\_. **A Tradição e a Modernidade: a Igreja Católica e o Debate Educacional no Rio Grande do Sul – 1930/1935**. 2015. 201 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-9VFF66>>. Acesso em 22 fev.2018.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes da Região Colonial Italiana do RS, 1875 a 1930**. Leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita. 2007. 495 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do

Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2068?show=full>>. Acesso em: 11abr.2018.

MACHIOSKI, F. L. Uma luta antiliberal: o forjar da identidade dos imigrantes italianos em Curitiba no final do século XIX. In: II Simpósio Internacional da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR), 2016, Florianópolis. **Anais Eletrônicos do II Simpósio Internacional da ABHR**, Florianópolis, 2016. Disponível em: <[http://www.simpósio.abhr.org.br/resources/anais/6/1469818448\\_ARQUIVO\\_TextoCompletoABHRUmalutaantiliberal.pdf](http://www.simpósio.abhr.org.br/resources/anais/6/1469818448_ARQUIVO_TextoCompletoABHRUmalutaantiliberal.pdf)>. Acesso em: 15 fev.2018.

MAESTRI, Mário. **Breve história do Rio Grande do Sul**: da pré-história aos dias atuais. Passo Fundo: Editora da UPF, 2010.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. 2. ed. Porto Alegre: Est, 2001.

MANOEL, I. A. História, religião e religiosidade. **Revista de Cultura Teológica**, v. 15, n. 59, p. 105-128, abr./jun. 2007. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/15668/11737>>. Acesso em: 20 out.2018.

MARCUZZO, Pe. Clementino. Centenário da chegada das irmãs e fundação do Colégio – Vale Vêneto, 1892 – 1992. Santa Maria: Pallotti, 1992a.

MARIN, Jérri Roberto. “Combatendo nos exércitos de Deus: as associações devocionais e o projeto de romanização da Igreja Católica”, In: MARIN, Jérri Roberto (Org.). **Quarta Colônia**: Novos Olhares. Porto Alegre: EST, 1999, p. 74-94.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Tradição e modernidade conservadoras no catolicismo brasileiro: o Apostolado da Oração e a Renovação Carismática Católica. In: X **Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina: Sociedad y religión en el tercer milenio**. Buenos Aires, 3 a 6 de Octubre, 2000. Disponível em: <<http://www.equiponaya.com.ar/congresos/contenido/XJornadas/pdf/1/1-mau%82s.pdf>>. Acesso em 13 abr.2019.

MAY, Todd. A concepção de liberdade em Foucault. In: TAYLOR, Dianna (Org.) Tradução Fábio Creder. **Michel Foucault**: conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2018.

MERLOTTI, Vania. **O mito do padre entre os descendentes de italianos**. 2 ed. Porto Alegre: EST/ Caxias do Sul: UCS, 1979.

MONTEIRO, Lorena Madruga. **Religião, cultura e política**: o apostolado laico dos jesuítas no RGS e os espaços sociais de atuação. 2011. 363 p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32888?locale-attribute=es>>. Acesso em: 20 set. 2017.

MOURA, Sérgio Lobo de; ALMEIDA, José Maria Gouvêa de. A Igreja na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Org.). **O Brasil Republicano: sociedade e instituições (1889-1930)**. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III, v. 9. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.348-370.

NAGLE, J. Educação na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira, O Brasil Republicano**, Tomo III, v.9. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2006, p. 283-318.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 176-197.

OLIVEIRA, Sônia Machado de. **Gestão Feminina nas Escolas de Sociedade Educação e Caridade**. 2009. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/1994/SoniaOliveiraEducacao.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 out.2017.

ORO, Ivo Pedro. **O fenômeno religioso: como entender**. São Paulo: Paulinas, 2013

OTRANTO, Celia Regina; PAMPLONA, Ronaldo Mendes. Educação Profissional do Brasil Império à Reforma Capanema: dicotomia na educação e na sociedade brasileira. In: **V Congresso Brasileiro de História da Educação**, Aracajú, 2008. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/873.pdf>>. Acesso em: 31 out.2018.

PAZUCH, Giovane. **Imigração italiana na Colônia de Antônio Prado - RS: catolicismo e sociabilidades (1885-1945)**. 2015. 173 p. Dissertação (Mestre em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2015. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/12901#preview-link0>>. Acesso em: 15 mai.2017.

PEREIRA, Adriana Aires. **Alma de mulher: História e Imagens do Colégio Bom Conselho de Silveira Martins de (1930-1970)**. 2008. 137 p. Monografia (Especialização em História do Brasil) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2008. Disponível em <[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/13423/TCCE\\_HB\\_2008\\_PEREIRA\\_ADRIANA.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/13423/TCCE_HB_2008_PEREIRA_ADRIANA.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 26 out.2018

PIOVESAN, Rosemar F. V. Educação e imigração: a história da escola entre os imigrantes italianos. Quarta Colônia. In Marin, Jérri (org). **Quarta Colônia: Novos Olhares**. Porto Alegre: Edições Est, 1999, p. 95-109.

PIZANI, Maria Angelica Pinto Nunes. **O cuidar na atuação das Irmãs de São José De Moutiers na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba (1896-1937)**. 2005. 226 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2005. Disponível em: <<http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2005/Mariaamgelicapintonunespizani.pdf>> Acesso em 03 nov.2018.

POSSAMAI, Paulo. **“Dall'Italia siamo partiti”**: A questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005.

QUAINI, Pe. João Baptista. **Origem Histórica da Província Nossa Senhora Conquistadora** – Primeira Parte (1886-1954). Santa Maria: Biblos, 2016.

RAMOS, Marcos Antonio. Estado e Iglesia: hacia la separacion. In: AYALA MORA, Enrique; POSADA CARBÓ, Eduardo (Orgs.). **Historia General de América Latina VII**. Los proyectos nacionales latinoamericanos: sus instrumentos y articulaciones, 1870-1930. Paris, Madri: Unesco Trotta, 2008, p. 258-267.

RECH, G. L. Atendendo aos pedidos: os padres josefinos em Quinta e Ana Rech. In: Isabel Cristina Arendt; Marcos Antonio Witt; Rodrigo Luis dos Santos. (Org.). Migrações: **Religiões e Espiritualidade**. 1ed. v. 1. São Leopoldo: Editora Oikos Ltda, 2016, p. 55-73.

REMER, M. M. Z.; STENTZLER, Márcia Marlene. Método Intuitivo: Rui Barbosa e a preparação para a vida completa por meio da educação integral. In: IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE e no III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia - ESBPp, 2009, Curitiba. **Anais do IX Congresso Nacional de Educação**. Curitiba: Champagnat, 2009. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2908\\_1161.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2908_1161.pdf)>. Acesso em: 21 out.2018.

SANTIN, Silvino. **A imigração esquecida**. Porto Alegre: Est, 1986.

SANTOS, Claudia Medianeira dos. **A educação feminina**: Escola de Artes e Ofícios Santa Terezinha no município de Santa Maria/RS – um estudo de caso. 2004. 87 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/7294/claudia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 26 out.2018.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**: o desenvolvimento da Colônia Silveira Martins (RS). Porto Alegre: EST, 2003.

SCARPIM, Fábio Augusto. Memórias da Infância nas colônias italianas de Campo Largo, Paraná. In: XIII Encontro Nacional de História Oral: História Oral, práticas educacionais e interdisciplinaridade, 2016, Porto Alegre. **Anais eletrônicos do XIII Encontro Nacional de História Oral**: História Oral, práticas educacionais e interdisciplinaridade. Porto Alegre: Associação Brasileira de História Oral, 2016. Disponível em: <[http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1461947050\\_ARQUIVO\\_TextoMemoriasdainfanciascoloniasitalianasdeCampoLargo.pdf](http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1461947050_ARQUIVO_TextoMemoriasdainfanciascoloniasitalianasdeCampoLargo.pdf)>. Acesso em: 14 jul.2017.

\_\_\_\_\_. A Igreja Católica e o recrutamento de vocações religiosas nas áreas de imigração italiana no Paraná (Décadas de 1940 a 1960). In: XII Encontro Nacional

de História Oral, 2014, Teresina. **Anais do XII Encontro Nacional de História Oral**, Teresina, 2014. Disponível em: <[http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397130457\\_ARQUIVO\\_TextoCompletoalgrejaCatolicaeorecrutamentodevocacoesreligiosas.pdf](http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397130457_ARQUIVO_TextoCompletoalgrejaCatolicaeorecrutamentodevocacoesreligiosas.pdf)>. Acesso em: 12 out.2017

SEYFERTH, G. **Imigração no Brasil**: os preceitos de exclusão. Campinas: SBPC/LABJOR, 2000. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/migracoes/migr03.htm>>. Acesso em: 10 mar.2017.

SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. Os seminários: crise, experiências, e síntese. In: SANCHIS, Pierre (Org.). **Catolicismo**: modernidade e tradição. São Paulo: Edição Loyola, 1992.

SANTOS, W. S.; GOMIDE, D. C.; SOUZA, D. M. R. Estado e Educação no período do Nacional-Desenvolvimentismo: 1945-1964. In: IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas HISTEDBR, 2012, João Pessoa. **Anais do IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas HISTEDBR**. João Pessoa: Editora da UFPB, João Pessoa, 2012. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/2.27.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/2.27.pdf)>. Acesso em: 20 out.2018.

SILVA, Daniele Hungaro da. **Inovações educacionais nos anos de 1870 a 1890**: Coeducação dos sexos e método intuitivo. 2012. 26 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2012. Disponível em: <[http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos\\_2012/DANIELE\\_HUNGARO\\_DA\\_SILVA.PDF](http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos_2012/DANIELE_HUNGARO_DA_SILVA.PDF)>. Acesso em: 18 out.2018.

SILVA, Paulo Julião da. A Igreja Católica e as Relações Políticas com o Estado na Era Vargas. In: **XIII Simpósio Nacional da ABHR**, 2012, São Luís. Anais do XIII Simpósio Nacional da ABHR, 2012. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/456/391>>. Acesso em: 31 out.2018.

SILVA, F. R. A capela como ponto de referência religiosa e cultural para a formação dos primeiros povoados da imigração italiana na região norte do RS. In: **8 Bienal del Colóquio de Transformaciones Territoriales: Territorio y Territorialidades en Movimiento**, Buenos Aires, 2010. Disponível em: <<http://www.augm-cadr.org.ar/archivos/8va-bienal/MV.37.doc>>. Acesso em 12 abr.2017.

SILVA, Ricardo Tadeu Caires. O fim do tráfico atlântico de escravos e a política de alforrias no Brasil. In: **Vi Seminário do Trabalho** – Trabalho, economia e educação no século XXI, Marília, 2008. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/ricardotadeucairesilva.pdf>>. Acesso em: 11 mar.2017.

SKIDMORE, Thomas. **Uma História do Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SOUZA, Ioneide M. P. B. **As Filhas de Maria: uma História Social da Pia União**. 2009. 160 p. Dissertação (Mestre em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3810/1/ioneidemariapiffanobrion.pdf>>. Acesso em: 21 mar.2017.

SOUZA, Ney de. Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, v. 14 - n. 55 - abr/jun 2006. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15033/11226>>. Acesso em: 31 out.2018.

TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. **A missa e o culto vistos do lado de fora do altar**: religião e vivências cotidianas em duas comunidades eclesiais de base do bairro Petrolândia, Contagem - MG. 1997. 373 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1997. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12102001-195326/pt-br.php>>. Acesso em: 28 fev.2018.

TREVISAN, Máximo. **Idéia e doutrina do Apostolado Católico do Beato Vicente Pallotti**. Santa Maria: Pallotti, 1955.

TURA, Joselaine Aparecida Garret. **Capitéis**: fé e religiosidade na Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul (Nova Palma 1890 - 1925). 2012. 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS, 2012.

VALDEMARIN, Vera Teresa. O método Intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=4SlzDwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=O+legado+educacional+do+s%C3%A9culo+XX+no+Brasil+PDF&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwinzsvAkJJeAhXlqFkKHVySAnYQ6AEIJzAA#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 21 out.2018.

VALDUGA, Gustavo. **“Paz, Itália, Jesus”**: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense (1930 – 1945). 2007. 2005 p. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3962/1/000392603-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 29 dez.2017.

VANNINI, I. A.; KUMMER, R. História dos Jovens: o mercado matrimonial de imigrantes italianos na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (RCI). Colônia de imigração de Guaporé (1907-1917). In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis: ANPUH, 2015. Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1424110605\\_ARQUIVO\\_Doc\\_HistoriadosJovens\\_omercadomatrimonialdeimigrantesitalianosnaRegiaoColonialItaliana](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1424110605_ARQUIVO_Doc_HistoriadosJovens_omercadomatrimonialdeimigrantesitalianosnaRegiaoColonialItaliana)>

doRioGrandedoSulRCI.ColoniadeimigracaodeGuapore\_1907-1917.pdf>. Acesso em: 17 out.2018.

VENDRAME, Máira Ines. **Ares de vingança**: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910). 2013. 478 p. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3909/1/000446790-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 14 jul.2017.

\_\_\_\_\_. O audacioso projeto de um imigrante vêneto: aspectos da imigração italiana no sul do Brasil (1878). In: XXI Encontro Estadual de História - Trabalho, Cultura e Memória, 2012, Campinas. **Anais do XXI Encontro Estadual de História: trabalho, cultura e memória** - ANPUH-SP. São Paulo: Anpuh-SP, 2012. Disponível em:<[http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1357749747\\_ARQUIVO\\_MAIRAINESVENDRAME-ANPUH2012.pdf](http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1357749747_ARQUIVO_MAIRAINESVENDRAME-ANPUH2012.pdf)>. Acesso em 10 mar.2017.

\_\_\_\_\_. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”**: A organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877- 1914). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

VELASQUEZ, Cinara Dalla Costa. **Memórias da Escola Nossa Senhora de Lourdes**, RS: Narrativas da Experiência Educativa em uma Instituição Confessional Católica (1960-1970). 2016. 220 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/3504/VELASQUEZ%2c%20CINARA%20DALLA%20COSTA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17 ago.2017.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 497-517.

VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a Maçonaria e a “questão religiosa” no Brasil**. 2º edição, Brasília: Unb, 1981.

VIZZOTTO, Jacinta Maria Pivetta. **História de fé e trabalho**: bens culturais de Vale Vêneto. 2014. 259 p. Dissertação (Mestre em Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014. Disponível em: <[http://cascavel.ufsm.br/tede//tde\\_arquivos/39/TDE-2014-12-19T170626Z-5844/Publico/VIZZOTTO,%20JACINTA%20MARIA%20PIVETTA.pdf](http://cascavel.ufsm.br/tede//tde_arquivos/39/TDE-2014-12-19T170626Z-5844/Publico/VIZZOTTO,%20JACINTA%20MARIA%20PIVETTA.pdf)>. Acesso em: 28 ago.2017.

WALLHOF, Hans. **Mosaico de um Santo**. Santa Maria: Pallotti, 2000.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Centauro, 2000.

ZANINI, Maria Catarina. **Italianidade no Brasil meridional**. A construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

\_\_\_\_\_. Fé escrita: elementos literários da imigração italiana no Sul do Brasil. **TESSITURAS**, Pelotas, v.1, n.1, p.21-44, jul.dez. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/viewFile/2717/2655>>. Acesso em: 05 fev.2017.

#### Sites

<https://www.valeveneto.net/Ex-Alunos>. Acesso em: 10 ago.2018.

<http://revistarainha.com.br/quem-somos>. Acesso em: 12 mar.2018.

<https://www.redeicm.org.br/maossolidarias/fundadora-barbara-maix/>. Acesso em: 27 mai.2018.

<https://www.icm-sec.org.br/historico/>. Acesso em: 27 mai.2018.

<https://sac.info/storia-della-societa-2/?lang=pt-br>. Acesso em 20 fev.2018.

[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651118\\_apostolicam-actuositatem\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html). Acesso em 22 fev.2018.

[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_30121988\\_christifideles-laici.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html). Acesso em 22 fev.2018.

<http://w2.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembris-1864.html>. Acesso em: 14 jan.2018.

#### Fontes Consultadas

##### **1 Documentos pesquisados no Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes (AENSL) – Vale Vêneto/RS**

Álbum nº 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto (1992).

##### **2 Documentos pesquisados no Acervo Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo – Vale Vêneto/RS**

Álbum de fotografias.

Livro de orações do Apostolado da Oração, *Lembrança da minha entrada no Apostolado da Oração*, de Josi Mainardi.

##### **3 Documentos pesquisados na Biblioteca de Teologia da Faculdade Palotina de Santa Maria/RS (FAPAS)**

Revista Rainha dos Apóstolos (1923 1926,1927 e 1929).

##### **4 Documentos pesquisados no Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS**

CERETTA, Antônio. História de Vale Vêneto (1877-1886), 1941 (tradução do autor da escrita original de 1894). Caixa 2. Missão Brasileira: Histórico (Vale Vêneto, São João do Polêsine), biografias, entrevistas, depoimentos, relação de nomes dos padres e irmãos, listas.

Envelope com fotografias de Vale Vêneto/RS.

Jornal Atalaia. Seminário Rainha dos Apóstolos – Vale Vêneto (1953-1997).

Jornal O Pirlampo. Seminário Rainha dos Apóstolos – Vale Vêneto (1953-1997).

Livro de Atas Consulta da Casa Seminário Rainha dos Apóstolos (1954 -1966).  
Seminário Rainha dos Apóstolos – Vale Vêneto (1896-1970).

Livro de Atas Reunião de Professores Seminário Rainha dos Apóstolos (1954-1970).  
Seminário Rainha dos Apóstolos – Vale Vêneto (1896-1970).

Pesquisas feitas pelo Pe. Otávio Bortoluzzi relaciona aos anos da Missão Brasileira 1899. Caixa 4. Missão Brasileira: históricos, biografias, memórias, explicações de evangelhos (1886-1909).

PROBST, Carlos. **História da Província Americana da Pia Sociedade das Missões** (PSM – PALOTINOS). Londrina: 1989. Texto datilografado.

Telegrama avisando a Paulo Bortoluzzi e ao povo de Vale Vêneto, da chegada dos padres palotinos em 19 de julho de 1886. A tomada da posse foi dia 25 de junho. Caixa 3. Missão Brasileira: cartas, tradução de ata dos fabriqueiros, inventários, livro-caixa, cópias do livro tombo, decreto, atestado, recibo, telegrama.